



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

REJANE VIEIRA DE SOUZA

**A AUXILIARIDADE DO VERBO *IR* NA CONSTITUIÇÃO DO TEMPO: UMA
DESCRIÇÃO CENTRADA NO USO**

GOIÁS, 2025

REJANE VIEIRA DE SOUZA

**A AUXILIARIDADE DO VERBO *IR* NA CONSTITUIÇÃO DO TEMPO: UMA
DESCRIÇÃO CENTRADA NO USO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina - para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos de Linguagem e Interculturalidade.

Orientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros

GOIÁS, 2025

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Rejane Vieira de Souza

E-mail: rejane.v.souza@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: A auxiliaridade do verbo *ir* na constituição do tempo: Uma descrição centrada no uso

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa: Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação do documento

SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 27 de maio de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br REJANE VIEIRA DE SOUZA
Data: 27/05/2025 14:13:22-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br DEBORAH MAGALHAES DE BARROS
Data: 28/05/2025 09:12:05-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Assinatura autor(a)

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

| | |
|-------|---|
| S729a | <p>Souza, Rejane Vieira de.</p> <p>A auxiliaridade do verbo “ir” na constituição do tempo : uma descrição centrada no uso [manuscrito] / Rejane Vieira de Souza. – Goiás, GO, 2025.</p> <p>155 f. ; il.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2025.</p> <p>1. Linguística cognitivo-funcional. 1.1. Gramática de construções. 1.2. Língua - uso. 1.3. Auxiliaridade - verbo ir.</p> <p>I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 81'36(817.3)</p> |
|-------|---|

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 08/2025

Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e cinco às treze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Rejane Vieira de Souza, intitulado “**A AUXILIARIDADE DO VERBO IR NA CONSTITUIÇÃO DO TEMPO: UMA DESCRIÇÃO CENTRADA NO USO**”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Déborah Magalhães de Barros – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Leosmar Aparecido da Silva (UFG), Dr. Eleone Ferraz de Assis (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (x) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver):

Cumpridas as formalidades de pauta, às 15:30 a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 28 de _____ março _____ de 2025.

gov.br **DEBORAH MAGALHAES DE BARROS**
 Documento assinado digitalmente
 Data: 16/04/2025 06:07:10-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)

gov.br **LEOSMAR APARECIDO DA SILVA**
 Documento assinado digitalmente
 Data: 16/04/2025 09:37:21-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (UFG)

gov.br **ELEONE FERRAZ DE ASSIS**
 Documento assinado digitalmente
 Data: 16/04/2025 21:49:32-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis (POSLLI/UEG)

AGRADECIMENTOS

A Deus, o centro da minha vida, por esta vitória, sabedoria diária e presença constante em todos os momentos;

À Professora Dra. Déborah Magalhães de Barros, pela orientação, cuidado, carinho, enfim, por tudo que passamos no decorrer desse período de estudo. (Déborah, como foi bom te encontrar depois de tanto tempo para vivermos essa experiência!);

Ao Professor Dr. Leosmar Aparecido da Silva, por não só contribuir no exame de qualificação, mas por se colocar à disposição para sanar minhas dúvidas e aceitar fazer parte da banca de defesa. (Leosmar, como fiquei feliz em te encontrar depois de alguns anos!);

Ao professor Eleone Ferraz, por aceitar fazer parte da banca de defesa (foi meu professor na educação básica, graduação e mestrado. Estou muito feliz em o ter aqui também!);

Ao Professor Dr. Agameton Ramsés Justino, pelas sugestões dadas no exame de qualificação;

Às professoras Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira e Dra. Mírian Serqueira, por participarem como suplentes da banca;

Aos professores do Posli, pelas contribuições dadas nas disciplinas;

Ao meus pais, Aurení e Sebastião, pelo apoio e amor incondicional (Mãe, essa vitória também é da senhora; da mulher que tinha como maior sonho estudar);

Ao meu esposo, Sebastião, pelo companheirismo, incentivo, cuidado e apoio incondicional nessa jornada (Saiba que tudo isso tornou esse processo mais leve e foi fundamental para a realização deste trabalho);

Aos meus irmãos, Eliane e Tiago, pelo apoio e por acreditarem em mim sempre;

Às minhas amigas, Andressa, Meyrelly, Rosania, Luana e Mariana, pelo incentivo, por acreditarem que esse sonho era possível e por todo apoio nesse tempo de estudo (meninas, vocês são muito especiais para mim!);

Aos meus colegas de turma, pela troca de experiências e aprendizado, em especial à Elizângela e à Cíntia pelo companheirismo, incentivo e caminhada no mundo funcionalista;

À Maria Olívia, companheira de estudos, pelo apoio e parceria nos estudos funcionalistas;

À Coordenação, à Secretaria e aos funcionários do programa, pela disponibilidade de sempre, cuidado e seriedade no trabalho;

À Fapeg, pelo incentivo financeiro, o qual foi extremamente importante para realização deste trabalho.

*Aqueles que confiam no Senhor são como o monte
Sião: nunca se abala, está firme para sempre.*

(Salmo 125:1)

SOUZA, Rejane Vieira. *A auxiliaridade do verbo ir na constituição do tempo: uma descrição centrada no uso*. 2025. 155f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2025.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a auxiliaridade verbal em construções com o verbo *ir*, conjugado na primeira e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Para chegar a essa pessoa verbal, foi realizada uma busca nos tempos presente e futuro do verbo em estudo para identificar os mais frequentes para análise. A fim de alcançar o objetivo deste trabalho, foram adotados os estudos da língua a partir de uma perspectiva teórica dos modelos baseados no uso, por meio de uma pesquisa mista, quantitativa e qualitativa. Os dados são de língua em uso de moradores da cidade de Goiás, extraídos de 12 entrevistas do banco de dados do Fala Goiana, considerando o sexo e a faixa etária. A pesquisa fundamenta-se nas bases teóricas de Bybee (2010, 2016), Croft (2001), Ferrari (2021), Fillmore (1982), Givon (2001), Goldberg (1995, 2006, 2013), Lakoff (1990), Lakoff; Jhonson (1980a e b), Langacker (2008), Lopes (2022), Martelotta (2023), Martelotta; Palomanes (2023), Neves, (2012, 2018, 2022), Silva (1997) e Traugott; Trousdale (2021) para uma abordagem da língua na perspectiva teórica dos modelos baseados no uso, integrando contribuições da Gramática de Construções e da linguística cognitivo-funcional. Para aprofundar os estudos acerca da auxiliaridade verbal, além de alguns autores já citados acima, tem-se como apoio Castilho (2014), Hopper (1982) e Ilari; Basso (2014). A pesquisa analisou perífrases de auxiliaridade de *ir* encontradas no banco de dados, sendo as formações *ir* + infinitivo e *ir* + gerúndio. Através da pesquisa quantitativa, foi possível identificar que *ir* + infinitivo é a formação mais frequente entre os falantes e que a ideia de movimento está relacionada com as duas formações encontradas nos dados, porém com características distintas: *ir* + infinitivo é temporal e *ir* + gerúndio aspectual. Na análise dos dados, foram encontradas ainda outras construções que fogem do que é considerado comum, mas que são funcionais, já que todas estão a serviço da argumentação nas situações interativas. Assim, foi possível constatar a variedade de construções com o verbo *ir* como auxiliar, bem como a sua produtividade pela quantidade de ocorrências encontradas no banco de dados, comprovando que o uso dessas construções é fruto da capacidade cognitiva do falante.

PALAVRA-CHAVE: Língua. Uso. Auxiliaridade. Verbo *ir*.

SOUZA, Rejane Vieira. *The auxiliarity of the verb ir in the constitution of time: a description centered on use*. 2025. 155f. Dissertation (Master's in Language, Literature and Interculturality) – Cora Coralina Campus, State University of Goiás, Goiás, 2025.

ABSTRACT

This work has as goal to analyze the verbal auxiliary in constructions with the verb *ir* conjugated in the first- and third-person singular of the present indicative. To reach this verbal person, a search was carried out in the present and future tenses of the verb under study to identify the most frequent ones for analysis. In order to achieve the objective of this work, language studies were adopted from a theoretical perspective of usage-based models, through mixed, quantitative and qualitative research. The data are on the language used by residents of the city of Goiás, extracted from 12 interviews from the *Fala Goiana* database, considering sex and age group. The research is based on the theoretical bases of Bybee (2010, 2016), Croft (2001), Ferrari (2021), Fillmore (1982), Givon (2001), Goldberg (1995, 2006, 2013), Lakoff (1990), Lakoff; Jhonsen (1980a e b), Langacker (2008), Lopes (2022), Martelotta (2023), Martelotta; Palomanes (2023), Neves, (2012, 2018, 2022), Silva (1997) and Traugott; Trousdale (2021) for an approach to language from the theoretical perspective of usage-based models, integrating contributions from Construction Grammar and cognitive-functional linguistics. To deepen the studies on verbal auxiliary, in addition to some authors already mentioned above, we have as support Castilho (2014), Hopper (1982) and Ilari; Basso (2014). The research analyzed auxiliary periphrases of *ir* found in the database, being the formations *ir* + infinitive e *ir* + gerund. Through quantitative research, it was possible to identify that *ir* + infinitive is the most frequent formation among speakers and that the idea of movement is related to the two formations found in the data, but with distinct characteristics: *ir* + infinitive is time-oriented and *ir* + gerund is aspectual-oriented. In the analysis of the data, other constructions were also found that deviate from what is considered common, but which are functional, since they are all used for argumentation in interactive situations. Thus, it was possible to verify the variety of constructions with the verb *ir* as auxiliary, as well as its productivity due to the number of occurrences found in the database, proving that the use of these constructions is the result of the speaker's cognitive capacity.

KEYWORD: Language. Usage. Auxiliary. Verb *ir*.

LISTA DE ABREVIACOES

CFF – Construção Foi Fez

FG – Fala Goiana

GC – Gramática de Construções

LC – Linguística Cognitiva

ME – Momento da Enunciação

MF – Momento da Fala

MR – Momento da Referencia

OD – Objeto Direto

OI – Objeto Indireto

PB – Português Brasileiro

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Relação entre língua, cognição e aspectos sociais/culturais | 23 |
| Figura 2: Diagrama de categorização de Platão | 26 |
| Figura 3: Diagrama de categorização de Wittgenstein | 27 |
| Figura 4: Diagrama de Givón da categorização do agrupamento de protótipo | 28 |
| Figura 5: Relações entre participantes do frame de evento comercial | 30 |
| Figura 6: Relação entre frame e domínio | 31 |
| Figura 7: Hierarquia de domínios | 32 |
| Figura 8: Projeção entre domínios na Metáfora do Conduto | 34 |
| Figura 9: Representação da construção metafórica | 35 |
| Figura 10: Representação da construção segundo Croft | 42 |
| Figura 11: Representação da rede construcional | 45 |
| Figura 12: Gradiência de relações hierárquicas entre construções | 46 |
| Figura 13: Diagrama de tempo de Givón | 57 |
| Figura 14: Representação das referências de tempo | 60 |
| Figura 15: Categorização da frequência do verbo <i>ir</i> auxiliar ajustada à representação de protótipos | 76 |
| Figura 16: Representação da referência do verbo <i>ir</i> lexical <i>ir</i> | 81 |
| Figura 17: Representação de usos do verbo <i>ir</i> | 83 |
| Figura 18: Representação de referência do verbo <i>ir</i> pleno e auxiliar | 85 |
| Figura 19: Semelhanças e diferença entre <i>ir</i> + infinitivo e <i>ir</i> + gerúndio | 89 |
| Figura 20: Rede construcional da auxiliaridade do verbo <i>ir</i> | 93 |
| Figura 21: Rede construcional com os demais usos encontrados nos dados | 94 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 2: Descrição dos <i>corpora</i> | 65 |
| Quadro 3: demonstrativo do recurso utilizado para quantificar o uso de cada construção | 72 |
| Quadro 5: Dados quantitativos das construções perifrásticas do verbo <i>ir</i> nos <i>corpora</i> | 74 |
| Quadro 6: Classificação das formas nominais de V2 nas perífrases com o verbo <i>ir</i> | 78 |
| Quadro 7: Descrição de uso do verbo <i>ir</i> na função lexical..... | 80 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1:Quantitativo de uso do verbo <i>ir</i> nos <i>corpora</i> | 66 |
| Tabela 2: Modelo de tabela usada para selecionar e quantificar os dados por entrevista | 68 |
| Tabela 3: Quantitativo de ocorrências de uso do verbo <i>ir</i> no presente do indicativo detalhada por informante e flexão verbal..... | 71 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: Representação do nível de esquematicidade | 43 |
| Gráfico 2: Frequência de perífrases de gerúndio e das orações adverbiais por séculos, segundo Simões (2007, p. 265)..... | 86 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| CAPÍTULO 1 | 20 |
| PRESSUPOSTOS COGNITIVOS – FUNCIONAIS | 20 |
| 1.1 Modelos Baseados no Uso | 20 |
| 1.1.1 <i>Língua(gem), cognição e aspectos sociais</i> | 21 |
| 1.2 Categorização e prototipia | 24 |
| 1.3 Semântica de Frames | 29 |
| 1.4 Teoria da Metáfora Conceptual | 33 |
| 1.5 A Gramática de Construções como gramática cognitiva | 37 |
| 1.5.1 <i>A Gramática de Construções e as Teorias Cognitivas</i> | 38 |
| 1.5.2 <i>Construções Gramaticais</i> | 41 |
| 1.5.3 <i>Propriedades das construções gramaticais</i> | 43 |
| 1.5.4 <i>A rede construcional</i> | 45 |
| CAPÍTULO 2 | 48 |
| PERCURSO PARA A AUXILIARIDADE | 48 |
| 2.1 A centralidade do verbo na constituição da predicação | 48 |
| 2.2 As perífrases verbais | 49 |
| 2.3 Auxiliaridade | 51 |
| 2.4 Auxiliaridade do verbo <i>ir</i> | 54 |
| 2.5 Conceitos agregados à auxiliaridade: tempo e aspecto | 56 |
| 2.5.1 <i>Tempo verbal</i> | 56 |
| 2.5.2 <i>Aspecto verbal</i> | 61 |
| METODOLOGIA | 63 |
| 3.1 Caracterização da pesquisa | 63 |
| 3.2 O fala Goiana | 64 |
| 3.3 O processo de coleta e análise dos dados | 64 |
| ANÁLISE DOS DADOS | 73 |
| 4.1 A frequência do verbo <i>ir</i> na fala goiana | 74 |
| 4.2 As construções com o verbo <i>ir</i> | 78 |
| 4.3 <i>Ir</i> no sentido lexical | 79 |
| 4.4 <i>Ir</i> auxiliar | 81 |

| | |
|--|------------|
| 4.4.1 <i>Ir</i> + V2 no infinitivo | 81 |
| 4.4.2 <i>Ir</i> + V2 <i>gerúndio</i> | 85 |
| 4.4.3 <i>Ir</i> + <i>ir</i> no <i>gerúndio</i> | 87 |
| 4.5 <i>ir</i> + infinitivo e <i>ir</i> + gerúndio: semelhanças e diferenças | 89 |
| 4.6 Outras situações de uso com o verbo <i>ir</i> | 90 |
| 4.7 A rede construcional da auxiliaridade com <i>ir</i> na fala goiana | 92 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 96 |
| REFERÊNCIAS | 99 |
| APÊNDICES | 103 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga a construção de auxiliaridade na constituição do tempo verbal, especificamente com o verbo *ir*, na busca de analisar e descrever a produtividade e a funcionalidade dessas construções no uso da língua a partir de uma visão cognitivo-funcional. O objetivo geral é investigar e analisar a produtividade e funcionalidade das construções de auxiliaridade para a elaboração do tempo a partir de uma perspectiva teórica baseada no uso em dados de língua em uso que pertencem ao Corpus do Fala Goiana (FG).

O verbo exprime a intenção do enunciado nas sentenças e, por ter propriedades distintas, se transforma em situação de uso. De acordo com Ilari e Basso (2014), o verbo faz parte de uma classe de tradição linguística considerada aberta, pois, a todo momento, ganha novos itens. Isso está ligado a vivência diária, uma vez que o falante está sempre construindo e criando sentenças que são adaptadas às experiências e vão produzindo novas expressões na língua. Sobre esse assunto, Neves (2011, p. 25) discorre que, em geral, são os verbos que formam os predicados nas orações, e é a partir deles que se constroem seus argumentos, considerando quem está na base da predicação e quem é responsável pela construção dos argumentos. A perífrase de auxiliaridade é um exemplo de uso do verbo que mostra como seu uso é dinâmico.

Para Castilho (2014), um sintagma verbal composto tem as unidades ocupadas por dois verbos: o primeiro um verbo auxiliar e o segundo um verbo pleno. Considerando essa afirmação, têm-se as seguintes frases: Eu vou pegar a cadeira. Eu vou pegando a cadeira. Os exemplos mostram o uso do verbo *ir* em situações de auxiliaridade para expressar tempo futuro: o primeiro caso um tempo perfectivo, o segundo, imperfectivo. Para Castilho (2014), tempo e aspecto verbal estão ligados à categoria semântica do verbo, pois são eles que determinam o sentido do enunciado, que representam a fase de desenvolvimento do estado de coisas, que são as ações, os estados e os eventos que são utilizados na fala e na escrita.

Para entender melhor o fenômeno, é indispensável abordar na pesquisa o verbo e como a auxiliaridade acontece no Português Brasileiro, sobretudo na fala goiana, que será norteada no trabalho a fim de alcançar os seguintes objetivos:

- 1º. Investigar quais construções perifrásticas de auxiliaridade com o verbo *ir* conjugado no presente do indicativo são mais utilizadas pelos falantes goianos;
- 2º. Identificar os modelos mais frequentes dessas construções na fala goiana;
- 3º. Investigar como a construção de auxiliaridade verbal atua na constituição de tempo;

4º Investigar, quantificar e classificar os usos do verbo *ir* nos inquéritos que compõem os *corpora*;

5º Analisar os efeitos discursivos dessas construções que fazem com que elas sejam tão produtivas na língua;

6º Mostrar que as construções perifrásticas podem ser relacionadas com uma rede mais ampla de construções da língua, a rede de tempo.

Para conseguir chegar aos objetivos propostos, é fundamental na pesquisa considerar a língua como um sistema adaptativo complexo, Bybee (2016)¹, e, mesmo a língua tendo regularidades de forma e estrutura, ela apresenta uma considerável variação no seu lugar de fala. Essa nova visão de estudo de gramática deixa de lado as regras impostas pela forma e passa a valorizar o significado, o que é convencional para o falante, e são os Modelos Baseados no Uso os responsáveis por estudar a língua na prática, em comunicações mais simples e com a autonomia de inserir na língua novos enunciados, novas possibilidades de estudos.

Para falar dessas nuances da língua, é necessário levar em conta que a estrutura da língua não é fixa, pois, segundo os estudos de Givon (2001), Bybee (2016), Neves, (2018, 2022) e Traugott; Trousdale (2021), ela é motivada por elementos sociais e culturais, cognitivamente articulados, que transformam a língua em um sistema amplo, complexo e dinâmico a serviço da produção de sentidos, possibilitando a interação. Por isso, os Modelos Baseados no Uso compreendem a língua como um instrumento de interação social. Isso, de certa forma, já garante um novo olhar para o estudo de língua, pois um estudo voltado para o que é pragmático na língua vai além das estruturas gramaticais, já que contempla estudos carregados de aspectos sociais e culturais.

Para Bybee (2016), a linguagem deve ser investigada além de processos específicos à língua, pois os processos que geram as estruturas linguísticas não devem ser aplicados apenas aos que são específicos à linguagem, mas também aplicá-los à domínios cognitivos. Com essa visão, os funcionalistas defendem que o processo de aquisição da linguagem vem de uma capacidade cognitiva humana, que envolve as atividades comunicativas. Diante disso, tem-se uma perspectiva funcionalista de cognição que “assume que a linguagem reflete processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos”. (Cunha, 2023, p. 158). Nesse sentido,

¹ Definição dada a partir da leitura de outros autores. (Hopper, 1987; Larsen-Freeman, 1997; Elis; Larsen-Freeman, 2016)

o mecanismo de comunicação reflete o que é elaborado na mente, e o que é elaborado na mente são frutos da vivência em comunidade, do que é produzindo socialmente.

Partindo disso, serão apresentados, no primeiro capítulo, os pressupostos cognitivos-funcionais, ou seja, Modelos Baseados no Uso (MBU), alguns aspectos cognitivos fundamentais para esta pesquisa, como: categorização e prototipia, *frames* e teoria das metáforas conceituais., e, por fim, a Gramática de Construções como gramática cognitiva. A base teórica que compõe esse capítulo vem, além do autor citado anteriormente, de Traugott; Trousdale (2021), Goldberg (1995, 2013, 2006), Neves (2012, 2018, 2022), Croft (2001), Langacker (2008), Lopes (2022), Silva (1997), Ferrari (2021), Martelotta (2023), Martelotta; Palomanes (2023), Bybee (2010), Lakoff (1990) e Fillmore (1982).

Na sequência, no segundo capítulo, será discutido o processo que constrói a auxiliaridade. Para isso, tendo o verbo *ir* como *corpus* deste trabalho, será apresentado como o verbo se constitui na predicação e o caminho percorrido para chegar à auxiliaridade e ao que é chamado de tempo e aspecto verbal. O verbo exprime a intenção do enunciado nas sentenças e, por ter propriedades distintas, se transforma em situação de uso, e a forma como isso acontece é o que torna essa pesquisa possível. Este capítulo se sustenta nas bases teóricas de Castilho (2014), Givon (2001), Hopper (1982), Ilari; Basso (2014) e Neves (2018).

Logo depois, no terceiro capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos, ou seja, o percurso que tornou possível essa pesquisa com a constituição dos *corpora*, o lugar que os dados foram coletados, a maneira que foi realizada a coleta das amostras e como elas foram classificadas para obtenção dos dados quantitativos, os quais são responsáveis por subsidiar a análise e contribuir para responder as perguntas de pesquisa.

Mais adiante, no último capítulo, será feita a análise dos dados na intenção de responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1^a. Quais são as representações predicativas de auxiliaridade mais frequentes com o verbo *ir* na fala goiana?

2^a. Como as construções de auxiliaridade estão sendo usadas na fala goiana?

3^a. Como as construções de auxiliaridade são elaboradas/funcionam na constituição do tempo?

4^a O que essas construções cumprem discursivamente que faz com elas sejam tão produtivas na língua?

5^a. Como essas construções se relacionam com a rede construcional de tempo na fala goiana?

Essas são algumas perguntas que nortearão a pesquisa, buscando comprovar ou não as seguintes hipóteses:

1^a. Que o verbo *ir* é mais usado como verbo auxiliar do que como verbo pleno pelos goianos;

2^a. Que existe uma ampla quantidade de verbos que são auxiliados pelo verbo *ir* pelo fato de seu uso demonstrar tempo e aspecto;

3^a. Que os padrões construcionais da construção verbo auxiliar + verbo pleno é a manifestação de um sistema cognitivo relacionado à predicação.

Ainda neste capítulo, serão mostradas algumas particularidades encontradas nos dados, as quais podem ser importantes para futuras investigações.

Por fim, nas considerações finais, será feito um apanhado geral das análises, abordando todas as perguntas de pesquisa e confirmando ou não as hipóteses levantadas.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS COGNITIVOS – FUNCIONAIS

Esta pesquisa se orientará a partir de pressupostos teóricos voltados para análise da língua em uso. Atualmente, esses pressupostos confluem nos chamados Modelos Baseados no Uso (MBU), os quais reúnem princípios tanto do Funcionalismo Clássico quanto da Linguística Cognitiva. A Gramática de Construções, uma proposta de gramática vinculada à linguística cognitiva, será o aporte teórico principal. São relevantes também para pesquisa outros pressupostos cognitivos-funcionais, tais como categorização e prototipia, *frames* e projeção metafórica.

Este capítulo se constitui de quatro seções. Inicialmente, serão apresentadas as concepções teóricas sobre a língua em uso. Na sequência, em três seções, constam processos cognitivos que sustentam a Linguística Cognitiva, doravante LC, respectivamente, a Categorização, o *frame* e a Metáfora Conceptual. Os pressupostos dessas três primeiras seções do capítulo se justificam porque os MBU se estruturam em torno da concepção de que “a linguagem reflete processos gerais de pensamentos que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos”. (Furtado da Cunha, 2023, p. 158). A quarta e última seção do capítulo apresenta a Gramática de Construções (GC), a gramática cognitiva da língua.

1.1 Modelos Baseados no Uso

A perspectiva de uma análise baseada no uso surge com o Funcionalismo Clássico e se expande para a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções. A reunião de pressupostos dessas correntes é chamada de Modelos Baseados no Uso, um termo genérico, cunhado por Bybee (2010), para designar diversas correntes teóricas que partem do pressuposto de que a língua é uma atividade social, cognitivamente articulada e a serviço da produção de sentidos. É uma análise linguística mais ampla e completa, que só é alcançada a partir da língua em uso. Inicialmente, para melhor compreensão dos pressupostos, é fundamental partir da relação entre língua e cognição.

1.1.1 Língua(gem), cognição e aspectos sociais

Para falar de língua em uso ou MBU é necessário discorrer sobre a relação existente entre língua e cognição. Na corrente teórica funcionalista, esses dois conceitos se conectam pois, de acordo com Bybee (2016), os processos cognitivos são os responsáveis por gerar as estruturas da língua. Dessa maneira, entende-se que não se fala de língua sem considerar os processos que a estruturam, pois a cognição articula a vivência em sociedade que é materializada na língua.

Bybee (2016) compara a língua como as dunas de areia: aparentemente têm regularidade de formato e estrutura, todavia também sofrem variação entre instâncias individuais. Isso vai ao encontro da independência do falante ao organizar a linguagem, defendida por Neves (2022), uma noção própria da gramática a partir de construções discursivos-textuais. Para a autora, “o falante processa sempre (e apenas) estruturas regulares da língua, mas, dentro das restrições construcionais do sistema, é ele que faz as escolhas que podem levar aos resultados de sentido e aos efeitos pragmáticos pretendidos.” (Neves, 2022, p. 31).

De acordo com Bybee (2016), a língua é um sistema adaptativo complexo e, mesmo ela tendo regularidades, como foi dito acima, apresenta uma considerável variação, como a gradiência e as mudanças ao longo do tempo. A gradiência está ligada às categorias da língua ou da gramática que passam por transformações de maneira gradual. Já a variação está ligada ao uso sincrônico da língua relacionada às alterações que surgiram com as mudanças. Esse sistema adaptativo complexo se explica, ainda mais, segundo a autora, porque justifica a possibilidade de os processos cognitivos de domínio geral serem os responsáveis pelos fenômenos estruturais da gramática da língua, haja vista que eles atuam no momento do uso.²

É comum encontrar construções linguísticas que fogem da sistematicidade da língua e causam estranheza. Isso exige do ouvinte um conhecimento do contexto da construção para compreender o seu uso. É nesse momento de emergência da língua que é possível perceber o quanto ela é fluída e o quanto o falante a molda no uso, atribuindo-lhe novos efeitos e significados no momento da interação verbal para satisfazer seu propósito comunicativo. Nesse sentido, Traugott; Trousdale (2021, p. 100) afirmam, que “a língua é adquirida através da exposição a eventos reais de uso”, uma teoria ligada à Tomasello (2003) quando discute a

² Esse assunto será abordado na seção seguinte.

origem do conhecimento humano. Para ele, a aquisição e o desenvolvimento simbólico da língua são dependentes de uma cognição cultural.

A possibilidade de se explicar as estruturas das línguas a partir de elementos da cognição surge com a LC. Para Lopes (2022), a LC é uma abordagem teórica que visa estabelecer as relações do que é próprio do conhecimento linguístico com as práticas humanas, pois são elas as responsáveis por considerar o mundo biofísico social. Dessa forma, o que se fala está relacionado com as práticas do lugar que o falante está inserido e, conseqüentemente, com as relações sociais e culturais. Segundo Bybee (2016), a linguagem deve ser investigada não só com processos específicos à língua, mas com processos humanos, sendo eles reconhecidos como processo cognitivos de domínio geral.

Ainda a respeito disso, uma pergunta relevante foi feita por Martelotta; Palomanes (2023, p. 179), que é a seguinte: Quais os motivos de não separar o conhecimento linguístico do não linguístico? Os autores respondem que, a princípio, não se pode desvincular língua de processos de pensamento, pois estão a todo momento se adequando em contextos reais de uso. Para exemplificar esses processos, considera-se “a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada dos dados.”

Martelotta; Palomanes (2023) ainda citam o aspecto cognitivo de cunho social, que são os fenômenos referentes à interação social. Eles são decorrentes do que se citou anteriormente e, segundo os autores, eles colocam em destaque “a importância do contexto nos *processos de significação* e o aspecto social da cognição humana” (p. 179). Por fim, os autores ainda enfatizam a linguagem como uma maneira de ação, pois é por meio dela que o indivíduo se enquadra em diversos papéis sociais na sua vida diária.

Com essas definições e reflexões acerca de língua, tem-se, em sua prática, um sistema responsável pela consciência linguística por meio de sua realidade cultural e social. Assim, não é possível ignorar fatores sociais e culturais da língua, pois os falantes “vivem a linguagem. E cada sociedade o faz a seu modo” (Neves, 2012, p. 35). Nessa direção, é o contexto de cultura que enfatiza o poder singular e particular da linguagem e propõe reflexão acerca da visão do uso linguístico e da necessidade de compreender seu funcionamento pelo viés social. Desse modo, se não existe natureza humana independente da cultura (Geertz, 2012), pode-se afirmar que a língua é regulada pela cultura e ela se molda a partir de quem a utiliza, em uma determinada sociedade por meio da cognição.

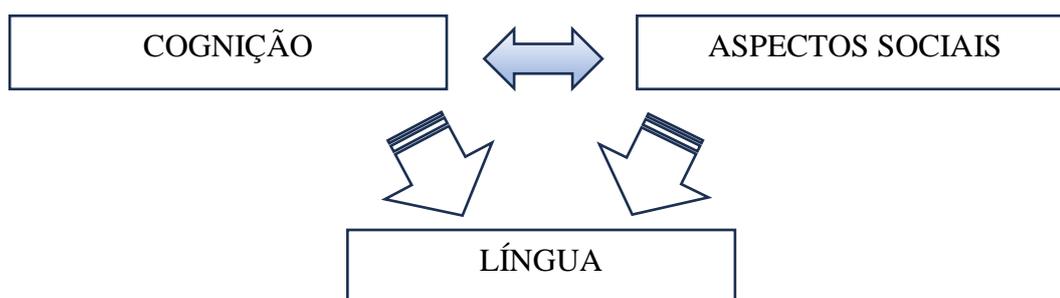
Geertz (2012, p. 38) faz uma reflexão acerca da cultura e seu impacto sobre o homem. Para o autor:

assim como a cultura nos modelou como espécie única - e sem dúvida ainda nos está modelando – assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum – nem ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido.

Nessa condição, se o homem é modelado pela cultura e a língua é o instrumento de comunicação do homem, pode-se afirmar que língua e cultura são indissociáveis, e a cognição é a responsável pela organização e significação de tudo isso. Com essa visão, a língua não é estudada de forma isolada. Seu estudo envolve a cognição que é, segundo Langacker (1997), influenciada pela interação do falante com o mundo.

Sendo assim, pode-se afirmar que língua, cognição e aspectos sociais estão intimamente relacionadas e podem ser representadas da seguinte maneira:

Figura 1: Relação entre língua, cognição e aspectos sociais/culturais



(Fonte: elaboração própria)

Assim, com essas afirmações, tem-se a língua como uma ferramenta intimamente vinculada aos aspectos cognitivos e sociais. Ela acontece/se formula a partir do que se processa cognitivamente, e o que vem da memória está ligado ao conhecimento de mundo, à vivência diária, em um contexto de interação social. Assim, a língua é a responsável por expressar e moldar as vivências sociais e culturais que são conceptualmente processadas e organizadas.

Em alinhamento com os autores citados, metaforicamente, é possível afirmar que a língua é como um barco a vela navegando pelo mar: a água é a representação das regras; os comandantes são os falantes; o vento é o lugar da fala. Assim, os falantes são os condutores desta língua que navega nas regras e determinam qual caminho seguir, considerando, sempre, os ventos ao seu redor.

Por esse motivo se estuda a Língua a partir dos MBU; uma teoria que parte da perspectiva de integração entre a teoria funcionalista e a cognitiva para se explicar fenômenos

da língua em seu funcionamento. Matematicamente, os MBU podem ser representados da seguinte forma:

Funcionalismo + Linguística Cognitiva = MBU.

A soma dessas duas correntes teóricas dá lugar aos MBU, a teoria que preza pelo estudo do uso da língua em sociedade, ou seja, que abrange os processos humanos, vinculando processos específicos à língua a processos sociais.

Sendo assim, como esta pesquisa objetiva explicar fenômenos linguísticos em uso, e por ter os processos cognitivos como ferramenta fundamental para explicar tais fenômenos, nas sessões seguintes serão apresentados alguns desses processos importantes e necessários à análise para, em seguida, tratar da gramática de construções. Vale pontuar que os processos cognitivos são amplos e estudados por diversos teóricos. Neste capítulo, serão apresentados somente aqueles relevantes para alcançar os objetivos da pesquisa, começando pela categorização e prototipia.

1.2 Categorização e prototipia

A categorização integra os processos cognitivos de domínio geral que, associados ao estudo da língua, permite fazer investigações mais robustas acerca da atividade comunicativa do falante. Essa habilidade está presente nas mais variadas práticas diárias, tendo em vista que é a responsável, por exemplo, por organizar as informações na memória.

Silva (1997) afirma que categorização é o processo mental que identifica, classifica e nomeia diferentes elementos como membros de uma mesma categoria, ou seja, cria agrupamentos de elementos que possuem características em comum. Ferrari (2021) exemplifica esse processo como os compartimentos de um guarda-roupa. Nesse item imobiliário existem subdivisões como gavetas, araras que determinam como são classificados os vestuários em cada sessão: os que devem ser dobrados, os que serão empilhados, outros que serão pendurados etc. Esse exemplo ilustra as categorias que foram criadas no guarda-roupa, que são as subdivisões, e essas subdivisões são reflexo de um planejamento, feito na memória, relacionado ao que seria guardado em cada compartimento.

A respeito disso, um ponto importante foi postulado por Martelotta (2023) quando afirmou que a forma do objeto não causa a percepção de uma unidade. Segundo o pesquisador, não se classifica elementos apenas pela forma, mas no que representa para o usuário, pois as

categorias são associadas à condição dos seres humanos para que eles possam manipulá-las em suas vidas. Seguindo essa ideia, é possível que bola e melancia sejam um exemplo. Ambas têm o mesmo formato, compartilham entre si uma característica da forma, porém bola seria classificada como objeto e melancia como alimento.

Para Martelotta (2023), assim como os objetos, as atividades também podem ser categorizadas e apresentar significados diferentes no dia a dia. Isso é possível no gesto de movimentar um objeto em direção a alguém. Essa ação pode ser interpretada como empréstimo, doação, dentre outras possibilidades. Sobre isso, o autor entende que a interpretação do gesto se dará a partir da capacidade do interlocutor de entender sua intenção, que é iminente cultural.

Uma nova forma de observar esse processo foi apresentada por Goldberg (2006). Ancorada em outros autores, a autora salienta que a categorização combina conhecimento em exemplos apoiados com algum tipo de generalização, que são exemplares baseados na abstração e modelo racional. Para ela:

Nesse modelo, os exemplares são agrupados em um bloco. Cada bloco tem uma tendência central que representa aquele bloco (um mini-protótipo). O modelo determina se deve-se acrescentar um novo exemplar a um bloco existente ou começar um novo bloco ao comparar uma nova instância a todos os blocos existentes (Goldberg, 2006, p. 48, tradução nossa).³

Diante dessa afirmação, a categorização não é um processo baseado no coletivo, pois, considerando os exemplares baseados na abstração, o armazenamento é local e pode ser classificado em outra instância. O modelo racional envolve o modelo anterior, uma vez que faz a subdivisão dos exemplares, agrupando-os em *cluster*, criando novos exemplares aos *clusters* que já existem.

Bybee (2016) explica a categorização na língua referindo-se ao que é similar ou emparelhado a uma identidade que ocorre quando palavras e sintagmas são associados e reconhecidos a representações estocadas, e que são criadas independentemente da língua. Para a autora, as categorias são “a base do sistema linguístico”, sejam morfemas, palavras ou construções. Neves (2012) também disserta sobre esse assunto quando afirma que as categorias gramaticais são carro-chefe para as reflexões da categorização na língua.

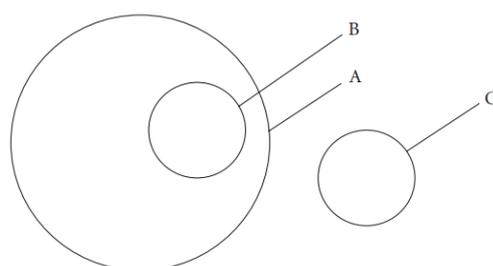
³ Texto original: In this model, exemplars are grouped together in clusters. Each cluster has a central tendency that represents that cluster (a mini-prototype). The model determines whether to add a new exemplar to an existing cluster or start a new cluster by comparing a new instance to all existing clusters.

Feitas essas reflexões, nota-se que categorização linguística envolve não só aspectos relacionados à cognição no sentido de organização mental das características de um determinado termo ou construção, mas também aspectos inerentes à língua, ou seja, características inerentes ao próprio sistema linguístico. Por exemplo, em português os verbos se organizam a partir de três marcas morfológicas, formais, a saber *ar*, *er* e *ir*. Logo, a categorização é um processo indispensável para o estudo do funcionamento da língua e das estruturas gramaticais. É através desse processo que o sistema linguístico é classificado em funções específicas, como substantivo e verbo, por exemplo.

Diante dessas considerações, duas perguntas são importantes: O que seria estar em uma mesma categoria? Como isso se processa? Para responder essas perguntas, primeiro, é preciso considerar o que é explorado por Lakoff (1990). Para o autor, dizer que as coisas são categorizadas com base no que elas têm em comum é a principal teoria e é importante, mas categorizar se tornou mais complexo quando surgiu uma nova teoria da categorização: a teoria do protótipo, mostrando que a categorização vai muito além da teoria clássica ao agrupar elementos por características em comum. A teoria dos protótipos permite identificar os elementos (ou membros) que são mais representativos de cada categoria e, assim, demonstra a complexidade por trás dessas categorias permitindo entender o papel importante de um determinado protótipo linguístico e seus impactos no sistema linguístico como um todo.

Sobre esse assunto, é importante trazer aqui as considerações de Givón (2001) a respeito da classificação das categorias gramaticais levando em conta duas abordagens. Na primeira, o autor traz a definição de Platão, que entende que as categorias são limpas e discretas, não geram incertezas, nem possuem gradações. A partir da tradição platônica, o indivíduo pode ser membro ou não de uma categoria. Isso é representado no diagrama de Venn⁴ apresentado por Givón (2001):

Figura 2: Diagrama de categorização de Platão



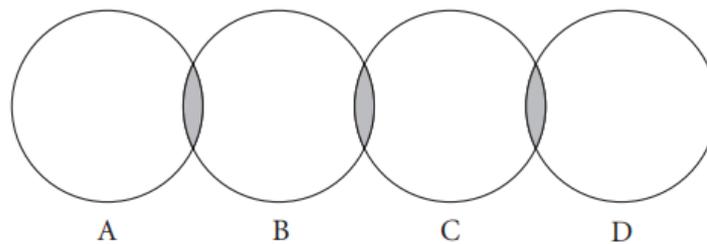
(Fonte: Givón, 2001, p 29)

⁴ Diagrama de Venn é uma maneira de apresentar graficamente um conjunto.

Esse diagrama representa a doutrina essencialista do significado na visão de Platão. Na figura, tem-se a presença de A, B e C. Claramente se observa que B faz parte/é membro da categoria A, porém não existe relação entre a B e C, elas estão distantes e não possuem semelhança.

Na segunda abordagem, Givón (2001) discorre sobre o modelo de categorização de Wittgenstein, que defende que o significado é orientado pelo uso e que depende muito do contexto. Nessa visão wittgensteiniana, o significado não é discreto, pois envolve contínuos de graduação, representado metaforicamente como “semelhanças de família”, como demonstrado no diagrama a seguir:

Figura 3: Diagrama de categorização de Wittgenstein



(Fonte: Givón, 2001, p 31)

Observando o diagrama, nota-se o relacionamento semântico do significado, em que A se relaciona com B, B se relaciona com C e C que se relaciona com D. Essa ligação se dá de maneira gradual, estabelecendo parentesco entre eles, o que é contrário ao modelo de Platão. Vale ressaltar que as características de C e D têm traços mais diferentes da categoria A, tendo em vista que estão mais distantes.

Ainda sobre o assunto, para Rosch e Mervis (1975), tal relação consiste em um conjunto de itens que, mesmo dissociados, ainda apresentam elementos em comum com um ou mais itens, porém poucos itens ou nenhum deles são comuns entre todos. A esse respeito, as autoras explicam que

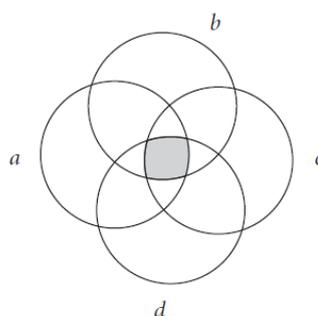
o princípio das relações de herança pode ser reatestado em pistas uma vez que os atributos mais distribuídos entre os membros de uma categoria e os menos distribuídos entre os membros de uma categoria contrastantes são, por definição, os traços mais

válidos pela herança das categorias analisadas. (ROSCH E MERVIS, 1975, p. 575-576, tradução nossa).⁵

Assim, a “semelhança de família” é a responsável por regular o que é prototípico em cada classe, e não considera a quantidade de itens que têm em comum. Isso será definido pelo grau de parentesco entre essas classes, isto é, na quantidade de aspectos em que elas se relacionam. Silva (1997, p. 66) salienta que, na LC, a categorização geralmente se processa “na base de protótipos (exemplares típicos, mais representativos, ou, melhor, representações mentais destas entidades) e que, conseqüentemente, as categorias linguísticas apresentam uma estrutura prototípica (baseada em protótipos),” o que governa essa formação de protótipo na categoria semântica.

Givon (2001) considera alguns fatores dos modelos de Platão e de Wittgenstein para elaborar seu modelo de representação da categorização do agrupamento de protótipo. Para ele, é importante elaborar quatro propriedades básicas, sendo elas: **propriedades múltiplas** – em que a filiação de uma categoria natural não é determinada por apenas um critério, mas por várias características; **protótipos e filiação gradual** – em que o membro mais prototípico de uma categoria é o que carrega um maior número de características, mesmo que tenha a possibilidade de outros itens menores fazerem parte da categoria; **forte associação das características**: itens de uma mesma categoria geralmente possuem características naturais, tornado possível que alguns itens tenham características semelhantes; e, por fim, o **agrupamento em torno da média categorial** – nesse caso, pela consequência lógica da propriedade anterior, a vasta maioria dos membros frequentes de uma categoria natural se agrupará em torno de uma média categorial, isto é, o protótipo, representado abaixo pelo diagrama de Givón:

Figura 4: Diagrama de Givón da categorização do agrupamento de protótipo



(Fonte: Givón, 2001, p 32)

⁵Texto original: The principle of family resemblance relationships can be restated in terms of cue validity since the attributes most distributed among members of a category and least distributed among members of contrasting categories are, by definition, the most valid cues to membership in the category in question.

Dado esse modelo, pode-se afirmar que um item compartilha características de várias categorias e que não existe uma categoria isolada. Na verdade, tudo faz parte de um processo dinâmico de associação de características.

Posto isso, tem-se a categorização na LC como o processo responsável por associar, na memória, um elemento/coisa a um determinado grupo que tem características em comum, que, posteriormente, serão manifestadas pelo indivíduo por meio da linguagem. Isso porque, como explica Justino (2021, p. 26), o falante tem a capacidade de “distinguir e agrupar conceitos”. Por esse motivo, Lopes (2022) entende que o processo de categorização é dinâmico e está sujeito à influência da cultura e do uso linguístico do falante.

Assim, essa teoria pode ser associada ao objeto de estudo desta pesquisa: a perífrase verbal. Isso porque nas classes de palavras encontram-se os verbos⁶, e dentre eles existem os que são mais prototípicos na função auxiliar, como o verbo *ir– vou* pegar a bola / *vou* estar ao seu lado / *vai* ajudar ele / *vou* esperando você – construindo, nesse caso, as perífrases verbais de auxiliaridade. Dessa forma, têm-se categorias criadas através de experiências, e as experiências geram estruturas de domínio conceptual, que são inerentes à língua. Por essa razão, como este trabalho preza por uma análise de fenômenos de uso – auxiliaridade verbal – é indispensável falar de categorização e prototipia, elementos de base cognitiva que se relacionam com as práticas humanas.

1.3 Semântica de *Frames*

Na subseção anterior foi demonstrado como o aparato cognitivo permite a categorização a partir das características dos elementos categorizados. Agora, cabe trazer para este estudo outro processo cognitivo que, de certa forma, segue próximo ao pressuposto por trás da categorização: o *frame*.

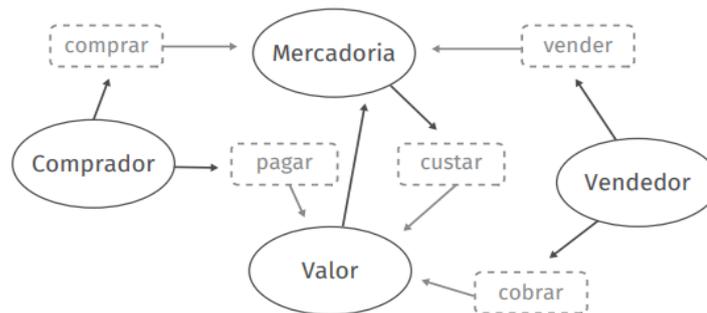
Os primeiros estudos de *frames* foram introduzidos por Fillmore (1976, 1982). Neles, o autor trouxe considerações acerca da maneira particular de observar o significado das palavras, de como usá-las e como adicionar a elas novos significados. Tal teoria se relaciona às experiências sociais, já que cada *frame* está ligado às estruturas linguísticas, e as estruturas linguísticas são criadas e modificadas pela coletividade social. O autor entende que o *frame* é

⁶ Nos verbetes dos dicionários de línguas, as palavras são classificadas em várias categorias: sujeito, adjetivo, substantivo, *verbo* etc.

um sistema de conceitos ligado à maneira de compreensão, e, para que essa compreensão seja atingida em sua totalidade, é necessário compreender toda a estrutura em que ele se enquadra. Quando isso acontece, automaticamente outras coisas (elementos, informações, conceitos) são disponibilizadas. Dessa forma, mesmo os *frames* surgindo mais em tradução semântica empírica, tendo seu resultado na semântica formal, Fillmore (1982) entende que os *frames* diferem da semântica formal, tendo em vista que eles estão ligados às continuidades entre a linguagem e a categorização de experiência.

Para explicar o pressuposto teórico, o autor cita um grupo de verbos – **vender, pagar, comprar, gastar** – que, relacionados às experiências humanas, acionam o *frame* de um **evento comercial**. Mesmo cada verbo possuindo seu significado particular, eles compõem um conjunto de significados relativos a um evento comercial. Quem paga, gastou comprando alguma coisa que alguém vendeu. Ferrari (2021, p. 51) representou esse exemplo com a seguinte imagem:

Figura 5: Relações entre participantes do frame de evento comercial



(Fonte: Ferrari, 2021, p. 51)

Nota-se que, no exemplo, o evento comercial está ligado a aspectos específicos: mercadoria, comprador, valor e vendedor. Mesmo fazendo parte de um mesmo evento, cada verbo ativa aspectos mais próximos da sua entidade. No caso do verbo vender, na amostra, ele se relaciona com a mercadoria e o vendedor, pois o ato de vender requer um objeto a ser vendido e alguém que executa a ação, isto é, uma mercadoria e um vendedor. Essa relação é denominada por Fillmore (1982) como figura e fundo; a figura representa a parte principal, o fundo representa a parte “secundária” do evento.

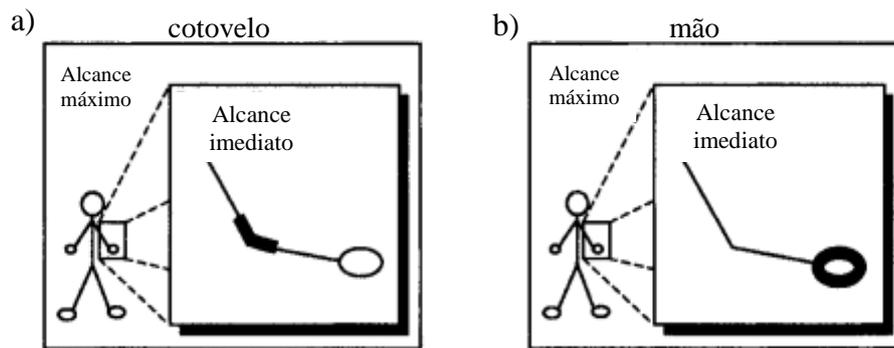
Langacker (2008), ao falar sobre Gramática Cognitiva (GC), mostra a relação entre *frames* e domínios. Para o estudioso, o significado linguístico envolve conteúdo conceitual e a interpretação imposta a esse conteúdo. Partindo dessa premissa, o domínio indica, de forma ampla, qualquer tipo de concepção ligada à experiência, já que uma expressão evoca vários

conceitos. Assim sendo, uma expressão carrega um conjunto de domínios cognitivos que é responsável pela base do significado. Já que os domínios estão relacionados às entidades cognitivas, na visão do autor, os *frames* contribuem para a organização dos conceitos.

Sobre esse assunto, Lopes (2022, p. 208-209) explica que *frames* e domínios estão relacionados porque “têm como base a hipótese de que o significado é enciclopédico e que os conceitos lexicais não podem ser compreendidos independentemente de estruturas de conhecimento maiores” – assim como ocorre com os *frames*.

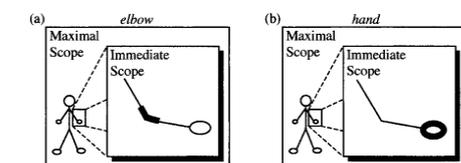
Para exemplificar essa relação, Langacker (2008) cita o cotovelo como exemplo. O corpo humano é a matriz, o braço é uma das partes principais do corpo, e o cotovelo está ligado diretamente ao braço. Nota-se que são sucessivas relações hierarquizadas. Em forma de figura, o autor apresenta:

Figura 6: Relação entre frame e domínio



(Fonte: Langacker, 2008, p. 64, tradução nossa)⁷

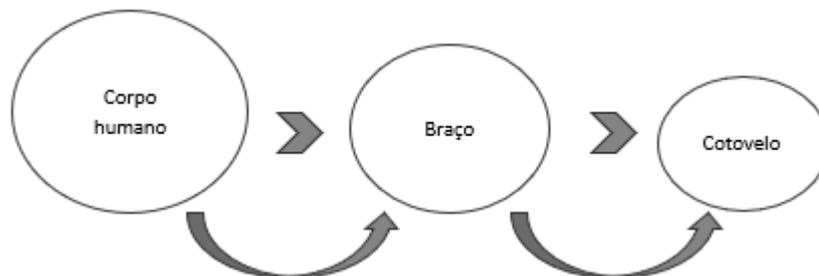
De acordo com Langacker (2008), essa seleção se liga a um conjunto particular de domínios cognitivos que tem como foco a seleção inicial de conceitos, no caso do exemplo, o corpo. A partir do foco, tem-se a extensão do que essa seleção inicial vai abranger, ou seja, dos domínios que serão acessados a partir dela – braço, cotovelo. No entendimento do autor, existe uma base cognitiva que estabelece um limite de coisas que o ser humano pode abranger mentalmente a qualquer momento por meio do quadro de visão, a que ele chama de escopo.



Dessa maneira, para cada domínio que o escopo aciona, ele mesmo serve de cobertura porque, de certa forma, limita o quadro de visão, tendo em vista que o conteúdo conceitual que aparece no quadro de visão subjetivo é inerente à expressão.

Fillmore (1982) afirmou que o *frame* é estruturado em figura e fundo: a figura representa a parte principal, o fundo representa a parte “secundária” do evento, que são dependentes da figura. Langacker (2008) também traz essa relação quando diz que o escopo é uma questão de seleção. Para ele, o escopo pode ser organizado em termos de primeiro plano e plano de fundo, o que seria a relação hierárquica dita anteriormente. Para representar, através do exemplo dado pelo autor, tem-se a seguinte figura:

Figura 7: Hierarquia de domínios



(Fonte: elaboração própria)

Nesse caso, o corpo humano é a figura, os demais, o fundo da figura em uma sequência de sucessivas relações com cada parte. Para Langacker (2008), o corpo é o escopo máximo, o braço o escopo médio e, seguindo essa hierarquia, cada parte funciona como escopo para o próximo termo/domínio da sequência.

Aproximando essa teoria à auxiliabilidade verbal, Goldberg (2006), escrevendo sobre os papéis do verbo, especialmente em construções perifrásticas, discorre sobre a importância da distinção do *frame* associado ao verbo individual e ao conjunto da frase. A interpretação aberta dos verbos pode deferir interpretações distintas do que o interlocutor quer transmitir e que a chave para essa questão está no entendimento da estrutura argumental que foi usada para expressá-lo. Assim, a interpretação geral é alcançada pelo verbo principal e seus argumentos, seguido com contexto pragmático que a frase foi proferida. Para a autora,

Os papéis dos argumentos capturam as generalizações de superfície sobre os papéis dos participantes dos verbos individuais. Isso é, cada sentido distinto de um verbo é convencionalmente associado a um rico *frame* semântico para construção de significados que especificam certos papéis dos participantes: o número e o tipo de

casas argumentais que são associadas com um dado sentido de um verbo. (Goldberg, 2006, p. 39).⁸

Dito isso, o acionamento do *frame* é fundamental para identificar uma dada situação, bem como o sentido que essa estrutura linguística quer representar, já que essas construções estão presentes a todo momento nos eventos comunicativos. Nas orações “Maria *vai pedir* ajuda ao professor” e “Ele *vai pedir* dinheiro emprestado para o pai” duas situações são descritas com a mesma construção perifrástica (*vai pedir*), porém tal perífrase não se relaciona ao mesmo evento. No primeiro exemplo, é acionado o *frame* escolar; no segundo, o familiar. Nesse caso, se reporta também ao que Langacker (2008) apontou quando se referiu à noção de domínio. O interlocutor, através da situação/contexto e da estrutura argumental da frase, acionará o escopo do seu quadro de visão, que o permitirá compreender que essa construção faz parte de situações distintas. Em outras palavras, o verbo aciona um escopo/entidade cognitiva que, a partir da situação de uso, será compreendido pelo que fará sentido, e essa entidade poderá chegar a um termo abstrato de significado. A segunda frase é um exemplo, o termo *andou pedindo* é totalmente metafórico, um modelo cognitivo que será assunto da próxima sessão.

1.4 Teoria da Metáfora Conceptual

A teoria da metáfora conceptual veio para mudar a ideia de que metáfora é apenas figura de linguagem. Tal estudo foi apresentado por Lakoff; Johnson (1980a e b) e trouxe um novo olhar e significação do que é metáfora, a partir de um conceito de que ela não é somente uma figura de linguagem, é também uma forma de pensar. Para Lakoff; Johnson (2002, p. 45) “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Por esse motivo, justifica-se o termo de metáfora conceptual, pois passou a ser considerada um processo cognitivo.

Lakoff (1990) e Lakoff; Johnson (2002) argumentam sobre as duas maneiras que tornam a metáfora conceptual produtiva. Para os estudiosos, a primeira é pelo léxico, tendo em vista que as expressões fixas de uma língua podem expressar aspectos de uma determinada metáfora conceitual, seja em maior ou menor grau. A segunda maneira é pelo domínio, já que pode transportar detalhes de um conhecimento do domínio de origem para um domínio de

⁸ Texto original: Argument roles capture surface generalizations over individual verbs' participant roles. That is, each distinct sense of a verb is conventionally associated with rich frame semantic meaning that in part specifies certain participant roles: the number and type of slots that are associated with a given sense of a verb.

destino. Quanto à última maneira, tem-se a metáfora do conduto/canal⁹, que traz um mapeamento entre o domínio-fonte e o domínio-alvo, ou seja, o caminho que deve ser percorrido para alcançar a comunicação.

Partindo dessas premissas, Ferrari (2021), elaborou o seguinte esquema:

Figura 8: Projeção entre domínios na Metáfora do Conduto



(Fonte: Ferrari, 2021, p. 70)

Para a autora, o domínio-fonte faz a transferência física para o domínio-alvo para que, assim, haja a comunicação verbal. Por mais que pareça um processo simples, é um processo complexo porque o falante precisa decodificar as ideias e palavras para se comunicar/transmitir na escrita ou na fala tais ideias para os ouvintes, de forma que os ouvintes possam decodificar as ideias de maneira produtiva. Dessa forma, a metáfora vai ser criada a partir da projeção entre doador e falante, objeto e significado, contêiner e palavra, enviar e comunicar, todas lançadas para o ouvinte.

Castilho (2014, p. 31-32) resumiu a teoria de Lakoff; Johnson (1980a/2002) em 4 tópicos:

- (i) um fenômeno conceitual, não necessariamente ligado às expressões linguísticas;
- (ii) um mecanismo cognitivo básico e muito difundido que a Semântica não deve ignorar;
- (iii) o entendimento de um domínio de experiência em termos de outro;
- (iv) a projeção de um conjunto de correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo.

Nessa direção, a metáfora não é somente uma característica da linguagem presente em textos escritos, ela também faz parte do sistema conceitual que se materializa pela língua. De

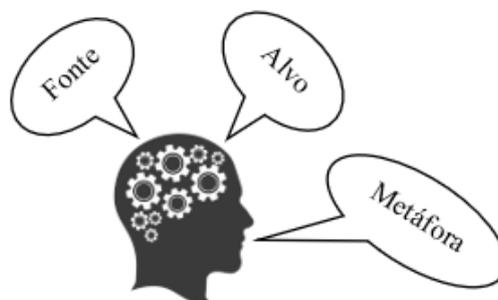
⁹ Teoria abordada anteriormente por Michael Reddy – *conduit metaphor*.

outra forma, pode-se dizer que a metáfora, primeiro, proporciona domínios cognitivos para, depois, se tornar expressões que serão proferidas na interação humana, seja no ato de falar ou escrever.

Nessa linha de raciocínio, Silva (1997, p. 75) traz uma afirmação que resume o que foi dito acima, que “a metáfora não é uma mera extensão (ou transferência) semântica de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, mas envolve uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência”.

Partindo disso, a metáfora pode ser também representada como:

Figura 9: Representação da construção metafórica



(Fonte: elaboração própria)

A construção metafórica atua na memória como uma máquina: cada engrenagem é representada por uma atividade da memória¹⁰, tem sua importância e função específica e serve como auxílio para outra peça funcionar, e, juntas, formam a metáfora. Assim, tanto o domínio-fonte quanto o domínio-alvo fazem um trabalho conjunto para funcionar a máquina que produzirá o sentido que o falante deseja, e a língua se encarrega de materializar o resultado do trabalho conjunto desses domínios através da comunicação. É por esse motivo que o entendimento de metáfora vai além de uma linguagem figurada na língua: ela, primeiro, acontece na cognição.

Na direção dessas ideias e pensando no objeto de estudo deste trabalho, é possível afirmar que a auxiliaridade verbal é uma metáfora conceitual, dado que sua representação está totalmente desvinculada do que é lexical e atua na função de expressar tempo e aspecto, uma categoria semântica do verbo. Como exemplos, seguem abaixo duas construções de auxiliaridade verbal na função de tempo:

¹⁰ Domínio-fonte: doador, objeto, contêiner, enviar. Domínio-alvo: falante, significado, palavra, comunicar.

- (1) Ele vai esperar Maria chegar.
- (2) Você vai ficar com a cabeça ruim estudando tanto.

No primeiro exemplo, a comunicação verbal demonstra um significado linguístico que o ouvinte entende que alguém precisa esperar por um tempo até Maria chegar. Acontece que esse tempo da espera não é demonstrado lexicalmente na frase. O que é observado nesse exemplo é que o verbo *ir* como auxiliar perde seu sentido lexical para constituir um tempo que é totalmente metafórico, porque, lexicalmente, o verbo *ir* dá a ideia de deslocamento. O mesmo acontece no exemplo 2. A construção *vai ficar* também expressa tempo, dado que a expressão remete a ideia de tempo pela continuidade da ação, ou seja, o receptor entende que ficará com a cabeça ruim se continuar estudando muito. Se for considerar a significação plena dos verbos, conclui-se que não é possível *ir* e *ficar* concomitantemente. Outro fato importante nesse exemplo é que, mesmo construindo novamente a frase somente com o verbo pleno “você *ficará* com a cabeça ruim estudando tanto”, tem-se outra situação metafórica, já que o verbo *ficar*, lexicalmente, remete a ideia de lugar.

De toda forma, o receptor consegue compreender o significado dessas duas construções porque as construções de auxiliaridade estão conceptualizadas na memória do falante e são usadas a todo momento em situações interativas, comprovando que o sistema linguístico provém de um sistema cognitivo.

Sobre esse assunto, Evans e Green (2006), ao descreverem sobre linguagem metafórica e não metafórica, pontuam a dificuldade de encontrar certos conceitos que não sejam por uma forma metafórica de pensar e agir, justamente porque algumas expressões transmitem a ideia de um conceito de tempo, o que acontece em: *Estamos caminhando* para o natal. Para elas, a expressão é relativa ao movimento ou ao espaço para transmitir o conceito temporal “natal”, e essa é uma maneira cotidiana de falar sobre o tempo, o que revela a difícil tarefa de descrever conceitos que não tenham dependência da linguagem metafórica.

Para Lakoff; Johnson (2002, p. 71), as metáforas estão ligadas à vivência cotidiana, posto que “os valores fundamentais de uma cultura serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais dessa cultura.” Como exemplo, os pesquisadores citam a metáfora “tempo é dinheiro” que, na cultura ocidental moderna, o trabalho é associado ao tempo, dado que as pessoas recebem pela quantidade de horas trabalhadas. Isso não é unanimidade em todas as culturas.

Baseada nessa teoria, Neves (2018) afirma que a metáfora é um processo de produção de sentidos que é altamente empregado na linguagem coloquial e que as metáforas são muito

relevantes na linguagem de todos cotidianamente. Ainda pontua que as diversas atividades da sociedade constroem metáforas sugestivas, relacionadas às práticas vivenciadas nessa sociedade. Pautado nisso, a título de exemplo, tem-se: Ela tem passado por dias *sombrios*. Nota-se, nesse caso, o uso de um jargão ligado cognitivamente a um fenômeno da natureza: dia. O que denota a comparação do dia com a noite: dia é usado como algo que é positivo por ser claro, ter sol; e noite como negativo, já que é escura e, por consequência, sombria.

Outra amostra de construção metafórica é a frase “A pressa é inimiga da perfeição”. Nesse caso, atribui-se ao substantivo “pressa” uma característica inerente a um ser vivo – “inimigo” – para caracterizar o sentimento de oposição a algo, a “perfeição”.

Nem sempre é comum identificar a metáfora em frases como essas, pois geralmente elas são mais percebidas em contextos de uso literário. Segundo Castilho (2014), as metáforas estão tão cristalizadas na linguagem do dia a dia que o falante nem se dá conta do seu uso. Tal afirmação foi fundamentada nos pressupostos de Lakoff; Johnson (2002, p. 55) quando apresentou exemplos de metáforas do canal. Para eles, por ser uma maneira tão convencionalizada de pensar sobre linguagem, “é difícil imaginar que esse modo de pensar possa não corresponder à realidade”.

O que se observa é que as metáforas perifrásticas perfeitamente associam-se no que Heine; Claudi; Hünemeyer (1991) chamam de uma estrutura conceptual que passa pelo processo de gramaticalização. Esse processo é percebido porque muitos verbos não cumprem somente a função de verbo pleno. Por meio do uso, são gramaticalizados, perdendo assim, seu significado lexical e assumindo sentidos metafóricos.

Partindo disso, as metáforas são mecanismos de fala que estão a serviço do falante para construção de sentido e estão a todo momento sendo usadas e criadas por eles, e a auxiliaridade verbal é uma delas. Elas são categorias semânticas fixadas no costume do falante, seja com o uso intencional ou não, e seu significado depende do acionamento do *frame* em um determinado contexto. Para entender como isso acontece, é necessário aprofundar os estudos na gramática de construções, a gramática responsável por explicar o que é convencional na língua, assunto da próxima seção.

1.5 A Gramática de Construções como gramática cognitiva

Anteriormente, foram explicados alguns processos cognitivos de domínio geral que estão/são relacionados ao funcionamento da língua e contribuem para alcançar os objetivos da

análise que este trabalho propôs fazer. Dito isso, é preciso contemplar aqui a Gramática de Construções, doravante GC, pois seus pressupostos estão intimamente ligados à LC, já que essa gramática é entendida como uma gramática cognitiva. (Bybee, 2016).

Sendo assim, este capítulo busca, além de contemplar o aporte teórico da GC, mostrar como tal teoria se relaciona às teorias cognitivas, e como essa gramática é mais apropriada para compreensão das perífrases verbais, para a descrição sobre como elas são organizadas na língua e também para buscar possíveis motivações para a frequência de uso. Partindo disso, essa seção buscará mostrar como a GC pode contribuir para analisar a auxiliaridade.

Essa abordagem será fundamental para mostrar, no último capítulo de análise, o que essas construções cumprem discursivamente que faz com elas tenham se tornado muito produtivas na língua e como as construções se relacionam com a rede construcional no PB.

1.5.1 A Gramática de Construções e as Teorias Cognitivas

Antes de adentrar na Gramática de Construções, é preciso pontuar brevemente o percurso que justifica a importância dessa gramática para este estudo. Analisar as perífrases verbais requer um estudo que vai além de padrões formais da língua, o que motiva que o trabalho contemple uma análise pautada nos estudos funcionalistas. Dito isso, foi necessário trazer no capítulo anterior alguns dos princípios teóricos da LC, que mostram a capacidade humana de entender e associar processos linguísticos com as experiências do mundo. Considerando tais princípios, é preciso abrir caminhos para uma gramática que leve em consideração propriedades de sentidos, a GC. Tal teoria não desvaloriza a forma, mas rompe com as barreiras impostas por ela, abrindo caminhos para uma análise que preze pelo que é convencional na língua. Nessa teoria, não se separa o conhecimento linguístico do não linguístico. Na verdade, explica-se como é dada a construção do significado e as expressões que se mostram sintaticamente diferentes no uso cotidiano da língua.

A GC surgiu a partir da Gramática de Casos em estudos (Fillmore, 1968, 1977; Durver & Radden, 1987), e dos primeiros estudos da semântica do *frame* (Fillmore, 1982, 1984), no final da década de 60, segundo Fried e Östman (2004) e Fried (2015). Nesses trabalhos, os pesquisadores de Berkeley fizeram as primeiras abordagens sobre estruturas linguísticas que revelavam regularidades em papéis semânticos diferentes, ou seja, o estudo pautava-se em expressões mais gramaticais. Os estudos da GC ganharam força a partir dos trabalhos de

Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Traugott; Trousdale (2003)¹¹, Bybee (2010), dentre outros.

Goldberg (2013) traz em seu artigo as principais propostas construcionais compartilhadas pelos principais pesquisadores das abordagens construcionais da língua:

- 1) Construções gramaticais: as construções são pares apreendidos de forma e significado. (Birner & Ward 1998; Fillmore et al. 1988; Goldberg 1995; 2006; Lakoff 1987; Wierzbicka 1988);
- 2) Estrutura superficial: a semântica está diretamente associada à forma superficial, visto que a gramática não envolve qualquer transformação ou derivação componente. (Culicover & Jackendoff 2005; Goldberg 2002);
- 3) Rede de construções: as construções frasais referem-se à uma rede de nós que estão relacionados por links de herança. (Booij 2010; Fillmore et al. 1988; Goldberg 1995; Hudson 1990; Hudson 2007; Lakoff 1987; Langacker 1987; Wierzbicka 1988) e;
- 4) Variação e generalização interlinguística: a língua pode ser explicada de várias maneiras, incluindo os processos cognitivos de domínio geral e pelas suas específicas construções. (Boas 2010; Croft 2001; Evans & Levinson 2009; Haspelmath 2008).

Ainda segundo a autora, existe outra abordagem que não é unanimidade por todos os princípios construcionistas, mas é considerada pela maioria deles, já que interage naturalmente com teorias de aquisição, processamento e mudança de linguagem:

- 5) A estrutura baseada no uso: a estrutura da língua molda-se a partir do seu uso. (Barlow e Kemmer 2000; Bybee e Eddington 2006; Goldberg 2006; Langacker 1988b; Lieven et al. 2003; Tomasello 2003).

No geral, o que se nota é que essas abordagens estão fortemente relacionadas à LC. Quanto a isso, Traugott; Trousdale (2021, p. 28) entendem que todas elas veem a gramática “como uma estrutura ‘holística’: nenhum nível da gramática é autônomo ou ‘nuclear’. Ao

¹¹ Traduzido por Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha (2021).

contrário, em sua construção, semântica, morfossintaxe, fonologia e pragmática funcionam juntas.”

Reportando aos estudos de Goldberg (2013), tem-se a associação das principais abordagens da GC como a LC que, respeitando a sequência anterior, seguem abaixo:

- 1) Nas construções, a semântica é baseada nas interpretações das situações que os falantes estão inseridos.
- 2) A estrutura da informação, a semântica, e a pragmática estão inter-relacionadas e todas desempenham um papel na função linguística. Essas funções fazem parte do sistema conceitual geral do falante, e não constituem um componente modular separado.
- 3) Quanto à rede de construções, a categorização envolve generalizações sobre exemplares que, geralmente, incluem os prototípicos e as extensões convencionalizadas.
- 4) Sobre a variação, a linguagem tem a função de transmitir informações. Assim, distinções formais são úteis na medida em que transmitem informações semânticas ou pragmáticas.
- 5) Quanto ao uso, a cognição e experiência corporal são essenciais para os relatos de aprendizagem e significado.

As propostas da GC, incluindo as teorias cognitivas da linguagem, no entendimento de Neves (2022), conseguem explicar a criatividade das elaborações esquemáticas de uma construção. De acordo com Barros (2016, p. 69), “o princípio básico da Gramática de Construções reside na concepção de que a língua se organiza em construções que são configuradas pela reunião de elementos cognitivos e linguísticos em uso efetivo”. Nessa lógica, tendo como referência o fenômeno em análise, pode-se afirmar que a auxiliaridade verbal é uma construção linguística e que os postulados da GC dão conta de explicar como elas emergem e funcionam na língua estabelecendo a comunicação. Dessa maneira, fica claro que não se analisa construções pelo viés da GC sem relacioná-las às teorias cognitivas.

Até aqui, em vários momentos foram citadas a palavra construção ou sinônimos dela, porém tal termo ainda não foi definido na prática. Por esse motivo, a próxima seção buscará responder duas perguntas: O que é uma construção? Por que a auxiliaridade verbal pode ser considerada uma construção em uma rede construcional da língua? As respostas ajudarão a

compreender melhor o objeto de análise da GC, bem como sua relação com os estudos cognitivos.

1.5.2 Construções Gramaticais

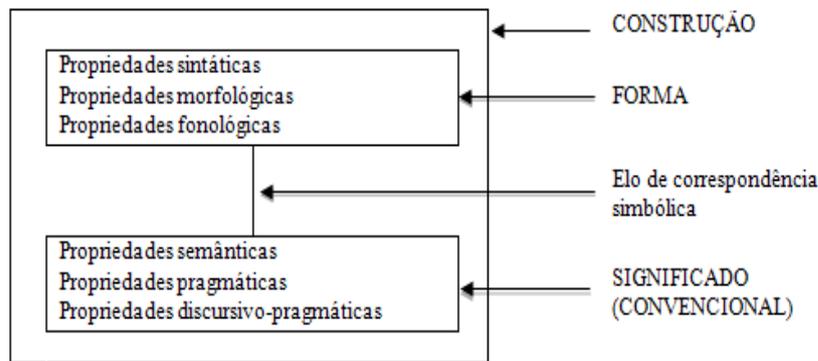
Logo no início do livro *Constructions - A Construction Grammar Approach to Argument Structure*, Goldberg (1995) afirma que o significado das construções verbais independe das palavras da frase, visto que, por sua vez, enfatiza-se as relações sintático-semântica dessas construções, pois elas baseiam-se no pareamento de forma e significado, dado que não se distingue léxico de gramática. A autora acrescenta que as construções têm motivações cognitivas e revelam as mudanças linguísticas estudadas pelos funcionalistas.

Partindo dessas afirmações, Martelotta (2011, p. 85) argumenta que as “estruturas sintáticas das línguas, por hipótese, não podem ser descritas apenas por critérios morfossintáticos ou pelas propriedades semânticas dos elementos que as compõem, já que o significado da construção não equivale à soma dos significados de suas unidades constituintes”. Dessa maneira, fica claro que não se analisa uma construção a partir de critérios individuais. O significado do verbo em uma construção é considerado livre, de modo que não é possível determinar um limite para o seu significado. O que determinará seu uso é o falante e as situações de uso a partir dos estímulos cognitivos.

O que foi apresentado acima detalha o que é uma construção, pergunta feita no final do tópico anterior. Se as propriedades formais não dão conta de explicar o sentido de expressões verbais diariamente usadas e criadas pelo falante, tem-se o exemplo de uma expressão que vai além do sentido da palavra. Respondendo a outra pergunta, a auxiliabilidade verbal é um tipo de construção sintática que, considerando os termos lexicais de maneira isolada, também não pode ser explicada. Para estudar/compreender as construções perifrásticas, é preciso considerar as propriedades semânticas e pragmáticas dentro de um determinado contexto. A partir disso, a análise atinge a intenção, o sentido que o enunciado quer realmente expressar através das construções verbais.

Para explicar de modo mais específico o que é uma construção, Croft (2001, p. 18) propôs um modelo que detalha a composição de uma construção em diferentes níveis ou propriedades:

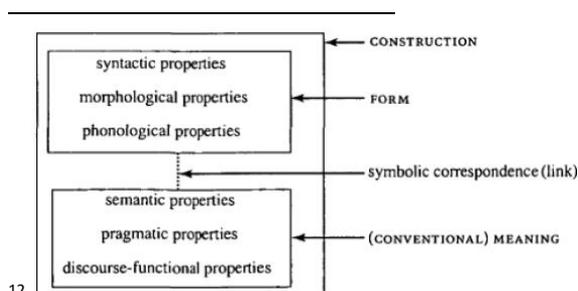
Figura 10: Representação da construção segundo Croft



(Fonte: Croft, 2001, p. 18, tradução nossa)¹²

Diante desse quadro, pode-se dizer que uma construção envolve propriedades distintas: de um lado, a forma, orientada também por regras impostas; do outro, o sentido, que emerge no uso. O estudo da língua pela GC rompe com a ideia de uma análise pautada apenas nas propriedades formais, já que seu objetivo é mostrar que em uma análise linguística deve se valorizar todas as propriedades, isso porque a língua não se constitui somente pela estrutura orientada por regras; ao contrário, é organizada e emerge nas práticas discursivas e essas práticas motivam as regularidades e as estruturas da língua. Essas práticas envolvem interlocutores que, conseqüentemente, revelam intenções que vão além do que é formal. Assim, a construção gramatical é fruto das propriedades que envolvem forma e significado/função. Para Bybee (2016, p. 29), “as construções emparelham forma e significado, a gramática não contém módulos para a sintaxe separados da semântica, nem opera com histórias derivacionais de forma e superfície”.

Antes de seguir para outro tópico, convém discorrer aqui sobre os construtos, que são ocorrências empíricas atestadas pelo que vem do uso em situações particulares, produzidas por um falante particular e que tem um propósito comunicativo, resultando em uma microconstrução. (Traugott; Trousdale, 2021). A convencionalização de um construto é a



responsável pela mudança construcional ao longo do tempo, e carregam significados muito pragmáticos porque nascem de situações particulares.

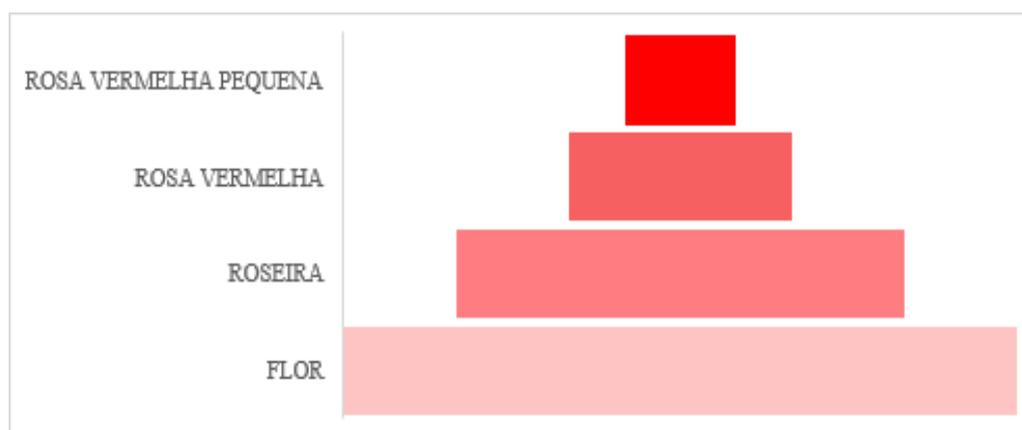
1.5.3 Propriedades das construções gramaticais

Levando em conta as mudanças construcionais da língua, três propriedades são consideradas importantes para analisá-las: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*.

A *esquematicidade*, segundo Traugott; Trousdale (2021), é uma propriedade de categorização que envolve abstração. Para os autores, os usuários da língua possuem esquemas linguísticos abstratos que são generalizações taxonômicas de categorias. Tais esquemas podem ser procedurais ou de conteúdo, ou seja, gramaticais ou lexicais e estão estreitamente relacionadas na rede construcional¹³. O que determina o nível de esquematicidade de uma construção é a quantidade de ocorrências. Quanto maior a ocorrência, maior será o nível de esquematicidade porque, dessa forma, ela permite vários usos diferentes na língua.

Nessa perspectiva, Langacker (2009) enfatiza que a esquematicidade refere-se à especificidade, ao nível de precisão e detalhe de uma categoria e pode ser exemplificado através de uma hierarquia de expressões. Nessa direção, um exemplo seria a categoria jardim:

Gráfico 1: Representação do nível de esquematicidade



(Fonte: elaboração própria)

Observa-se no gráfico que o conceito “flor” é mais abstrato que “roseira”, e roseira é mais abstrato que “rosa vermelha”, que é mais abstrato que “rosa vermelha pequena”. Quanto

¹³ Esse assunto será abordado no tópico seguinte.

mais abstrato, mais esquemático e, por isso, comporta um número bem maior de usos. O termo, margarida, por exemplo, é possível de emergir do esquema de planta, mas não do de roseira. De acordo com Traugott; Trousdale (2021, p. 45), os esquemas linguísticos “são instanciados por subsquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, tipos específicos de esquemas mais abstratos”.

A *produtividade*, para Traugott; Trousdale (2021), refere-se à extensibilidade de esquemas de uma construção, e pode ser gradiente. Os autores também relacionam a produtividade com as frequências *type* e *token*, discutidas no trabalho de Bybee (2003). A frequência *type* refere-se ao quantitativo de microconstruções distintas, a frequência *token* corresponde à quantidade de vezes que uma construção aparece no texto.

Para Bybee (2016, p. 154), “a produtividade é a probabilidade de que uma construção se aplicará a um novo item. É, pois, uma propriedade da categoria ou das categorias formadas pelas posições abertas (os *slots*) em uma construção”. Partindo disso, a autora considera que a produtividade e a esquematicidade são independentes, e a frequência *type* é a responsável por essa mediação.

Já a *composicionalidade* relaciona-se ao “grau em que um elo entre forma e significado é transparente” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 53). Os pesquisadores afirmam que tal propriedade é analisada tanto em termos semânticos quanto em características que envolvem os componentes sintáticos, pois, pela sintaxe, as expressões são menores, bem formadas e são mais complexas discursivamente; pela semântica, é composicional porque o significado é construído a partir de expressões maiores, tendo como base os significados das expressões menores. Assim, um construto,¹⁴ é composicional quando produz uma sequência sintaticamente convencional em que o interlocutor consegue entender o significado tanto de cada item individual quanto do significado do todo.

Diante dessas abordagens, é possível afirmar, mesmo que muito sumariamente, que as perífrases de auxiliaridade relacionam-se com essas propriedades, tendo em vista que são esquemáticas por terem sentidos abstratos, são produtivas pela frequência de uso e são composicionais porque o ouvinte é capaz de entender o significado do construto. Todas essas propriedades serão fundamentais para responder às perguntas de pesquisa deste trabalho, sobretudo as seguintes:

¹⁴ Para um modelo baseado no uso, os construtos são o que falantes/escreventes produzem e o que ouvintes/leitores processam. (Traugott; Trousdale, 2021, p. 49)

1ª. Quais são as representações predicativas de auxiliaridade mais frequentes com verbo *ir* na fala goiana?

2ª. Como as construções de auxiliaridade estão sendo usadas na fala goiana?

3ª. Como as construções de auxiliaridade são elaboradas/funcionam na constituição do tempo?

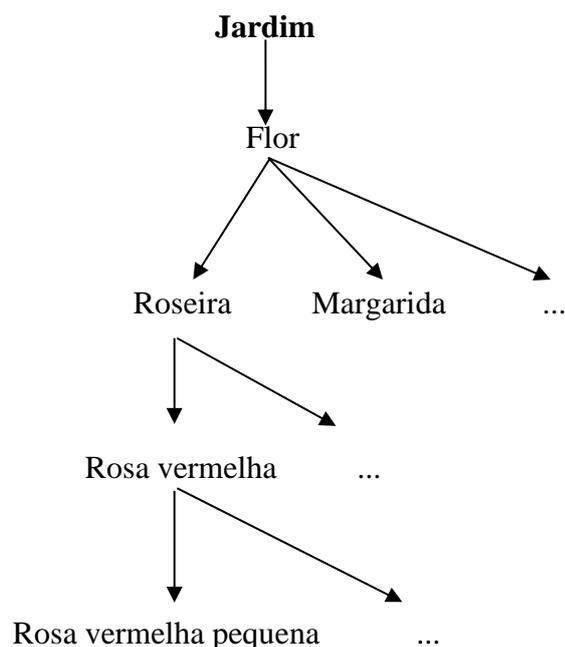
4ª O que essas construções cumprem discursivamente que faz com elas tenham se tornado muito produtivas na língua? A resposta da 1ª e da 2ª pergunta será dada logo no início do capítulo 5. As demais, serão discutidas no segundo tópico.

1.5.4 A rede construcional

Mostrou-se anteriormente que a língua envolve propriedade de forma e significado (Croft, 2001). Essas propriedades estão intimamente relacionadas com as mudanças da língua em seu contexto de uso, uma vez que a GC envolve o que é lexical e gramatical da língua e elas podem ser organizadas em rede. (Goldberg, 1995, 2006; Langacker, 2008).

A rede construcional é uma corrente da GC que demonstra/representa, na prática, os níveis dos esquemas linguísticos das construções, que vão dos mais abstratos ao menos abstratos. Tomando como referência o exemplo usado para demonstrar a esquematicidade e o exemplo de rede dado por Traugott; Trousdale (2021), tem-se a seguinte rede:

Figura 11: Representação da rede construcional



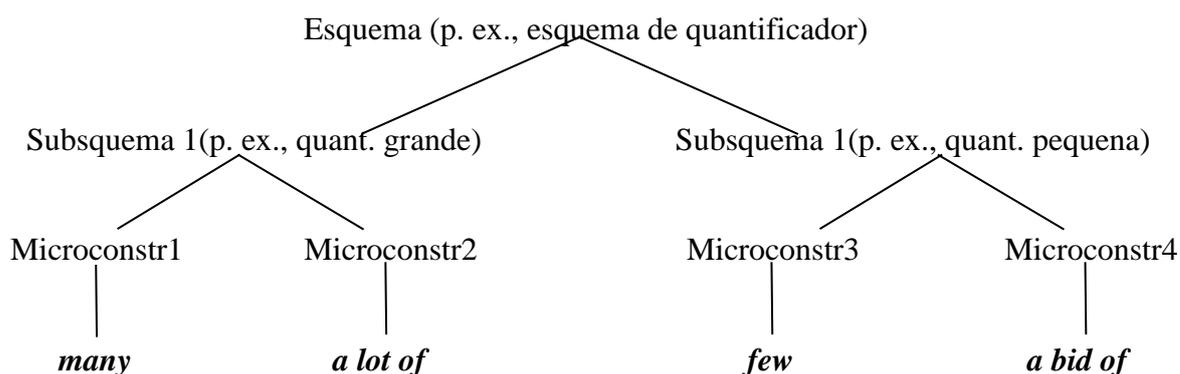
(Fonte: elaboração própria)

Nesse exemplo, percebe-se como a rede é criada levando em conta o grau de abstração. De uma categoria mais abstrata, surgem ramificações com outras categorias um pouco menos abstratas que vão se dividindo por particularidades até tornar-se categorias mais específicas. Em outras palavras, as categorias partem de um grau de abstração que vai do macro para o micro.

No caso da categoria linguística, a construção de rede parte dos esquemas linguísticos que são considerados, segundo Traugott; Trousdale (2021), abstratos de construções, semanticamente gerais, que podem ser procedurais ou de conteúdo, isto é, gramaticais ou lexicais. Mas o que seriam os esquemas linguísticos? Ainda segundo os autores, os esquemas e subesquemas linguísticos “são as subpartes do sistema linguístico que o linguista seleciona para discutir e analisar.” (Traugott; Trousdale, 2021, p. 45). É importante pontuar, como ponderam os autores, essas distinções não são absolutas; as microconstruções, por exemplo, também são uma subparte do sistema linguístico, formando, assim, um conjunto mínimo de níveis construcionais.

Essa representação é percebida no exemplo dado por Traugott; Trousdale (2021, p. 50), quando apresentam a figura da gradiência das relações hierárquicas entre construções:

Figura 12: Gradiência de relações hierárquicas entre construções



(Fonte: Traugott; Trousdale, 2021, p. 50)

Na figura, tem-se um exemplo de rede que compõe os quantificadores. No topo, está o quantificador em seu sentido amplo, que é o esquema. No nível seguinte, esse quantificador se divide em duas partes: grande e pequeno, que são os subesquemas. Logo abaixo, chega-se às várias subdivisões em cada subesquema, formando, dessa forma, as microconstruções.

Um assunto importante a considerar na rede construcional é que a rede se compõe também de “nós” e de elos entre os “nós”, isto é, da distância entre membros de uma família, dos grupos de propriedades, entre outros (Traugott; Trousdale, 2021). Isso se dá pela composicionalidade, pois é a partir dessa propriedade que é possível analisar os termos semânticos que estabelecerão o grau do elo de semelhança entre cada item.

Dessa maneira, a rede é formada pelas três propriedades apresentadas no tópico anterior: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. O primeiro, esquematicidade, se relaciona ao esquema que contempla a forma, a “árvore”, que pode ser formada levando em conta um membro central de uma categoria; a produtividade comandará a extensão desse esquema, visto que ela seleciona o que é mais produtivo para hierarquia da rede, por esse motivo produtividade e esquematicidade são dependentes; já composicionalidade ditará o que é mais convencional na língua em termos de construto. Tudo isso será fundamental para responder a 5ª e última pergunta de pesquisa deste trabalho: Como essas construções se relacionam com a rede construcional de tempo no PB?

CAPÍTULO 2

PERCURSO PARA A AUXILIARIDADE

Este capítulo traz o caminho percorrido pelo verbo até chegar às perífrases de auxiliaridade que este trabalho propôs analisar. Para uma compreensão mais precisa e significativa da auxiliaridade verbal, bem como de como ela se constrói e se representa na oração, é necessário, primeiro, ter bem claro o conhecimento acerca da constituição da predicação, o qual tem o verbo como elemento principal. Posteriormente, será mostrado como a perífrase verbal é constituída na oração e quais os efeitos causados por ela em situações de auxiliaridade. Dado isso, o capítulo se volta para a auxiliaridade do verbo *ir* e como seu uso é produtivo para atribuir ao verbo pleno tempo e aspecto, assuntos fundamentais para compreender o fenômeno e a análise dos dados.

2.1 A centralidade do verbo na constituição da predicação

A predicação consiste em um sistema de combinação de várias estruturas a partir de um conjunto de regras e resulta na produção de sentido, via oração constituída. O verbo é central nesse processo de combinações e relações de unidades e a sintaxe é o nível da gramática responsável pelo conjunto de regras que permite organizar as orações para formação de enunciados com lógica e sentido.

Para Castilho (2014, p. 144), a sintaxe “é o estudo das estruturas sintagmáticas e sentenciais” e sua transcrição toma por unidade a sentença. Dito isso, a oração parte da combinação de unidades que têm como parte central o verbo, e a sintaxe se responsabiliza pela organização das unidades da frase. Dessa forma, é possível afirmar que a oração depende completamente da sintaxe para gerar sentidos.

Todos esses aspectos que estão ligados à sentença corroboram para a análise da função das perífrases de auxiliaridade que esse trabalho se propôs a fazer, dado que essas construções, ainda que carreguem mais traços de categorias discursivas, fazem parte de uma unidade maior, que contempla os aspectos formais da língua. Por esse motivo, é importante percorrer por essas funções para, em seguida, tratar da auxiliaridade.

2.2 As perífrases verbais

Antes de adentrar nesse estudo, vale pontuar algumas dificuldades encontradas por alguns autores em identificar a perífrase verbal. Castilho (2014), após um estudo detalhado de pesquisadores que estudaram as perífrases e como elas se desenvolveram na história da Língua Portuguesa, descobriu que não existe unanimidade entre eles para definir as perífrases do Português Brasileiro.

Seguindo esses estudos, Castilho (2014) definiu a perífrase verbal como um sintagma verbal composto, cujo núcleo é preenchido por verbo pleno em forma nominal no infinitivo, no particípio ou no gerúndio, especificado por um verbo auxiliar. Para ele, os verbos plenos funcionam como núcleos sentenciais, selecionam argumentos e atribuem-lhes papéis temáticos, já os verbos auxiliares atribuem aos verbos plenos categorias de pessoa e número, especificando aspecto, voz, tempo e modo. Os primeiros são conceituais e os segundos gramaticais.

Raposo (2013) descreve as perífrases como grupos verbais complexos e internamente coesos, elas funcionam como um só verbo, porém com funções bem definidas. Para o autor, o verbo pleno tem a função descritiva e de seleção dos argumentos, já o auxiliar ou os auxiliares expressam valores de tempo, aspecto e modo. Uma perífrase contém sempre um único verbo pleno, mas pode conter mais de um auxiliar, como em “*Os alunos podem ter começado a estudar ...*”. Mesmo que com funções distintas, Raposo (2013) alerta que, nas orações com verbos auxiliares, as perífrases verbais como um todo são consideradas o núcleo semântico do sintagma verbal e da oração.

Segundo Neves (2018), os verbos auxiliares se constroem com outros verbos na função de expressar tempo e aspecto¹⁵. Esse é um dos motivos pelo qual o uso da perífrase é tão produtivo, já que a todo momento o falante toma essas categorias verbais para expressar suas intenções de tempo. Barroso (2020, p. 89) se refere a isso quando afirma que a perífrase constitui, de fato, “o instrumento privilegiado por excelência das funções gramaticais em epígrafe no sistema verbal do português hoje, sobretudo pelo seu grau de excepcional produtividade”.

Para entender melhor o percurso até chegar a esses conceitos, é necessário trazer para o estudo o paradigma do verbo, que contribuirá para mostrar a evolução e justificar a importância desta pesquisa. De acordo com Ilari; Basso (2014), o verbo na tradição gramatical era visto limitadamente a conjuntos de formas de conjugação, um limite dado pela morfologia.

¹⁵ Essas categorias serão apresentadas mais adiante.

Porém, quando se depara com as formas verbais usadas no português do Brasil, logo se constata que o verbo não se relaciona puramente à morfologia do verbo. Segundo os autores (2014, p. 72 e 73), nos paradigmas das gramáticas tradicionais, existem três formas de aplicação do verbo:

1^a resulta na aplicação de uma desinência a uma raiz, sendo eventual a presença de uma vogal temática;

2^a reconhecem como formas do verbo as construções com dois verbos: V1 - auxiliar conjugado, seguido de um V2 – um particípio passado.

3^a consideram as formas do futuro do presente e do futuro do pretérito do indicativo, em que o radical e a desinência ainda podem ser separados por palavras de uma série limitadíssima – os pronomes átonos.

Ilari; Basso (2014) afirmam que as gramáticas tradicionais incluem apenas algumas perífrases em seus paradigmas verbais: as formadas por *ter/haver* + particípio passado e as formadas por *ser* + particípio passado. O que se nota hoje é que não existem critérios para considerar formas perifrásticas como parte do paradigma verbal, pois, na realidade, existe uma vasta quantidade de verbos que formam perífrases. Para os autores, reconhecer outras locuções verbais seria aceitar que existem muitos outros paradigmas verbais que exercem uma função semelhante aos verbos considerados auxiliares. Desse modo, o que vem a ser o “x” da questão é a função que o verbo auxiliar desempenha.

Ilari; Basso (2014) enfatizam que o processo de identificação dos auxiliares de tempo esbarra na dificuldade de diferenciar os verbos plenos e os auxiliares, pois existem explicações confusas já que, como explicação, o verbo pleno desempenha a função gramatical e o verbo auxiliar a lexical.¹⁶ Para eles, a dificuldade consiste em “a) garantir que se está diante de uma forma gramaticalizada, e não de um verbo pleno; b) em reconhecer um efeito sistematicamente associado ao auxiliar; e c) em confirmar que esse efeito é genuinamente temporal”. (Ilari; Basso, 2014, p. 150). Já Neves (2018) não explana sobre a dificuldade em identificar os verbos auxiliares de tempo, apenas afirma que os verbos auxiliares de tempo são aqueles que, ao se construírem com outros verbos, nucleares ou principais, formam uma perífrase ou locução e indicam um determinado tempo verbal.

¹⁶ Os autores se referem à resposta clássica de dizer que o verbo auxiliar desempenha uma função gramatical. O que orienta inferir a distinção de verbos auxiliares e verbos plenos estão estabelecidos entre gramática e léxico.

Dessa forma, as convicções mais razoáveis da pesquisa de Castilho (2014), Ilari; Basso (2014) e Neves (2018) quanto aos verbos auxiliares foram: *ser, estar, ter, haver* + participípio; *estar* + gerúndio e *ir* + infinitivo.

2.3 Auxiliaridade

Os autores Ilari; Basso (2014) tentaram responder a seguinte pergunta: o que é um verbo auxiliar? A princípio, uma resposta clássica foi dada: o verbo auxiliar desempenha uma função gramatical, o que reporta a distinção estabelecidas dos gramáticos e linguistas quanto a gramática e o léxico. Para eles, embora essa distinção seja confusa, há de se admitir, muito sumariamente, que o léxico está voltado geralmente para a descrição da vivência, enquanto a gramática se faz presente na sentença para sustentar uma conexão linguística. Outra justificativa é a diferença de estabilidade, pois são muitas palavras criadas diariamente no sentido pleno e, parte delas, são incorporadas ao léxico, porém sua consolidação em uma nova construção gramatical pode durar séculos. Por fim, a última justificativa é a de se tentar decidir, diante de elementos linguísticos qualquer, se o verbo é de natureza gramatical ou lexical, ou seja, se comuta a outros elementos que se consolidam numa série relativamente aberta ou não.

De fato, o que é possível observar no funcionamento da língua é que existe uma gama de verbos que são utilizados não só no sentido pleno, lexical, mas no gramatical. Nesse caminho, uma pergunta é importante: Se o verbo auxiliar desempenha uma função gramatical, ele acontece mais frequentemente em situações de uso da língua? A resposta é sim! Porém, é preciso considerar que a construção perifrástica tem sido vista por outros olhos pela linguística moderna.

Para Ilari; Basso (2014), a linguística moderna elaborou critérios bem menos intuitivos, que vão além dessa distinção gramatical e lexical do verbo. Esse processo é conhecido como gramaticalização, no qual uma palavra de sentido pleno passa a ser gramatical e não é simples e rápido. Segundo os autores, as formas linguísticas passam por várias fases. O que era de sentido pleno pode, em contextos muito específicos, ser usado no sentido abstrato, porém nem sempre esse processo se completa. Dessa forma, do ponto de vista histórico, a relação entre as palavras de sentido pleno e de sentido gramatical não é de oposição, mas de continuidade. Isso quer dizer que o significado da palavra não é único: as situações de uso podem ou não trazer novas significações às palavras por meio dos fenômenos da gramaticalização. Tais fenômenos surgem porque, para Heine (1993), o mundo humano oferece os modelos mais óbvios para expressar conceitos abstratos.

Para definir quais verbos cumprem a função de auxiliar, Ilari; Basso (2014, p. 79, 80) citam testes que, frequentemente, são usados por linguistas do português¹⁷ para identificar os verbos auxiliares:

- i) O auxiliar e a base verbal precisam ter o mesmo sujeito;
- ii) O auxiliar e a base verbal não podem ser afetados, de forma independente pela negação;
- iii) A ocorrência de elementos entre V1 e V2 é nula, ou fica limitada a palavras de um tipo muito particular (por exemplo, pronomes átonos e adjuntos adverbiais);
- iv) O todo formado por V1 e V2 encaixa-se no quadro conjugacional emparelhando-se com a forma simples;
- v) V1 sofreu esvaziamento semântico (ou seja, quem estabelece condições semânticas sobre os demais termos da sentença é V2);
- vi) V1 não se nominaliza de maneira independente.
- vii) Por fim, é preciso que o verbo apareça numa posição altamente previsível, possivelmente num ambiente sintático bem caracterizado e fixo.

Quanto a esse assunto, vale destacar que não existe uma unanimidade na atribuição desses testes. Castilho (2014) considerou em seu trabalho apenas quatro desses testes para caracterizar a auxiliaridade verbal: sujeito da expressão, escopo da negação, inserção de expressões entre verbo auxiliar (doravante V1) e verbo auxiliado/pleno (doravante V2) – esses focalizando a coesividade sintática de V1 e V2 – e alterações do sentido lexical do V1, o qual opera com argumentos semânticos. O autor não justifica o porquê desconsidera os outros três testes apresentados pelos linguistas. A hipótese é que o pesquisador levou em conta os testes mais prototípicos, tendo em vista que, de acordo com Ilari; Basso (2014), nem todas perífrases passam por todos os testes, já que algumas se confirmam plenamente e outras parcialmente.

De maneira detalhada, segue abaixo a aplicabilidade em uma oração dos quatro testes abordados por Castilho (2014):

1. *Fui crescendo lá. De uma casa eu mudava pra outra. E estudava...*(FG, M, 25a, 2003, p. 2)

¹⁷ Pontes (1973) e Lobato (1975).

I) Sujeito da expressão – verbos *ir* e *crescer* têm o mesmo sujeito, (eu – que está oculto: (eu) *fui* lá / (eu) *cresci* lá) formando, assim, uma perífrase verbal. Nesse caso, V1 é o verbo auxiliar e V2 é o verbo pleno.

II) Escopo da negação – a negação não é aplicada nos verbos individualmente. (*Fui não crescendo* lá. *não fui não crescendo* lá).

III) Inserção de expressões entre V1 e V2 – nesse caso, a possibilidade de haver expressões entre os verbos é muito limitada (pronomes átonos e adjuntos adverbiais) ou nula, Ilari; Basso (2014). No caso da frase, ela é limitada e comportaria apenas adjuntos adverbiais: *Fui, infelizmente, crescendo* lá.

IV) Alterações do sentido lexical do verbo auxiliar – o verbo auxiliar *ir* não é reconhecido pelo seu significado básico de deslocamento no espaço, visto que sofreu alteração de sentido.

Dada a análise, fica claro que a oração passa por todos os testes de auxiliariade, todavia existem outros casos que envolvem o sujeito da expressão e o sentido dos verbos auxiliares. Quanto ao sujeito da expressão, existe uma situação chamada por Castilho (2014) de intermediária. Nela, os verbos compartilham o mesmo sujeito e também a mesma propriedade, como verbos de estado, de movimento:

2. *Ao mesmo tempo... mais esas entende... e ai a gente vai indo desse jeito aí...* (FG, M, 30a, NI, p. 16)
3. *Uai quando as pessoa viu né... ai a gente tava... ai quando as pessoa percebeu já tava saino correno já,..* (FG, M, 25a, 2003, p. 2)

Em (2), os verbos *ir* e *vir* não só compartilham o mesmo sujeito, como também compartilham a mesma propriedade, já que são verbos de movimento. Por esse motivo, funciona como um verbo “auxiliante”¹⁸, definição foi dada por Lobado (1975). Em (3), tem-se três verbos: *estar*, *sair* e *correr*. O verbo *sair* funciona como auxiliante do verbo *correr*, pois ambos são verbos de movimento. No caso do verbo *estar*, ele atua como auxiliar do verbo *correr*, já que *estar* e *correr* equivalem ao mesmo sujeito e possuem propriedades diferentes.

No que se refere à alteração de sentido, Castilho (2014) discorre sobre o fato de que existem casos em que o sentido de V1 é mantido em algumas perífrases, havendo, assim, a composicionalidade semântica. Observa-se que ela está relacionada à situação intermediária do

¹⁸ Para Lobato (1975), é considerado auxiliante quando o verbo pleno e o verbo auxiliar compartilham, além do mesmo sujeito, outra propriedade em comum, como ambos serem verbos de movimento, por exemplo.”

sujeito descrita anteriormente, dado que, compartilhando o mesmo sujeito e propriedade, há compatibilidade de sentido. Para o autor, isso acontece porque existe ligação (*linking*) de sentidos quando os verbos são de uma mesma categoria, assim como foi dado no exemplo (2), acima. Para melhor compreensão, seguem abaixo os exemplos:

4. ...*ai o F. perguntô assim mais ele vai ficá presu...* (FG, F, 33a, NI, p. 4)
5. *se ele botá a mão nas coisa da sinhora a sinhora vai vê a sinhora vai andá até pulanu...* (FG, F, 33a, NI, p. 4)

Em (4), o verbo *ir* perde totalmente seu sentido na frase. Semanticamente, é até o oposto do verbo *ficar*, já que “quem *vai* não *fica*”. Entretanto, existe uma justificativa para que o verbo *ir* no presente do indicativo + o verbo *ficar* no infinitivo estejam juntos na frase: para expressar um tempo que ultrapassa o tempo cronologia¹⁹. Em (5) têm-se duas situações: na primeira, *ir* também perde seu sentido na frase, servindo apenas de auxiliar para o verbo *ver*; na segunda, ambos os verbos (*ir* e *andar*) são verbos de movimento, ou seja, são da mesma categoria, são posicionais. Então, na primeira, o verbo *ir* é auxiliar, na segunda, é auxiliante, considerando o que foi dito por Lobado (1975).

2.4 Auxiliaridade do verbo *ir*

O verbo *ir*, construído com um verbo principal no infinitivo, é considerado verbo de tempo que, no geral, indica futuridade, como aponta Neves (2018). Ilari; Basso (2014) também reconhecem essa construção como “uma forte candidata” ao papel de auxiliares de tempo, porém os autores pontuam a dificuldade de identificação dos auxiliares de tempo, visto que essa área da gramática é altamente idiossincrática.

Quanto a esse assunto, pode-se afirmar que há unanimidade entre os estudiosos da língua de que o verbo *ir* + infinitivo é um auxiliar de tempo. Na situação de auxiliar, o verbo *ir* expressa, semanticamente, tempo para que outro verbo funcione, sintaticamente, como núcleo da sentença ao expressar o estado de coisa. Dessa maneira, o verbo *ir* perde seu sentido pleno ao se acoplar a outro verbo e ganha característica temporal, formando, assim, uma perífrase temporal de futuro, como no exemplo a seguir:

¹⁹ Esse assunto será detalhado na seção posterior.

6. Eu vou *brincar* de bola.

A sentença *vou brincar* constitui uma perífrase, em que o verbo *ir* flexionado no presente do indicativo atribui ao verbo principal *brincar* a referência temporal de futuro do presente. Assim, V1, quando unido a V2, esvazia-se do seu sentido lexical de movimento e ganha traços semânticos de tempo.

Há de se considerar, nesse ponto, que semanticamente a frase não se completa quando um dos verbos é retirado na frase:

Eu vou de bola.

Eu brincar de bola.

O exemplo demonstra que o verbo isolado não dá conta de construir uma frase com o sentido completo, mesmo possuindo sujeito, verbo e objeto. No primeiro caso, o verbo *ir* não completa a frase porque seu significado não faz sentido na construção e não é possível inferir outro significado que não seja o lexical. Já no segundo caso, o sentido do verbo *brincar* já contribui para a descrição do evento, embora não esteja conjugado corretamente. Levando em conta o sujeito e a construção do objeto, é possível inferir que o verbo precisa ser conjugado no futuro do presente para completar o sentido na frase – *brincarei*.

O que se observa é que a união desses dois verbos expressa um significado. Não se reconhece o sentido de V1 sozinho. Na situação, V1 atribui sentido temporal a V2, sentido esse que V2 daria conta sozinho se conjugado em outro tempo verbal. Assim, a união de V1 e V2 na construção perifrástica *vou comprar* tem o mesmo sentido²⁰ que *comprarei*: Vou + comprar = comprarei.

Um exemplo interessante foi dado por Lima-Hernandes (2009) no que se refere ao percurso de mudança da língua tendo o verbo *ir*. A autora cita 3 frases:

(1) Vou à padaria comprar pão.

(2) Vou comprar pão.

(3) Vou à padaria.

Nos exemplos 1 e 2, é fácil identificar que o verbo *ir* cumpre um papel lexical na frase, pois seu sentido locativo é percebido porque, logo em seguida, tem a referência de um determinado lugar, no caso, a padaria. No exemplo 2, nota-se que, por meio da economia linguística, houve a supressão referencial de lugar, já que fica subtendido que só se compra pão

²⁰ Em uma perspectiva funcionalista da língua, assegurar o mesmo sentido é afirmar a existência da completa sinonímia, negando o parâmetro funcionalista da não sinonímia, não é isso. O emprego da expressão mesmo sentido é de maneira genérica se restringindo ao significado lexical e a temporalidade.

na padaria, formando uma sentença perifrástica que pode gerar dois sentidos: o primeiro, segundo a autora, refere-se à possibilidade de um falante com maior idade entender que a sequência *vou comprar* seja a intenção do falante de comprar o pão. O segundo diz respeito a um interlocutor mais jovem inferir que o *vou comprar* seja uma ação futura do locutor, isto é, uma interpretação de tempo futuro – *comprarei*. O último exemplo discutido demonstra que o verbo *ir* + infinitivo atualmente é categorizado como auxiliar de futuro. Por esse motivo, Lima-Hernandes (2009) afirma que é fundamental haver um jogo de equilíbrio entre a inferência e relevância para que algumas mudanças gramaticais sejam identificadas.

O que se nota, é que todas essas mudanças são motivadas pelo uso. É justamente a língua falada a porta de entrada para a maioria das grandes mudanças na língua escrita. É no uso que a língua se formula e atribui às palavras novos sentidos/novas funções, assim como as construções perifrásticas.

Para entender melhor a categoria semântica dos verbos e como o tempo e o aspecto verbal são sistematizados nas perífrases, a próxima seção fará uma abordagem mais específica da temática.

2.5 Conceitos agregados à auxiliaridade: tempo e aspecto

Quando abordado a definição de perífrase verbal anteriormente, Castilho (2014), após estudos sobre o assunto, chegou à conclusão que o verbo auxiliar concede ao verbo pleno categorias diferentes que atribui ao verbo pleno especificações de voz, modo, tempo e aspecto. Como o objetivo deste trabalho é o estudo da auxiliaridade da constituição do tempo do verbo *ir*, a atenção será dada somente ao tempo e ao aspecto.

2.5.1 Tempo verbal

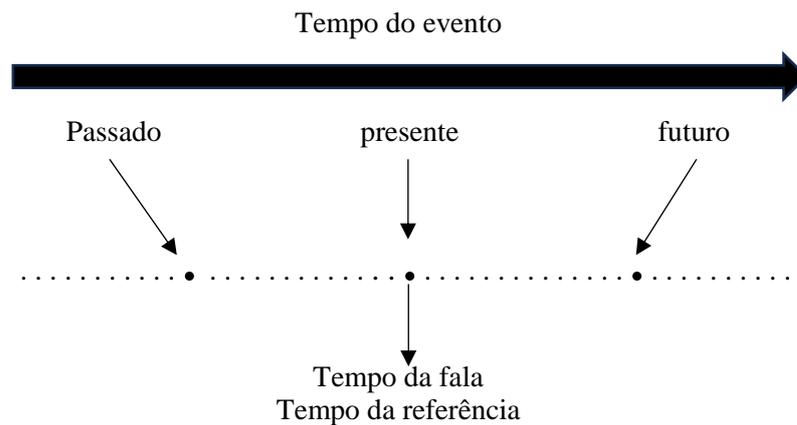
Os tempos verbais, na visão de Ilari; Basso (2014), não se justificam pelo tempo físico ou por qualquer outra referência parecida, mas por localizar os estados de coisa²¹ em relação ao momento da fala, os quais podem ser simultâneos, anteriores ou posteriores. Por esse motivo, se diz que o tempo do verbo traz consigo uma informação dêitica - que remete a situação de fala por ter por base a enunciação – ou anafórica, quando se torna exata a partir de informações

²¹ O estado de coisa se refere às coisas que acontecem no mundo e podem ser expressadas pela língua.

presentes no mesmo texto. Os estudiosos ainda consideram o tempo do verbo de maneira topológica, haja vista que tem a função de localizar o fato descrito em diferentes momentos.

Em estudos anteriores, Givón (2001) representa, diagramaticamente, uma representação da relação estado de coisas e momento de fala como consta na figura a seguir:

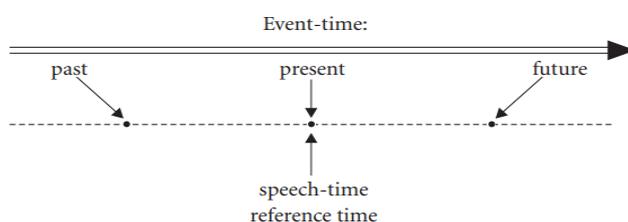
Figura 13: Diagrama de tempo de Givón



(Fonte: Givón, 2001, p. 286, tradução nossa)²²

O autor explica que a codificação da categoria tempo pode ser sistematizada entre dois pontos em uma dimensão linear: o tempo do evento, que pode ser presente, passado e futuro; e o tempo de referência. O tempo da fala é sempre o presente, o agora, a parte central da dimensão linear. No ponto de referência temporal, o qual não está marcada a relação de quais cláusulas são ancorados os eventos, está o tempo de fala. A essa ancoragem temporal ao ponto de referência padrão (tempo da fala/enunciação), o autor chama de tempo absoluto. Por esse motivo, ele enfatiza que o tempo verbal é um fenômeno pragmático, já que é possível ancorar uma proposição a um ponto temporal que pode estar fora dela mesma.

Givon (2001) distingue ainda no seu diagrama três divisões verbais principais: passado, presente e futuro. Porém, tanto nesse trabalho, quanto em Givon (2011), ele apresenta mais uma divisão chamada de habitual, referente a um evento que sempre ocorre ou não tem



um horário especificado, como em *She always watches whales*. (Ele sempre observa as baleias). Segundo o autor, essa quarta divisão é um *status* um pouco obscuro, já que não é sobre nenhum tempo específico. Por esse e outros motivos, prefere tratar a divisão habitual de uma subcategoria do aspecto imperfeito, uma vez que pode perpassar com vários tempos.

Ainda falando de tempo, Castilho (2014, p. 32) afirma que as formas temporais vão além dos estados de coisa, situando o falante em um tempo real. Elas servem como um deslocamento livre na linha do tempo, que será determinado pela necessidade da expressão que pode ser em um tempo “imaginário, que escapa à medição cronológica, ou num domínio vago, genérico, impreciso, atemporal”. Nesse caso, acontecem três diferentes usos do tempo. O primeiro é o uso do tempo real, quando o estado de coisa coincide com o tempo cronológico. O segundo é o tempo fictício, em que o espaço-tempo imaginário não coincide com o tempo real e faz o falante usar meios metafóricos das formas verbais para conseguir transmitir anterioridade, simultaneidade ou posterioridade. Por fim, o último uso do tempo dá-se de maneira atemporal das formas verbais; ou seja, se desloca para não coincidir com o tempo real por se deslocar para um domínio vago, impreciso.

Corroborando com essas ideias, Neves (2018) afirma que todo estudo sobre tempo verbal tem como dever tratá-lo como uma categoria dêitica, isso significa relacioná-lo com o tempo da enunciação (o momento da fala – o agora), o tempo de referência (simultâneo ou que é anterior ou posterior ao momento da enunciação que é registrado no texto) e o tempo do evento do estado de coisa, que pode ser anterior ou posterior ao tempo de referência. Considerando a categoria dêitica na análise da frase, que vai do simples ao mais complexo, seguem abaixo alguns exemplos:

7. *..aí passado uns dois final de semana eu fui lá novamente.*

Tempo da enunciação: o agora (momento da fala)

Tempo de referência: passado uns dois final de semana, anterior ao da enunciação.

Tempo do evento: Fui lá, se reporta ao mesmo tempo da referência.

8. *...eu até tive numa loja ontem... eu cheguei lá e procurei as funcionária lá... até fiiz uma brincadeira com elas..*

Tempo da enunciação: o agora (momento da fala)

Tempo de referência: ontem, anterior ao da enunciação.

Tempo do evento: Nessa situação, o tempo do evento é triplo, pois são três frases com verbo.

- I. Até tive: mesmo tempo da referência;
- II. Procurei²³ as funcionária: anterior ao tempo de referência;
- III. Fiz uma brincadeira: Posterior ao tempo de referência.

9. *É levou a noite pro hospital... ai no outro dia uma da tarde ela ganhou o menino... ai foi crescendo agora tá cum dois ano e meii.*

Tempo da enunciação: o agora (momento da fala).

Tempo de referência: O tempo do evento é duplo. 1º no outro dia, anterior ao tempo da enunciação; 2º agora, simultâneo ao da enunciação.

Tempo do evento: Assim como no exemplo 2, o tempo do evento é triplo, pois são três frases com verbo.

- I. Levou a noite: o tempo do evento é anterior ao da enunciação (agora), anterior ao primeiro tempo de referência (no outro dia) e anterior ao segundo tempo de referência (agora);
- II. Ganhou o menino: o tempo do evento é anterior ao da enunciação (agora), simultâneo ao primeiro tempo de referência (no outro dia) e anterior ao segundo tempo de referência (agora);
- III. A última frase se constitui com dois verbos, sendo o primeiro uma locução verbal: ir (V1) e crescer (V2) - *foi crescendo*, e o verbo está, o verbo central da frase. Assim, em agora tá o tempo do evento é simultâneo ao da enunciação (agora), posterior ao primeiro tempo de referência (no outro dia) e simultâneo ao segundo tempo de referência (agora).

(Exemplos extraído do Banco de dados do Fala Goiana)

Partindo desses dados, nota-se que o momento do evento pode ou não ter relação direta com o momento da fala e a forma verbal será determinante para identificar isso. No exemplo 1, a relação direta não acontece, pois o momento da fala/enunciação é o agora, e o momento do evento é “passado uns dois finais de semana”, ou seja, anterior à enunciação. Nos exemplos 2 e 3 têm-se as duas situações no mesmo período, o que comprova a complexidade que pode ser expressada no momento da enunciação. Neves (2018, p. 169) salienta que o tempo da linguagem não é físico, cronológico; ele é “ancorado na situação da enunciação (um “hoje”, um

²³ Mesmo a frase tendo dois verbos, o verbo procurar é o verbo central da frase. O verbo *chegar* funciona como auxiliar.

MR - MF: o momento de referência é anterior ao momento da fala.

MR , ME: o momento de referência é igual ao momento do evento.

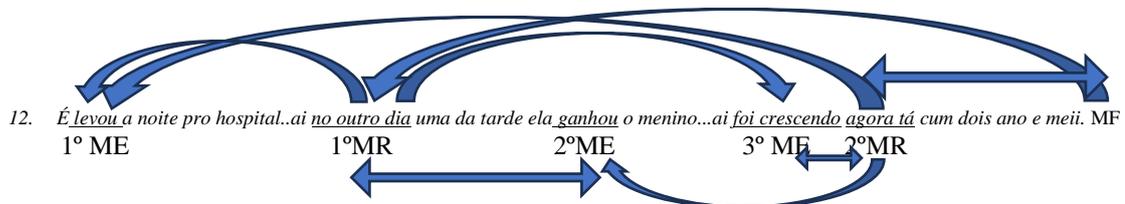


MR - MF: o momento de referência é anterior ao momento da fala.

MR , ME: o momento de referência é igual ao 1º momento do evento.

MR - ME: o momento de referência é anterior ao 2ª momento do evento.

MR - ME: o momento de referência é anterior ao 3º momento do evento.



MR - MF: o 1º momento de referência é anterior ao momento da fala.

MR , MF: o 2º momento de referência é simultâneo ao momento da fala.

ME - MR: o 1º momento do evento é anterior ao 1º e 2º momento de referência.

(1) ME , MR / (2) ME - MR: o 2º momento do evento é igual ao 1º momento de referência e anterior ao 2º momento de referência.

(1) MR – ME / (2) MR , ME: o 3º momento do evento é posterior ao 1º momento de referência e simultâneo ao 2º momento de referência.

2.5.2 Aspecto verbal

Os exemplos descritos na seção anterior deixam claro que a referência temporal corresponde não só ao tempo cronológico, mas serve também para localizar os estados de coisa no momento da fala, os quais podem ser simultâneos ou não, já que sua categoria é dêitica. Segundo Ilari; Basso (2014), ao estudo do aspecto não interessam as relações cronológicas nem a categoria que tem como referência principal o tempo da enunciação – o agora, pois sua categoria é conceitual. Dessa forma, o aspecto se refere ao que é constituído internamente no processo, que pode ter etapas e uma delas pode ou não ser mais valorizada que outra. Segundo Jakobson (1971, p. 135), enquanto o tempo “caracteriza pelo o evento narrado com referência

ao evento de fala”, o aspecto caracteriza e quantifica o próprio evento que foi narrado sem envolver seus participantes e sua referência ao evento de fala.²⁴ Essa afirmação deixa claro o quanto as categorias de tempo e aspecto são distintas, e o quanto o aspecto está ligado a uma categoria que requer um olhar para o desenvolvimento do evento.

Para Hopper (1982), pode-se classificar tempo como concreto e aspecto com abstrato, pois o tempo tem relação direta com o observador, dada através da linha do tempo do próprio observador; o aspecto é abstrato porque é dependente de uma formação absoluta e não depende do observador na construção da ação. Assim, o aspecto se baseia no contexto para ser interpretado. Quanto maior o nível de abstração de um morfema, maior será a necessidade do contexto para sua interpretação.²⁵

Nesse caminho, Castilho (2014, p. 417) pontua que o aspecto verbal “é uma propriedade da predição que consiste em representar os graus de desenvolvimento do estado de coisas aí codificados, ou seja, as fases que ele pode compreender.” Desse modo, pode-se afirmar que o desenvolvimento do estado de coisas é o que determinará a decodificação do aspecto verbal dentro da predição, de forma que é a partir dele que será possível compreender suas etapas, bem como elas foram organizadas pelo falante. Voltando ao autor, ele afirma que o aspecto verbal se refere ao ponto de vista do estado de coisas em que o falante, “tangido de um inesperado transporte místico”, consegue visualizar de várias formas os estados de coisas acionados por ele mesmo, separando-os em o que dura, o que começa e termina e o que se repete.

Ainda discorrendo sobre o que argumenta Castilho (2014) sobre aspecto, ele o define como uma propriedade que não depende da morfologia do português, pois é necessário que o usuário se atenha à várias categorias linguísticas para conseguir codificá-lo, ou seja, a identificação do aspecto no estado de coisas se dá a partir de um apanhado linguístico combinado entre si. Ao codificar o aspecto, o falante, simultaneamente, escolhe o item do léxico que é marcado pela classe acional levando em conta sua necessidade de expressão, confirma ou muda tal classe fazendo uso dos recursos gramaticais (morfológicos e sintáticos) e ajusta o aspecto na articulação discursiva.

²⁴ status and aspect characterize the narrated event itself without involving its participants and without reference to the speech event. tense characterizes the narrated event with reference to the speech event. Thus the preterit informs us that the narrated event is anterior to the speech event. (p. 134,135)

²⁵ the more abstract or "grammatical" a morpheme is, the it draws upon context for its interpretation (this statement could in fact be tautological). aspectual structures are highly abstract. whereas even tense morphemes have a concrete relationship to the observer -the observers own time-line - aspect depends on an absolute, observer-independent shaping of a state or action. (p. 4)

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo narrar os percursos metodológicos usados nesta pesquisa. Inicialmente, será apresentada sua caracterização, ou seja, a natureza metodológica para alcançar os objetivos propostos. Em seguida, a atenção será dada ao banco de dados escolhido, o Fala Goiana, detalhando como ele foi formado, seus principais objetivos e o que o compõe. Posteriormente, na última seção, serão descritos o processo de coleta dos dados, bem como o caminho percorrido para obtenção dos resultados que serão expostos no capítulo de análise (capítulo seguinte).

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa está fundamentada na teoria funcionalista, pois investiga um fenômeno linguístico para entender o porquê dos seus diferentes usos no cotidiano. Para Paiva (2019), a pesquisa em linguística aplicada vai além de resolver problemas da língua, busca compreender o que acontece na realidade através de uma investigação sistemática. Esse é o propósito desta pesquisa: compreender, por meio de uma investigação linguística, os usos do verbo *ir* em construções perifrásticas na fala goiana.

Segundo Paiva (2019), as pesquisas podem ser classificadas de acordo com a *natureza* (básica, aplicada, processos e tecnologias), o *gênero* (teórica, metodológica, prática ou empírica), as *fontes de informação* (primária, secundária ou terciária), a *abordagem* (quantitativa, qualitativa ou mista), o *objetivo* (exploratória, descritiva, explicativa e experimental) e os *métodos* ou os *instrumentos de coleta de dados*.

Seguindo essas classificações propostas pela autora, esta pesquisa será de natureza básica porque tem como objetivo contribuir com o conhecimento científico. Quanto ao gênero, ela é teórica, tendo em vista que sua proposta é estudar teorias para explicar o fenômeno em estudo. No que se refere às fontes de informação, ela é secundária, dado que as informações partem de pesquisas já divulgadas, em um banco de dados usado por diversos pesquisadores. Sobre a abordagem, ela é mista, pois, primeiro, fez-se uma coleta numérica de dados para chegar às ocorrências mais prototípicas e frequentes no uso para, posteriormente, explicar o fenômeno. Furtado da Cunha e Bispo (2023, p. 25) citam esse tipo de abordagem para quantificar, “em termos absolutos e percentuais, a recorrência dos fatores linguísticos selecionados para análise.” Com relação ao objetivo, ela é descritiva e explicativa, posto que

descreve e analisa a ocorrência de um fenômeno variável sem nenhum tipo de manipulação e busca explicar quais fatores sociais e cognitivos contribuem para o uso desse fenômeno na língua, bem como o seu desenvolvimento. Sobre os métodos ou procedimentos, o trabalho se baseia na teoria fundamentada em dados, uma metodologia que tem a finalidade de desenvolver teoria; no caso do trabalho, os princípios básicos funcionalistas: Linguística Cognitiva, Gramática de Construções e Modelos Baseados no Uso.

3.2 O fala Goiana

O Fala Goiana é um banco de dados que nasceu a partir do projeto *O Português Contemporâneo Falado em Goiás*, idealizado por um grupo de pesquisadores ligados à Análise Linguística Funcionalista, denominado GEF (Grupo de Estudos Funcionalistas) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Sob a coordenação da Prof.^a Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão, o projeto tem como objetivo investigar as variações do Português Brasileiro, tendo como base as variedades linguísticas que são percebidas na fala goiana. Segundo a coordenadora do projeto, ele “visa investigar fenômenos de constituição do português do Brasil a partir de variedades linguísticas visíveis na fala goiana, com a compreensão da língua e da gramática como parte da identidade de um povo” (citação retirada do site do programa)²⁶.

Os pesquisadores envolvidos nesse projeto veem a língua como um sistema dinâmico, fluido, inacabado, que muda a todo momento nas atividades interativas. Assim, entendem que as diversas categorias linguísticas: gramatical, discursiva, lexical e semântica, estão à disposição da produção de sentidos que decorrem das atividades cooperativas. Partindo dessas informações, nota-se que este trabalho tem relação direta com as ideias defendidas pelo GEF, pois a pesquisa propõe investigar um fenômeno linguístico e suas variedades, como nas frases: *João vai embora* (verbo de movimento) e *João vai ficar em casa* (verbo auxiliar).

Até o momento, o banco de dados é composto por 21 inquéritos, sendo 9 do sexo masculino e 12 do sexo feminino em três comunidades de fala: Cidade de Goiás (12), Goiânia (8) e Aparecida de Goiânia (1). As entrevistas foram realizadas em situações de informalidade, com perguntas ligadas a temas do cotidiano.

3.3 O processo de coleta e análise dos dados

²⁶ <https://gef.letras.ufg.br/n/87544-projeto-investiga-caracteristicas-do-portugues-falado-pelos-goianos>

No Fala Goiana, a coleta de dados foi realizada manualmente. Mas antes de descrever esse processo, é necessário pontuar os critérios para seleção dos informantes. Para a coleta, optou-se pelos inquéritos da Cidade de Goiás, os quais possuem o mesmo ano, a mesma quantidade por sexo, o mesmo documentador e tem um banco de dados pequeno-médio, segundo a classificação de Sardinha (2004). Abaixo, seguem as especificações:

Quadro 1: Descrição dos corpora

| SEXO | FAIXA ETÁRIA | ANO | QUANT. DE PALAVRAS |
|-------------------------|--------------|------|--------------------|
| Masculino 72 | 72 | 2003 | 7124 |
| Masculino 65 | 65 | 2003 | 2978 |
| Masculino 38 | 38 | 2003 | 11940 |
| Masculino 36 | 36 | 2003 | 10461 |
| Masculino 30 | 30 | 2003 | 10534 |
| Masculino 25 | 25 | 2003 | 9552 |
| Feminino 70 | 70 | 2003 | 11226 |
| Feminino 65 | 65 | 2003 | 10103 |
| Feminino 48 | 48 | 2003 | 9938 |
| Feminino 43 | 43 | 2003 | 8329 |
| Feminino 33 | 33 | 2003 | 11593 |
| Feminino 28 | 28 | 2003 | 12011 |
| Total geral de palavras | | | 115780 |

(fonte: dados da presente pesquisa)

Após essa seleção, partiu-se para a coleta de dados, buscando as ocorrências do verbo *ir* nesses inquéritos. A coleta manual dos dados teve como suporte a função *Ctrl L* do computador, atalho que permite localizar dados a partir do que foi digitado no campo de pesquisa do arquivo. Como a transcrição dos dados atendeu as normas de Castilho e Preti (1986), a forma de localizar a palavra desejada necessitava de um cuidado maior, pois era possível encontrar palavras seguidas por sinais que demonstravam alguma ocorrência de pausa, truncamento, silabação (*eu vô...se eu tive uma companhia*), por exemplo. Por esse motivo, foi digitado no campo de pesquisa apenas o verbo *ir* (conjugado nos tempos em estudo), sem espaço que antecede ou sucede a palavra, considerando, ainda, as possíveis formas da pronúncia, como *vô*, *vamo*, que resultam da transcrição.

Como o objetivo de identificar qual tempo verbal entre presente e futuro o verbo *ir* é mais usado, fez-se, primeiro, um levantamento de todas as ocorrências em uma planilha do programa *Excel* criada com os seguintes campos de descrição:

Tempos verbais: presente, futuro do presente e futuro do pretérito do modo indicativo e presente e futuro do subjuntivo;

Pronomes/Pessoas verbais: eu, tu ele, nós, vós, eles/elas;

Ocorrências: *ir* na função de auxiliar e não auxiliar.

Para ter dados específicos de uso de cada falante, optou-se por planilhas individuais, que contam também com fórmulas ao final de cada tempo verbal para somar as ocorrências retiradas dos *corpora*. Dessa forma, tem-se 12 planilhas, todas elas com as especificações citadas acima.

Para facilitar, quantificar e diminuir a margem de erro na coleta de dados dos *corpora*, a soma dos resultados se deu a partir de fórmulas de soma de linhas escritas, e cada linha apresenta uma ocorrência.

Após essa coleta de dados, constatou-se que o uso do verbo *ir* é muito mais usado pelo falante no presente do indicativa, conforme se observa abaixo:

Tabela 1:Quantitativo de uso do verbo *ir* nos *corpora*

| OR D. | SEXO | IDAD E | ANO | QUA NT. PÁG | QUANT. PALAV RAS | PERÍFRASE | | | | | | NÃO PERÍFRASE | | | | | | |
|-------------|-----------|--------|------|-------------|------------------|------------|-----------------|-----------------|------------|-----------|-------|---------------|-----------------|-----------------|------------|-----------|-------|-----|
| | | | | | | PRES. IND. | FUT. PRES. IND. | FUT. PRET. IND. | PRES. SUB. | FUT. SUB. | TOTAL | PRES. IND. | FUT. PRES. IND. | FUT. PRET. IND. | PRES. SUB. | FUT. SUB. | TOTAL | |
| 1 | MASCULINO | 72 | 2003 | 24 | 7124 | 23 | 0 | 0 | 0 | 0 | 23 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | |
| 2 | MASCULINO | 65 | 2003 | 9 | 2978 | 13 | 0 | 0 | 0 | 0 | 13 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | |
| 3 | MASCULINO | 38 | 2003 | 33 | 11940 | 27 | 0 | 0 | 0 | 1 | 28 | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7 | |
| 4 | MASCULINO | 36 | 2003 | 26 | 10461 | 44 | 0 | 0 | 0 | 0 | 44 | 28 | 0 | 0 | 0 | 1 | 29 | |
| 5 | MASCULINO | 30 | 2003 | 17 | 10534 | 56 | 0 | 0 | 0 | 0 | 56 | 16 | 0 | 0 | 0 | 1 | 17 | |
| 6 | MASCULINO | 25 | 2003 | 24 | 9552 | 18 | 0 | 0 | 0 | 0 | 18 | 10 | 0 | 0 | 0 | 0 | 10 | |
| 7 | FEMININO | 70 | 2003 | 48 | 11226 | 41 | 0 | 0 | 0 | 0 | 40 | 23 | 0 | 0 | 0 | 0 | 23 | |
| 8 | FEMININO | 65 | 2003 | 21 | 10103 | 34 | 0 | 0 | 0 | 0 | 34 | 17 | 0 | 0 | 0 | 0 | 17 | |
| 9 | FEMININO | 48 | 2003 | 35 | 9938 | 51 | 0 | 0 | 0 | 0 | 51 | 11 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | |
| 10 | FEMININO | 43 | 2003 | 29 | 8329 | 25 | 0 | 0 | 0 | 0 | 25 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | |
| 11 | FEMININO | 33 | 2003 | 14 | 11593 | 94 | 0 | 1 | 0 | 0 | 95 | 23 | 0 | 0 | 0 | 0 | 23 | |
| 12 | FEMININO | 28 | 2003 | 24 | 12011 | 75 | 0 | 0 | 0 | 0 | 75 | 28 | 0 | 0 | 0 | 0 | 28 | |
| TOTAL GERAL | | | | | 304 | 115789 | 501 | 0 | 1 | 0 | 1 | 502 | 172 | 0 | 0 | 0 | 2 | 174 |

(fonte: dados da presente pesquisa)

Essa comprovação numérica determinou o rumo do tempo verbal da análise, concentrando-se apenas no presente do indicativo. Vale ressaltar que na forma o verbo se apresenta no presente do indicativo, porém, na função, ele demonstra tempo futuro.

Após essa constatação, a planilha de dados foi reorganizada, contendo somente dados no presente do indicativo. Como dito anteriormente, a coleta de dados contempla 12 planilhas, cada uma de um inquérito. Segue abaixo uma amostra:

Tabela 2: Modelo de tabela usada para selecionar e quantificar os dados por entrevista

OCORRÊNCIAS DE USO DO VERBO *IR* NO PRESENTE DO INDICATIVO

| MASCULINO, 65 ANOS, 2003, 09 PÁG | | | |
|----------------------------------|--|---|--|
| PESSOAS VERBAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | DEMAIS USOS |
| EU | vou contar | ah... eu gosto de samba também rapaz... (risos) vô te contá... | |
| | vou arrumar | ... senhor qué qui eu vô arrumá dois desses rapaz qui tá cumigo aí? | |
| | vou contar | . aí nessa Brasília vô te contá... infrentei bocada dura lá... | |
| | | 3 | |
| TU | | 0 | |
| ELE | | | e... mas ceis vai lá pu hotel... ficá nu hotel... pu conta da firma.. |
| | vai fazer | ... e o quê que nói fizemo?... agora um... quê que vai fazê? | |
| | vai dar | ... num vai dá pá trocá hoje tem qui posá... | |
| | vai beber | ... não num vai bebê não hem!. | |
| | vai ter | vai tê qui arrumá dois pá posá no caminhão né? | |
| | vai posar | ... cês dois vai pos´aí não, cês dois... um posa no caminhão | |
| vai acabar | ... não cê vai cabá cum estojo aí rapaz.. | | |
| | | 6 | 1 |
| NÓS | vamos viajar | ele ficô assim... abismado assim... falô não... é muito fáci... nós num vamo viajá hoje... | |
| | | | pessano que já a imhora... falô... nós vamo é depois do armoço... |

| | | | |
|-------------|---|----|--|
| | | | que agora daqui pá de tarde nói vamo bora... |
| | | | ... nesse mei tempo chega... nói vamo muito bem saimo de Goiãna era cinco hora da tarde... |
| vamos beber | peguei e falei pra ele: ó... mé qui é?... vamo bebê não... | | |
| vamos fazer | .. e agora cumé qui nói vamo fazê cum esse tanto de material | | |
| vamos posar |), aonde nóis vamo posá intão?... | | |
| | | | ... chegamo lá em Brasília há... agora vamo todo mundo durmi nu cerrado... aí nói durmimo foi nu cerrado memo.. |
| | | 4 | 4 |
| VÓS | | | |
| ELES | | | |
| TOTAL | | 13 | 5 |

| RESUMO DOS DADOS | |
|------------------|-----------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE |
| EU | 3 |
| TU | 0 |
| ELE | 6 |
| NÓS | 4 |
| VÓS | 0 |
| ELES | 0 |
| TOTAL | 13 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA

(Fonte: dados da presente pesquisa)

As ocorrências de uso na planilha seguem a ordem dos dados encontrados, seja dos usos perifrásticos ou não perifrásticos, todos contabilizados por fórmulas. Nos casos de usos não perifrásticos, se encontram usos plenos, e de outras categorias, esses contabilizados conjuntamente. Dessa maneira, em cada planilha tem-se a soma do verbo *ir* na função de auxiliar e não auxiliar.

Em seguida, os dados individuais foram contabilizados em outra planilha, também por meio de fórmulas, permitindo um quantitativo geral das ocorrências de uso do verbo com várias especificações, conforme abaixo:

Tabela 3: Quantitativo de ocorrências de uso do verbo *ir* no presente do indicativo detalhada por informante e flexão verbal

| DESCRIÇÃO DOS INQUÉRITOS | | | | | | | CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS | | | | | | | | DEMAIS USOS | | | | | | | |
|--------------------------|-----------|-------|------|-------------|-----------------|------------|---------------------------|----|-----|-----|-----|------|-------|-------------|---------------|----|-----|-----|-----|------|-------|-------------|
| ORD. | SEXO | IDADE | ANO | QUANT. PÁG. | QUANT. PALAVRAS | QUANT. USO | FLEXÃO VERBAL | | | | | | TOTAL | PORCENTAGEM | FLEXÃO VERBAL | | | | | | TOTAL | PORCENTAGEM |
| | | | | | | | EU | TU | ELE | NÓS | VÓS | ELES | | | EU | TU | ELE | NÓS | VÓS | ELES | | |
| 1 | MASCULINO | 72 | 2003 | 24 | 7124 | 24 | 8 | 0 | 9 | 6 | 0 | 0 | 23 | 95,83% | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 | 4,17% |
| 2 | MASCULINO | 65 | 2003 | 9 | 2978 | 18 | 3 | 0 | 6 | 4 | 0 | 0 | 13 | 72,22% | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 5 | 27,78% |
| 3 | MASCULINO | 38 | 2003 | 33 | 11940 | 34 | 9 | 0 | 15 | 3 | 0 | 0 | 27 | 79,41% | 4 | 0 | 3 | 0 | 0 | 0 | 7 | 20,59% |
| 4 | MASCULINO | 36 | 2003 | 26 | 10461 | 72 | 18 | 0 | 23 | 3 | 0 | 0 | 44 | 61,11% | 8 | 0 | 17 | 3 | 0 | 0 | 28 | 38,89% |
| 5 | MASCULINO | 30 | 2003 | 17 | 10534 | 72 | 25 | 0 | 29 | 1 | 0 | 1 | 56 | 77,78% | 7 | 0 | 6 | 3 | 0 | 0 | 16 | 22,22% |
| 6 | MASCULINO | 25 | 2003 | 24 | 9552 | 28 | 5 | 0 | 13 | 0 | 0 | 0 | 18 | 64,29% | 4 | 0 | 6 | 0 | 0 | 0 | 10 | 35,71% |
| 7 | FEMININO | 70 | 2003 | 48 | 11226 | 63 | 16 | 0 | 22 | 3 | 0 | 0 | 41 | 65,08% | 6 | 0 | 13 | 3 | 0 | 0 | 22 | 34,92% |
| 8 | FEMININO | 65 | 2003 | 21 | 10103 | 51 | 2 | 0 | 31 | 1 | 0 | 0 | 34 | 66,67% | 1 | 0 | 15 | 1 | 0 | 0 | 17 | 33,33% |
| 9 | FEMININO | 48 | 2003 | 35 | 9938 | 62 | 24 | 0 | 25 | 2 | 0 | 0 | 51 | 82,26% | 6 | 0 | 2 | 3 | 0 | 0 | 11 | 17,74% |
| 10 | FEMININO | 43 | 2003 | 29 | 8329 | 28 | 6 | 0 | 19 | 0 | 0 | 0 | 25 | 89,29% | 1 | 0 | 2 | 0 | 0 | 0 | 3 | 10,71% |
| 11 | FEMININO | 33 | 2003 | 14 | 11593 | 117 | 29 | 0 | 57 | 8 | 0 | 0 | 94 | 80,34% | 7 | 0 | 13 | 3 | 0 | 0 | 23 | 19,66% |
| 12 | FEMININO | 28 | 2003 | 24 | 12011 | 103 | 33 | 0 | 35 | 7 | 0 | 0 | 75 | 72,82% | 12 | 0 | 9 | 6 | 0 | 1 | 28 | 27,18% |
| TOTAL GERAL | | | | 304 | 115789 | 672 | 178 | 0 | 284 | 38 | 0 | 1 | 501 | 74,55% | 56 | 0 | 87 | 27 | | 1 | 171 | 25,45% |

(fonte: dados da presente pesquisa)

Após a identificação dos dados, os usos do verbo *ir* na função de auxiliar foram extraídos para outra planilha, a qual foi possível, através de recursos do *Excel*, classificá-las por ordem alfabética para, posteriormente, contabilizar a quantidade das ocorrências repetidas e identificar as exclusivas²⁷. Das 501 ocorrências encontradas do verbo *ir*, 266 foram repetidas, algumas com mais frequências que outras, restando um total de 235 formas diferentes de uso.

Os recursos do programa Excel permitiram também identificar a quantidade de usos de cada ocorrência até mesmo por informante, dado que foram separadas por cor antes de serem classificadas, conforme planilha acima. Essa ação é importante porque possibilita apontar as ocorrências mais frequentes e se são faladas por mais de um entrevistado, conforme a pequena amostra²⁸ a seguir:

Quadro 2: demonstrativo do recurso utilizado para quantificar o uso de cada construção

| Forma nom. do verbo | verbos | |
|----------------------------|---------------|---|
| infinitivo | vai abaixar | 1 |
| infinitivo | vai acabar | |
| infinitivo | vai achar | 1 |
| infinitivo | vai acontecer | 1 |
| infinitivo | vai ajudar | 1 |

(Fonte: dados da presente pesquisa)

Após a classificação dos dados, foram selecionados os usos de *ir + infinitivo* e *ir + gerúndio*. O resultado será apresentado e discutido na seção de análise destinada a frequência de uso do verbo *ir*.

Sendo assim, a motivação deste trabalho parte do uso de perífrases de auxiliaridade com o verbo *ir* por falantes goianos e buscará, através do quantitativo dos dados, identificar sua frequência e entender os efeitos de sentidos do seu uso em diferentes construções a partir das teorias funcionalistas. O capítulo seguinte mostrará essas análises.

²⁷ Todos esses dados serão apresentados na primeira seção de análise.

²⁸ Como foram muitas ocorrências, foi apresentado apenas uma pequena parte de como os dados foram classificados na planilha. O objetivo aqui foi apenas mostrar o caminho percorrido para obtenção dos dados.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo busca, através da análise dos dados coletados no FG, responder às perguntas de pesquisa que estão diretamente relacionadas aos objetivos desta pesquisa. Para isso, ele será dividido em três seções, e cada pergunta será respondida levando em conta as teorias discutidas anteriormente, seguindo a ordem apresentada na introdução.

De início, busca-se mostrar, tendo como base a teoria discutida no capítulo 1 e a coleta de dados descrita no capítulo 3, as construções de auxiliaridade na fala goiana no presente do verbo *ir*, seguida da sua funcionalidade, ou seja, qual a frequência de uso das perífrases de auxiliaridade e sua diversidade. Nesse momento, será dada a resposta às duas primeiras perguntas de pesquisa:

1^a. Quais são as representações predicativas de auxiliaridade mais frequentes com o verbo *ir* na fala goiana?

2^a. Como as construções de auxiliaridade estão sendo usadas na fala goiana?

Logo depois, o foco será em apresentar a estrutura das construções auxiliares com o verbo *ir* para que, a partir de um viés mais semântico, seja possível compreender a funcionalidade, o efeito de sentido por trás do uso. Esse tópico está ancorado nos dois capítulos teóricos. De início, será abordado o *ir* no sentido lexical. Depois, a análise parte para um assunto mais caro à pesquisa, que é discutir as construções de auxiliaridade do verbo *ir*, sendo ela no infinitivo e gerúndio. Em seguida, o objetivo é mostrar as semelhanças e diferenças entre tais construções de auxiliaridade do verbo e responder a 3^a e a 4^a pergunta que norteiam este trabalho:

3^a. Como as construções de auxiliaridade são elaboradas/funcionam na constituição do tempo?

4^a O que essas construções cumprem discursivamente que faz com elas sejam tão produtivas na língua?

Para fechar a seção, serão apresentados, sucintamente, usos atípicos do verbo *ir*.

Por fim, seguindo os pressupostos explanados ainda no capítulo 1, será mostrado como as construções se relacionam com a Rede Construcional de Tempo no PB, dando resposta a última pergunta deste trabalho:

5^a. Como essas construções se relacionam com a rede construcional no PB?

4.1 A frequência do verbo *ir* na fala goiana

Como já sinalizado, esta seção se inicia com o objetivo de mostrar quais são os padrões de predicados que representam a construção de auxiliabilidade elaborada com o verbo *ir*. Antes de dar início a esse assunto, vale trazer para essa discussão uma reflexão/questão acerca dessa proposta de investigação: o que leva/motiva o pesquisador a pensar que existem predicados prototípicos para o verbo analisado?

Para responder a essa pergunta inicial, é preciso retomar o que foi apresentado no capítulo 1 no que se refere aos pressupostos cognitivos que são intimamente ligados à língua em uso, pois são esses princípios que dão suporte teórico para compreender as mudanças relacionadas à natureza gramatical. Dado isso, como este trabalho se alicerça em uma teoria baseada no uso em um *corpus* específico, é possível classificar/categorizar, a partir da análise dos dados, os predicados que são mais auxiliados pelo verbo *ir* pela frequência de uso. Por esse motivo, espera-se que existam predicados que tenham o uso mais recorrente que outros em construções com verbos auxiliares, permitindo identificar tais situações de uso que estão mais cristalizadas na fala goiana.

Não é possível afirmar que o mais prototípico é sempre o mais frequente. Porém, como este trabalho parte também de uma análise quantitativa, a categorização dos dados extraídos para pesquisa partirá da frequência encontrada no banco de dados. O resultado da análise partiu da contagem das ocorrências do verbo *ir* em 12 entrevistas transcritas do banco de dados do Fala Goiana, que somam 115.789 palavras.

Quanto ao uso do verbo em estudo, considerando o tempo presente, foram encontradas 501 ocorrências. Dessas ocorrências encontradas, 235 usos diferentes, com 266 repetições. Segue abaixo a tabela que mostra detalhadamente esses resultados, a qual responde à 1ª pergunta de pesquisa deste trabalho.

Quadro 3: Dados quantitativos das construções perifrásticas do verbo *ir* nos *corpora*

| ORD | QUANT OCOR. | OCORRÊNCIAS/CONSTRUTOS - <i>type</i> | QUANT. REPET. <i>token</i> |
|-----|----------------|--------------------------------------|-------------------------------|
| 1 | 1 | vai fazer | 30 |
| 2 | 1 | vai dar | 20 |
| 3 | 2 | vai ser/vou fazer | 12 |
| 4 | 1 | vai ficar | 9 |
| 5 | 1 | vai indo | 8 |

| | | | |
|----|-----|---|---|
| 6 | 5 | vai acabar/vai levando/vai ter/vou dar/vou ficar | 7 |
| 7 | 5 | vai aprender/ vai mudando / vai pagar/ vamos ver/vou contar | 6 |
| 8 | 4 | vai passar/vai vir/vamos orar/ vou pagar | 5 |
| 9 | 13 | vai morrer/ vai pegar/vai trabalhar/vai ver/vou arrumar/ vou falar/vou largar/vou levando/ vou levar/vou procurar/vou ser/vou trabalhar/vou ver | 4 |
| 10 | 21 | vai dormir/vai encaminhar/vai estar/vai fazendo/vai levar/vai mudar/vai passando/vai virar/vamos fazer/vou ajudar/vou caçar/vou casar/vou conseguir/vou construir/vou conversar/vou esperar/vou estudar/vou explicar/vou mexer/vou pedir/vou pegar | 3 |
| 11 | 29 | vai arrumar/ vai bater/ vai beber/ vai brincar/ vai cair/ vai chegando/ vai chegar/ vai chover/ vai contar/ vai ficando/ vai guiar/ vai pagando/ vai rebentar/ vai sair/ vai vender/ vai voltar/ vamos arrumar/ vamos tomar/ vou cuidar/ vou dizer/ vou entrar/ vou ganhar/ vou juntar/ vou mandar/ vou morar/ vou passar/vou ter/vou tirar/vou vencer | 2 |
| 12 | 152 | vai abaixar/ vai achar/ vai acontecer/ vai ajudar/ vai amolar/ vai apanhar/ vai aparecer/ vai arrancar / vai arrumando/ vai assinar/ vai avançando/ vai beijando/ vai casar/ vai chamar/ vai cobrar/ vai comer/ vai comprando/ vai confundindo/ vai construir/ vai contando/ vai conversar/ vai copiar/ vai cozinhar/ vai crescer/ vai criando/ vai curar/ vai deixar/ vai dispor/ vai encontrar/ vai enfrentar/ vai ensinando/ vai ensinar/ vai equilibrando/ vai esperar/ vai esquecer/ vai falando/ vai faltar/ vai firmando/ vai ganhar/ vai gostar/ vai largar/ vai lavar/ vai levantar/ vai liberar / vai libertar / vai ligar / vai limpar / vai lixando / vai mandar / vai matar / vai melhorando / vai melhorar / vai misturando / vai misturar/ vai modificando/ vai montar/ vai morar/ vai mostrar/ vai nascer/ vai olhar / vai pegando/ vai perguntar/ vai plantar/ vai pôr/ vai posar/ vai prestar/ vai puxar/ vai querer/ vai reagir/ vai reconquistando/ vai resolver/ vai restaurar/ vai saber/ vai seguir/ vai sentando/ vai sentindo/ vai sumir/ vai tirar/ vai tratar/ vai trazer/ vai vingar/ vai virando/ vai vivendo/ vai viver/ vamos acabar/ vamos acertar/ vamos aposentar/ vamos apostar/ vamos aprender/ vamos beber/ vamos construir/ vamos cortar/ vamos dar/ vamos dizer/ vamos juntar/ vamos largar/ vamos levando/ vamos levar/ vamos posar/ vamos repartir/ vamos tirar/ vamos tocando/ vamos trabalhar/ vamos viajar/ vão pensar/ vou abrir/ vou achar/ vou andando/ vou andar/ vou apanhar/ vou aprender/ vou arriar/ vou arriscar / vou bater/ vou brigar/ vou brincar/ vou buscar/ vou chorar/ vou comprar/ vou crescer/ vou cumprir/ vou decorar/ vou deixar/ vou descansar/ vou desdenhar/ vou enfrentar/ vou engraxar/ vou esquecer/ vou estar/ vou fingir/ vou gastar/ vou insistir/ vou jogar/ vou lendo/ vou marcando/ vou matar/ vou montar/ vou mostrar/ vou mudar/ vou orar/ vou pensar/ vou quebrar/ vou receber/ vou repartindo/ vou rezar/ vou sair/ vou sofrer/ vou tocar/ vou tomar/ vou vender/ vou vivendo/ vou voltar | 1 |

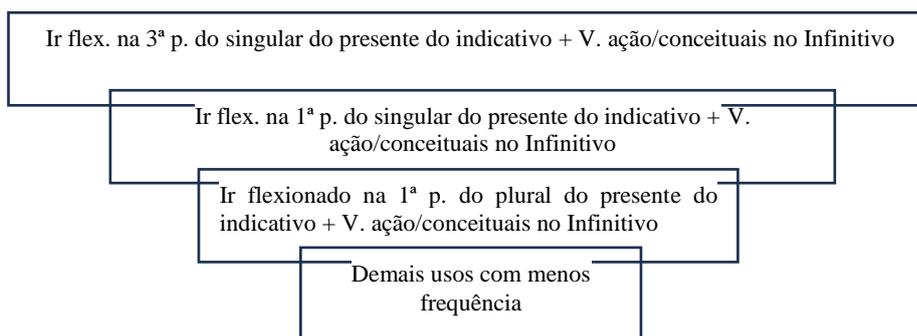
(Fonte: dados da presente pesquisa)

O que se observa nos dados é que a auxiliaridade do verbo *ir* na fala goiana é mais frequente junto a verbos de ação no presente do indicativo, sobretudo o verbo *fazer* (vai fazer/vou fazer). É necessário destacar que, de todas as ocorrências de auxiliaridade com uma frequência maior de uso, as mais usadas foram encontradas em várias entrevistas, o que demonstra que esse tipo de construção é comum entre os goianos. Vale salientar que na análise não foi considerada a quantidade de verbos, mas a variação através da conjugação. Por esse motivo, vários verbos aparecem mais de uma vez na tabela.

Um ponto importante que os dados permitiram observar é a quantidade de ocorrências que apareceram apenas uma vez no banco de dados. Isso seria indício de que a predicação está sendo mais construída com verbos auxiliares? Face ao exposto, sim. Mas é necessário analisar os demais usos para quantificar melhor esse número, tendo em vista que o foco principal da coleta foram as situações de auxiliaridade. Nos demais usos, superficialmente, é possível perceber usos que não são considerados plenos, porém esse não é o foco da pesquisa.

Voltando aos dados da tabela, tendo como referência o modelo de Wittgenstein em Givon (2001) e as considerações de Rosch e Mervis (1975), de que o prototípico é regulado pela “semelhança de família”, no caso em estudo, as construções perifrásticas podem ser estabelecidas pelo grau de semelhança das classes predicativas que são auxiliadas pelo verbo *ir*. Sendo assim, tem-se:

Figura 15: Categorização da frequência do verbo *ir* auxiliar ajustada à representação de protótipos



(Fonte: Elaboração própria)

A figura mostra a categorização do uso das perífrases de auxiliaridade do verbo *ir* a partir da frequência de uso dos falantes goianos e responde a 2ª e última pergunta deste tópico, pois, é possível identificar, de maneira clara, como as construções de auxiliaridade estão sendo usadas na fala goiana. Com o formato de uma pirâmide invertida, a figura representa o grau de frequência das construções de auxiliaridade do verbo em estudo. A ordem com que esses dados foram descritos segue a frequência de uso. Assim, o que aparece no topo da figura é o que é mais frequente; e o que é mais frequente na natureza gramatical nasce de um processo cognitivo que se dá por fenômenos relacionados diretamente à interação social, ao uso. Dito isso, a figura revela as escolhas gramaticais que dizem respeito às perífrases verbais com o verbo *ir* que são inerentes de uma região, armazenadas e selecionadas a partir da capacidade cognição de quem as reproduzem. Para Neves (2022, p. 120), “As relações entre linguagem e cognição

naturalmente se alargam para a dimensão social, o *habitat* da espécie humana, mais particularmente o *habitat* da comunidade que usa a linguagem falando uma língua”.

Ainda sobre a figura, é relevante pontuar que existe a interligação entre o que está no topo da pirâmide e o que é secundário a ela, e assim por diante. Tal correlação demonstra que elas se assemelham em algum(uns) aspecto(s), seja no pronome, no tempo verbal, no que ele indica (classificação) ou nas suas formas nominais, por isso são consideradas familiares. No caso do verbo *ir*, a construção de auxiliaridade mais usada é com ele flexionado na 3ª pessoa do singular do Presente do Indicativo + Verbo de Ação/conceitual no Infinitivo. A construção que sucede a mais prototípica é a do verbo flexionado na 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo + Verbo de Ação/conceitual no Infinitivo. O que é comum entre esses dois formatos de construções é que ambos possuem o mesmo tempo verbal (presente do indicativo), a indicação (verbo de ação/conceitual) e a forma nominal (infinitivo). Nessa escala decrescente, em terceiro lugar vem o verbo na 1ª pessoa do plural no Presente do Indicativo + Verbo de Ação/conceitual no Infinitivo, que mantém também características das construções anteriores.

Os dados encontrados não se limitam a três variações, pois foram pontuadas apenas as mais recorrentes, e que, de certa forma, estão mais próximas pela qualidade de características em comum. Mas é válido pontuar que as demais variações também são importantes e devem ser consideradas, mesmo que não tenham muitas propriedades em comum, pois, como foi dito anteriormente por Rosch e Mervis (1975) quando se referia a escala de protótipo, a quantidade de característica não é determinante para considerar ou não algo; o que interessa é que tenham semelhanças em algum aspecto.

No que se refere ao aspecto semântico dos auxiliares, Neves (2018) afirma que as predicções são classificadas por meio das unidades semânticas que eles carregam e são acionadas em determinadas construções, e têm três classes principais: verbos de ação, verbos de processo e verbos de estado, podendo alguns expressarem ação e processo ao mesmo tempo. Mas, no caso das perífrases, como os verbos expressam tempo e aspecto, eles não podem ser considerados predicados? para a autora, não. Ainda que sejam verbos, eles não assumem a função de predicados; na verdade, eles “constroem-se juntamente com um outro VERBO que é o núcleo.” (Neves 2018, p. 164, grifo da autora). Assim sendo, o V1 cumpre o papel de atribuir um sentido de temporalização/continuidade ao predicado, isso significa que a semântica de V2 é “revestida” por características temporais ou aspectuais de/por V1, e essas características são determinadas pelo contexto e intenção do falante.

Todas essas afirmações levam a hipótese de que a auxiliaridade se constitui mais em torno de predicados verbais classificados em verbos de ação ou ação e processo ao mesmo

tempo, porque se deduz que o auxiliar constituirá um tempo para algo que está acontecendo em um determinado lugar/momento. Sem desconsiderar as outras classificações e sabendo que, de forma geral, os verbos de ação são mais usados para expressar algo, nota-se que essa possibilidade se confirma, levando em conta a quantidade muito expressiva de predicados que foram flexionados no infinitivo e gerúndio, conforme relação abaixo, e que estão no topo da pirâmide apresentada anteriormente.

Quadro 4: Classificação das formas nominais de V2 nas perífrases com o verbo *ir*

| Infinitivo | Gerúndio |
|------------|----------|
| 437 | 64 |
| 87% | 13% |

(Fonte: dados da presente pesquisa)

Se levar em conta a classificação semântica de V1 e a classificação mais recorrente de V2 dos dados coletados, conclui-se que as construções perifrásticas mais frequentes do verbo *ir* se formam em torno de dois verbos: 1) o verbo *ir*, que teve sua origem em um verbo de ação e passou por um processo de abstratização até conseguir chegar à funcionalidade de auxiliar, retendo o traço semântico de deslocamento, embora não físico, mas temporal, e perdeu sua força predicadora; e 2) o V2 que, mesmo encontrando-se em uma forma nominal, infinitiva, retém maior carga semântica e, assim, desempenha a função predicadora.

4.2 As construções com o verbo *ir*

Tudo o que foi apresentado até aqui já demonstra, de maneira geral, a diversidade de uso e de sentido do verbo *ir*. Os dados analisados na seção anterior conduzirão as análises deste tópico, o qual discorrerá sobre esses usos identificados nas entrevistas. É importante frisar que as análises das ocorrências partirão do verbo *ir* auxiliar conjugado na primeira e terceira pessoa do singular, as que apresentaram mais ocorrências, como foi apresentado na metodologia.

Nos dados, foram encontradas duas diferentes desinências nos verbos auxiliados pelo verbo *ir*: o gerúndio e o infinito. Dentre essas construções, uma forma chama a atenção: o verbo *ir* auxiliando ele mesmo. Mas, antes de iniciar essa discussão, a atenção será dada ao verbo *ir* no seu sentido de movimento, pois é preciso compreender, primeiro, o sentido lexical do verbo para, depois, adentrar no esvaziamento sofrido por ele através do processo de gramaticalização para chegar ao seu uso como verbo auxiliar. Tudo isso reforça que os verbos não são definidos

por manuais, eles são usados e interpretados de acordo com a necessidade e a capacidade cognitiva do falante de expressar e entender o enunciado; e tudo isso está intimamente ligado ao lugar de fala, à cultura que o falante está inserido.

4.3 *Ir* no sentido lexical

O verbo *ir* no sentido pleno exprime a ideia de movimento, e isso pode ser observado logo no início dos verbetes dos dicionários. No Dicionário Houaiss (2011, p. 554), por exemplo, de 22 definições, as 3 primeiras contemplam seu uso no que se refere ao deslocamento no espaço físico, de sair de um lugar e ir para outro para, em seguida, constar outras possibilidades de uso que demonstram a gramaticalização do verbo.

Ir v. (mod. 32) int. e pron. 1 deslocar-se de um lugar a outro <ir ao museu> <vai-se daqui ao museu a pé> ao museu é circunstância que funciona como complemento 2 deslocar-se a um lugar sem pretender ficar ou demorar ao fazê-lo exatamente com esse fim <ir a São Paulo para uma entrevista> <foi para o Rio e começou vida nova> a São Paulo e para Rio são circunstâncias que funcionam como complemento. 3 deixar algum lugar; sair, partir <foram do trabalho para festa> <foi-se sem se despedir> chegar do trabalho e para a festa são circunstâncias que funcionam como complemento.²⁹

Considerando isso, dois elementos são necessários para alcançar a totalidade do estado de coisa expressado por esse verbo: quem vai (agente) e um complemento, que pode ser considerado também como circunstância que funciona como complemento. Abaixo, seguem alguns exemplos encontrados nos *corpora*:

²⁹ Demais definições: **4** Fig. Morrer, nascer, ser conduzido, transportado <foi para a emergência> <os sacos vão na mala do carro> para a emergência e na mala do carro são circunstâncias que funcionam como complemento **6** seguir ou atirar-se com ímpeto, investir <o avião foi contra a torre> contra a torre é circunstância que funciona como complemento **7** apresenta-se pessoalmente, uma vez ou com regularidade; comparecer, requestrar <não foi à reunião> à reunião é circunstância que funciona como complemento **8** ser apresentado, citado; constar <vão aqui nossas exigências> **9** ser aplicado em; destinar-se <o dinheiro vai para a caridade> para a caridade é circunstância que funciona como complemento **10** dar acesso a; conduzir <todos os caminhos vão a Roma> a Roma é circunstância que funciona como complemento **11** estender-se, prolongar-se no tempo ou no espaço <o tapete vai até a porta> <a festa foi pela noite adentro> até a porta e pela noite adentro são circunstâncias que funcionam como complemento **12** chegar a (certo ponto, índice ou limite); atingir <a inflação foi a 20%> a 20% é circunstância que funciona como complemento **13** apresenta-se em (certa condição não permanente); estar <os negócios vão bem> **14** transcorrer, decorrer <foi bem o seu almoço?> **15** alcançar certo resultado; sair-se <foi mal na entrevista> **16** alterar-se de modo gradativo <seu rosto foi do rubro ao branco> do rubro ao branco é circunstância que funciona como complemento **17** deixar de manifestar-se; desaparecer <foi-se o entusiasmo> **18** ficar para trás; passar <foi-se o verão> **19** (prep. para) ser dado a (alguém, uma instituição etc.) por premiação, indicação, sorteio etc. **20** (prep. com, por) optar por, dar apoio a ou sujeitar-se a <ir com a opinião da maioria> **21** (prep. com) sentir afinidade por; simpatizar/antipatizar **22** (prep. com) ter relacionamento lúbrico ou sexual com.

13. ... então você **vai** prá roça comigo (FG. M. 30, 2003, p. 5)
14. todo domingo eu **vô** pra lá cum meus irmão. (FG. F. 43, 2023, p. 18)
15. pr/ele num ficá sozim... **vamo** junto com ele... (FG, M, 72, 2003, p. 18 e 19)
16. mas ceis **vai** lá pu hotel... ficá nu hotel... pu conta da firma.. (FG, M, 65, 2003, p. 5)

O que se observa, nesses casos, são exemplos prototípicos de uso do verbo no sentido lexical. *Ir* realmente está ligado à ideia de movimento, onde alguém vai para algum lugar. Não há outro tipo de interpretação nessas frases que não seja essa.

Quadro 5: Descrição de uso do verbo *ir* na função lexical

| Quem vai | Flexão verbal | Para onde vai |
|-------------------------|---------------|---|
| Você (alguém) | vai | Para roça |
| Eu | vou | Para lá (algum lugar) |
| Alguém (sujeito oculto) | vai | Para algum lugar que não foi descrito na frase, mas que está subentendido |

(Fonte: elaboração própria)

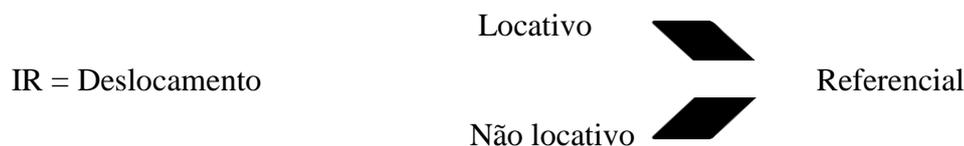
Dizer que *ir* refere-se ao ato de deslocar é a resposta mais comum, porém há dados que comprovam a mudança desse sentido mesmo estando em função plena, conforme abaixo:

17. **Vô** direto no assunto logo ficá () conversano muito não... (FG, M, 38, 2003, , p. 10)
18. Num **vai** aqui pro lado aqui da Lajinha não? (FG, F, 43, 2003, p. 18)

Nos dois exemplos, constam situações que diferem do uso de deslocar algo para outro lugar. No primeiro caso, o verbo não complementa a referência de um local, mas de uma circunstância “direto ao assunto”. Nesse caso, nota-se um sujeito subentendido pela desinência verbal mais um complemento que se refere ao que é uma ação do sujeito, assim como na resposta do informante: “**vou** direto ao assunto”. Desse modo, a concepção de movimento se mantém para referenciar um complemento que é metafórico. No outro caso, tem-se a mesma situação de sujeito, só que o complemento é iniciado com o advérbio “aqui”, o qual tem sentido locativo estático para, depois, especificar o complemento que também é locativo. Tudo isso mostra que nem sempre o complemento do verbo *ir* no sentido pleno ocorrerá para expressar que algo é deslocado de um lugar para outro, dado que o movimento pode referenciar também situações que não têm contexto locativo. Por outro lado, cabe considerar que, mesmo com essas situações, o *frame* semântico acionado por *ir* nesses exemplos, seja vinculado a um lugar ou

não, refere-se a um movimento que é dado no espaço, que se lança a uma direção, mesmo em sentido figurado, pois essas situações acontecem em um contexto de vivência espacial, conforme representação abaixo:

Figura 16: Representação da referência do verbo *ir* lexical *ir*



Dada a figura, fica claro, portanto, que, mesmo que exista variação e indícios de gramaticalização do verbo *ir*, ele retém sua capacidade de indicar deslocamento.

4.4 Ir auxiliar

A mudança de sentido que ocorre com um verbo na função de auxiliar refere-se, segundo Sweetser, citado por Heine et. al. (1991), ao distanciamento do domínio. Isso é consequência do processo de gramaticalização que é resultado da mudança de itens lexicais que aparecem em contextos linguísticos, desenvolvendo novas funções gramaticais (Hopper; Traugott, 2003, p. 15). Assim, com uma visão cognitiva da gramática, quando *ir* assume a função de auxiliar, tem-se um exemplo do que acontece com a mudança de domínios, pois, quando o verbo sofre um esvaziamento semântico, ou seja, perde a característica lexical e acopla a outro verbo para atribuir a eles outras categorias, como a de tempo, por exemplo, ele passa por uma mudança de sentido. Dessa maneira, o verbo *ir* deixa de ser domínio-fonte para ser domínio-alvo, dando lugar a um sentido totalmente gramatical, metafórico. Tudo isso é compreendido pela capacidade cognitiva do falante em criar fenômenos que estruturam a gramática da língua.

4.4.1 Ir + V2 no infinitivo

Para entender o percurso de gramaticalização do verbo *ir* até se consolidar como verbo auxiliar, vale citar aqui os trabalhos de Castilho (2014) e Simões (2007), que discorrem sobre o surgimento de *ir* como verbo auxiliar, sobretudo com a forma nominal prototípica: *ir* + infinitivo. Para Castilho (2014, p. 679), o verbo *ir* + infinitivo surgiu a partir de um processo

de gramaticalização na formação do futuro no português. Essa formação é exemplificada pelo autor a partir da análise da formação do futuro com o verbo *amar*, conforme apresentado abaixo:

A formação do futuro no português é um exemplo de gramaticalização sempre lembrado. Perdido o morfema* modo-temporal latino {-bo}, presente em *amabo*, cria-se a perífrase de infinitivo + *habeo*, como em *amare habeo*, via atribuição de novas funções ao verbo *habere*, que deixa de organizar uma sentença, transformando-se em auxiliar de um verbo no infinitivo (*amare*, neste exemplo). O conjunto *amare habeo* passa por várias transformações fonológicas (*amare habeo* > *amaráveo* > **amaráeo* > *amarei*), surgindo {-re-} como um novo morfema modo-temporal, presente em *amarei*. A nova forma nos leva de volta a uma forma simples, o que desencadeia novo ciclo de gramaticalização, surgindo agora uma nova perífrase, formada por *ir/ter de* + infinitivo, como em *vou amar, tenho de amar*.

Observa-se acima o percurso que fez o verbo *ir* ganhar força como verbo auxiliar, pois veio substituir uma forma que demonstra futuridade por meio do uso de um morfema, voltando a utilizar um verbo auxiliar.

A formação *ir* + infinitivo é frequentemente utilizada para expressar tempo futuro, comprovada pelos dados obtidos nos *corpora*. De 501 situações de uso, 437 foram com V2 no infinitivo. Isso comprova, de certa forma, que esse uso na fala goiana não é diferente do que foi/é mais investigado por pesquisadores linguistas, já que a maioria dos trabalhos encontrados nessa linha de pesquisa é com essa formação.

Seguem abaixo usos de *ir* como auxiliar de infinitivo na fala goiana:

19. pode í tranquilo qu/eu **vô ficá** de oio nele... se ele fô atrais d/ocê eu **vô levá** ele pra cadeia agora mesmo (FG, M, 36, 2003, p. 8)
20. falava...uai como você **vai ensinar** seu fii a trabaíá desse jeito... coitado... cê tá é judiano dele... como que ele **vai aprendê** trabaíá c/uma ferramenta que num tem corte? Trabalhá é bão mais com ferramenta boa... i::: ele falava... não ele **vai aprendê**... ora que era aprendê ela **vai ficá** boa... i aí eu continuava... (FG, M, 30, 2003, p. 6)

Em todos os exemplos, o verbo *ir* não tem sentido lexical na frase e serve de marcador temporal para os verbos seguintes, que são considerados núcleo da oração. Dessa maneira, no primeiro exemplo, as formações *vou ficar* e *vou levar* expressam o tempo futuro do verbo auxiliado: *ficarei* e *levarei*. O mesmo acontece com as situações apresentadas no segundo exemplo: *vai ensinar* = *ensinará*, *vai aprender* = *aprenderá*, *vai ficar* = *ficará*. Ou seja, a formação perifrástica com o verbo *ir* no presente do indicativo auxilia um verbo no infinitivo que daria conta, sozinho, de expressar futuro.

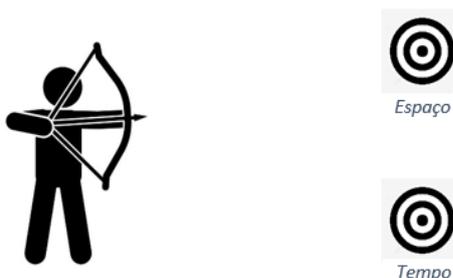
No contexto interativo, o falante não se dá conta de que essas situações perifrásticas vão além de uma nova forma de expressar futuro e são construções que, analisando lexicalmente

cada palavra, não faria sentido existir. Isso é um tanto quanto curioso porque o falante consegue entender perfeitamente o sentido da frase, seja com ela na forma sintética seja na analítica. Na verdade, pelo fato de o uso dos verbos auxiliares ser mais expressivo que o verbo pleno, o falante pode estranhar o uso de apenas um verbo para expressar futuridade, sem mesmo se dar conta do porquê. Tal situação comprova que a capacidade cognitiva do falante vai além de formas gramaticais estabelecidas pelo que é formal, tendo em vista que constroem enunciados com verbos que têm/terão carga semântica somente se estiver dando suporte a outro verbo.

Essa situação denota, em alguns casos, à luz de uma análise mais sintática, a redundância em expressar um estado de coisa, pois, tendo a ocorrência 20 como exemplo, o verbo *ensinar* refere-se ao desenvolvimento de algo, que é expressado também no uso do *vai*, por serem verbos de ação. O interessante é que isso se dá a partir de um verbo na forma finita e outra na forma não finita. Nesse caso, *ir* também serve de intensificador da ação que resultará em uma forma de expressar tempo futuro. Talvez essa seja uma estratégia cognitiva para expressar uma certa polidez ou ainda um desenvolvimento da ação no tempo do estado de coisas, mas é necessária uma investigação mais aprofundada para confirmar essa hipótese.

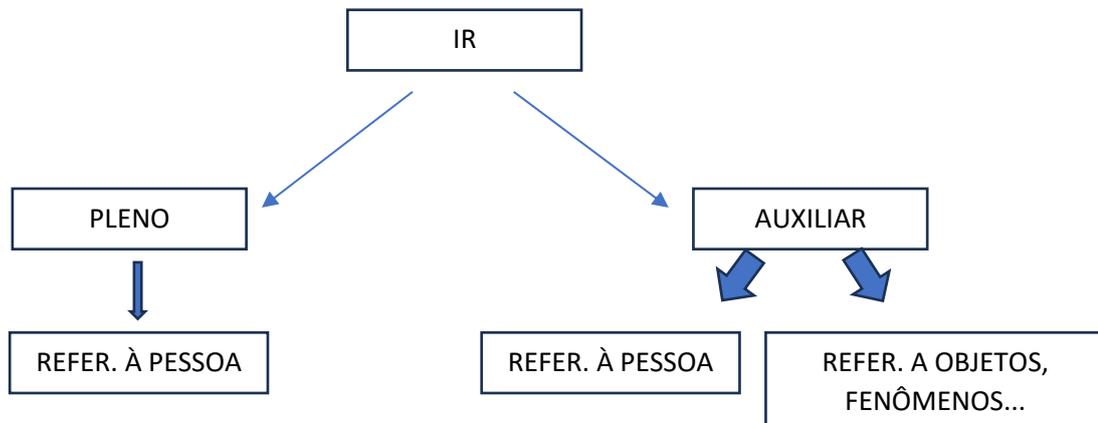
É válido refletir também sobre o motivo que levou o verbo *ir* ser gramaticalizado como marcador temporal, já que lexicalmente ele é espacial. Uma possível justificativa seria, por mais incrível que pareça, a própria categoria lexical do verbo. Se o verbo *ir* tem como característica lexical o movimento (Paulo vai ao colégio), seu campo semântico expressa uma condição de posterioridade. Da mesma maneira, o tempo futuro do presente se responsabiliza em descrever coisas que irão acontecer, que é posterior ao tempo da referência, ou seja, ao momento da fala. Isso leva a inferir que o verbo *ir* como auxiliar tenha a função de expressar o futuro porque está ligado também a uma condição de deslocamento, porém esse deslocamento deixa de ser espacial e passa a ser temporal, ganhando um sentido totalmente metafórico. Em todos os casos, *ir* se direciona para frente, para algo que acontecerá após o momento da referência.

Figura 17: Representação de usos do verbo *ir*



(Fonte: elaboração própria)

Figura 18: Representação de referência do verbo *ir* pleno e auxiliar



(Fonte: elaboração própria)

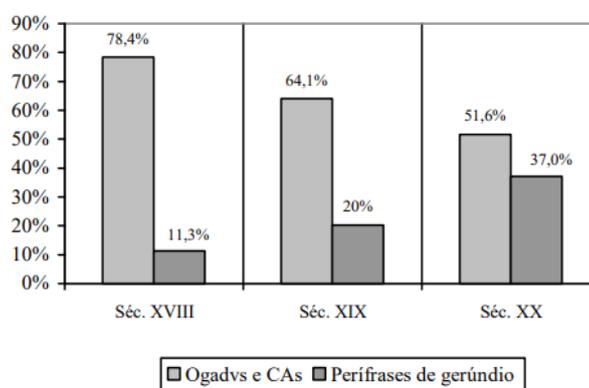
4.4.2 *Ir* + V2 gerúndio

São poucos os trabalhos que aprofundam os estudos na construção *ir* + gerúndio como perífrase de auxiliaridade. Possivelmente, o fato de existir outras construções mais prototípicas para referir-se à auxiliaridade seja uma justificativa e também porque ela não é tão frequente quanto outras.

Castilho (2014, p. 450), ao descrever uma busca sobre o estatuto da perífrase por diversos autores, chegou à conclusão que “há uma razoável convicção de que são auxiliares de verbos *ser*, *estar*, *ter*, *haver* + particípio; *estar* + gerúndio e *ir* + infinitivo.” Tanto em Castilho (2014) quanto em Neves (2018), encontra-se essa construção apenas como exemplo de aspecto; não existem tópicos dedicados a essa construção. Sendo assim, é possível dizer que *ir* + gerúndio não foi muito detalhada pelas bases que mais fundamentam esta pesquisa, mas o assunto será tratado pelo olhar de outros autores que discutiram o tema.

Simões (2007) mostra a evolução das orações de gerúndio em textos brasileiros ao longo dos séculos quando comparada a frequência da perífrase em gerúndio, com as orações adverbiais gerundiais, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 2: Frequência de perífrases de gerúndio e das orações adverbiais por séculos, segundo Simões (2007, p. 265)



(Fonte: Simões, 2007, p. 265)

Dentre essas perífrases de gerúndio analisadas por Simões (2007), está a perífrase com o verbo *ir* como auxiliar de gerúndio. Isso já demonstra que ela já se estabelecia na língua desde o século XVIII, e o fato de estar presente nas entrevistas só reforça que seu uso não se perdeu com o tempo. Esse estudo comprovou que os usos de perífrases de gerúndio foram encontrados mais em textos que descrevem a oralidade e em inquéritos da língua falada, o que se assemelha ao *corpus* deste estudo. Abaixo, seguem algumas ocorrências de *ir* + gerúndio encontradas nas entrevistas:

25. não cê leva essa mesa cê **vai pagano** a prestação pra mim... (FG, M, 36, 2003, p. 22)
26. num é porque é irmão **vai chegano** e... falano o que dê não (FG, F, 43, 2003, p. 25)
27. É num é fáci não mais eu vô:::... **vô viveno** né? é o jeito ((risos) (FG, F, 48, 2003, p. 20)
28. um dia eu ía desceno a praça do chafariz eu **vô andano** quando é fé a muié escorrega caí no mei da grama (FG, M, 38, 2003, p. 32)

Ir + gerúndio indica uma ação progressiva ou por etapas sucessivas, segundo Cunha e Cintra (1985). Dadas as frases, o verbo *ir*, no exemplo 25, se encarrega de caracterizar a ação de pagar como algo continuado, não conclusivo. O mesmo acontece em 26. A diferença é que, em 26, o estado de coisa se refere a um verbo que, assim como o verbo *ir*, tem no seu campo semântico a ideia de movimento, já que o verbo *chegar* também está relacionado a atingir o fim de um desenvolvimento, o primeiro, não. Os dois últimos exemplos, 27 e 28, com o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular, expressam, como nos primeiros, a concepção de algo inconcluído. Analisando a construção da última frase, chama a atenção a colocação dessa perífrase para expressar uma situação passada, posto que o momento da referência é anterior ao

momento do evento. Em todos os casos, o verbo *ir* atribuiu aspecto em uma forma que seria precisa.

De maneira esquemática, *ir* + gerúndio causam o seguinte efeito na ação:

(arg. 1) **vai/vou** - - - - -
(gerúndio)

Tem-se com essa construção a fragmentação da ação, que dá a ela um efeito inacabado, “imperfeito”, para Câmara Jr. (2011). O verbo auxiliar, de certa forma, sugere um ponto de partida, e a forma nominal do verbo pleno no gerúndio exprime a continuidade do evento sem determinar um fim. De maneira lúdica, usando como instrumento os sinais de pontuação do português para exemplificar isso, a ação descrita apenas com o verbo pleno no presente do indicativo seria o “ponto final”, já com *ir* + gerúndio, as “reticências”, no sentido de continuação de algo.

4.4.3 *Ir + ir no gerúndio*

Se perguntar ao falante quais os verbos são auxiliados por *ir*, dificilmente o próprio verbo será citado, à medida que não é o mais prototípico e nem sempre o falante se dá conta que esse construto existe, mesmo o usando com uma certa frequência. Isso é possível porque não é comum que V1 auxilie ele mesmo. Acontece que o mesmo verbo ganha outro efeito conjugado em outra forma nominal, e essa pode ser uma provável motivação. Na contagem dos dados, foram identificados 8 usos:

29. Doc. Decepciona muito né?
Inf. Ah... decepciona ai **vai ino** até... ainda mais é porque eu não dô conta de ficá longe da política... (FG, M, 38, 2003, p. 29)
30. ... e ai a gente **vai indo** desse jeito aí (FG, M, 30, 2003, p. 16)
31. e tá indo divargazim **vai ino** Deus tá mandano (FG, F, 33.1, 2003, p. 11)
32. Inf. Devagar vai chegá se Deus quisé... cada um tem seu emprego tem sua família né?
Doc. É...
Inf. **Vai ino** (FG, F, 33.1, 2003, p. 12)
33. Nossa Senhora é uma luta feia... mais **vai ino**... sempre eu liso assim... (FG, F, 28, 2003, p. 10)
34. ...e ganho as peça... e ponho pra vendê... e assim **vai ino**... lutá tem que lutá num pode desisti nunca né?
(FG, F, 28, 2003, p. 10)
35. Doc. Hum hum

Inf. Mais **vai ino**...

Doc. Se compensasse né? bastante... (FG, F, 28, 2003, p. 10)

36. Doc. Isso é verdade

Inf. Mais **vai ino** né? assim a vida né? um dia tá bão... um dia tá ruim (FG, F, 28, 2003, p. 22)

Observa-se, em todos os casos, um aspecto imperfectivo, que torna, aos olhos sintáticos, um construto redundante por usar o verbo de movimento duas vezes. De fato, é o próprio falante reforçando a ideia de movimento utilizando o próprio verbo como ferramenta. Tal situação, lembra o caso do exemplo 28, citado anteriormente – *Vou andando* – pois quem anda, vai em alguma direção; nesse caso, quem vai, vai. A forma nominal do verbo serve para fragmentar o ato de *ir*.

Esse tipo de construção já existe há alguns séculos, conforme Gonçalves (2013, p. 406) mostra no trecho da obra literária *Horto do Esposo* escrita entre os séculos XIV e XV:

“[...] e o seu primeiro filho he aquelle que esta e peccado e conpanhia de maaos, per que se *uay hindo* de mal e pior.[...]” (Grifos da autora).

Diferente das outras perífrases de auxiliaridade com o verbo *ir*, nesse caso, o sentido de aspecto é atribuído pelo mesmo verbo que foi auxiliar como uma forma de potencializar o sentido lexical dele, mesmo por meio de um processo gradativo que, sozinho, o verbo não daria conta de expressar.

Encontrar a construção *ir + indo* no *corpus* selecionado fez com que a pesquisa se expandisse para outras entrevistas não quantificadas no *corpus* na intenção de buscar outras ocorrências com o verbo *ir* em situações semelhantes. De fato, isso foi importante, já que uma outra situação um tanto quanto atípica foi encontrada:

37. [...]falei assim eu não vô... eu não vô... quem vai vai ser vocês...(FG, F, 40, 2010, p. 19)

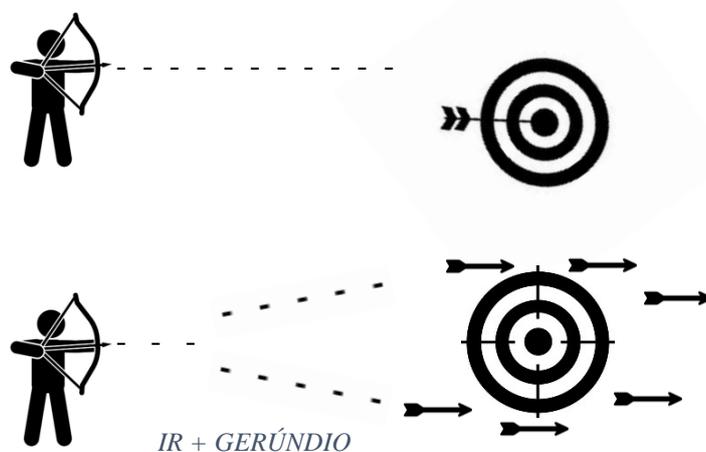
Novamente, tem-se a situação de uso do mesmo verbo juntos para demonstrar movimento. A diferença é que, neste caso, o verbo não foi flexionado no gerúndio. Assim, não desempenha um papel de aspecto, como nas situações discutidas anteriormente. O que se observa, pela forma que foi construída a frase, que a intenção do falante era realmente repetir a palavra, dado que não houve pausa entre ela. O primeiro uso de *vai* cumpre a função lexical; o segundo, gramatical, pois auxilia o verbo “ser” no infinitivo para expressar o futuro do presente. Dessa maneira, não se tem um exemplo de auxiliaridade verbal com três verbos; a perífrase é construída apenas com o uso do último verbo *ir* + o verbo *ser*.

4.5 *ir* + infinitivo e *ir* + gerúndio: semelhanças e diferenças

Para Gonçalves (2013, p. 171), a formação composta parece, “assinalar um aspecto geral de ação durativa, configurando-se como uma das instâncias de expressão da futuridade em PB”. Portanto, o aspecto pode ser considerado o processo que fragmenta o tempo, imprimindo a ele o sentido de possibilidade/continuidade. Dado isso, é possível afirmar que, enquanto *ir* + infinitivo expressa a projeção imediata do estado de coisas e executa “a ação ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo” (Cunha; Cintra, 1985, p. 385), *ir* + gerúndio fragmenta essa projeção, dando a ideia de um desenvolvimento gradual, de modo que a torna imprecisa.

Esse tópico será fundamental para responder a 3ª pergunta de pesquisa deste trabalho: Como as construções de auxiliaridade são elaboradas/funcionam na constituição do tempo? para isso, tem-se a seguinte imagem:

Figura 19: Semelhanças e diferença entre *ir* + infinitivo e *ir* + gerúndio



(Fonte: elaboração própria)

A figura permite visualizar com mais clareza o que tais construções têm em comum e quais as suas particularidades. De modo geral, nota-se uma projeção em ambas: todas são lançadas para o tempo. Todas dão a ideia de movimento temporal. O caminho a ser percorrido pela flecha que não é tão regular porque a perífrase não caracteriza por uma forma direta de expressar um estado de coisa. Mesmo assim, o caminho do infinitivo é mais regular que o do gerúndio. Enquanto a primeira forma atinge seu alvo por ter uma direção mais precisa,

cumprindo o papel de expressar o tempo futuro, a segunda se distancia do alvo pelo seu caráter de imperfectividade, pois sua característica de irregularidade fragmenta o tempo atribuído ao estado de coisa, tornando o lançamento impreciso, livre, interrompendo a possibilidade de atingir o alvo. Assim, *ir* + infinitivo se caracteriza por um processo acabado, enquanto que *ir* + gerúndio se caracteriza por um processo contínuo de desenvolvimento, e o responsável por isso é a forma nominal de V2. Quanto a V1, mesmo que ele sofra um esvaziamento no seu sentido lexical, ele preserva, de certa forma, a noção de movimento para configurar um movimento temporal, dando a V2 um novo formato de sentido através de uma forma analítica.

Com base nisso, responde-se a última pergunta deste tópico: O que essas construções cumprem discursivamente que faz com elas sejam tão produtivas na língua? A resposta está na própria intenção do falante quando “abandona” ou prefere usar a perífrase para expressar sua intenção. Entende-se também que ela ainda atua no nível discurso, dada a sua multifuncionalidade.

Ao usar a perífrase, o significado é transmitido de maneira mais indireta, ou seja, representam a fase de desenvolvimento do estado de coisas, não necessariamente “indo direto ao ponto”. Entende-se que, para o falante, o uso do verbo em uma função “fechada”, plena, não cumpre a função de imprimir um sentido que só a perífrase é capaz de atingir; o efeito da perífrase é diferente do uso do verbo pleno, mesmo tendo o mesmo sentido no campo da gramática. É uma estratégia que torna o discurso mais próximo do falante pela sua capacidade de expressar tempo e aspecto.

4.6 Outras situações de uso com o verbo *ir*

Embora este trabalho tenha como objetivo principal falar de auxiliaridade, é preciso pontuar outras situações peculiares do verbo *ir* encontradas na seleção de dados. A primeira é a construção denominada *foi fez*, doravante CFF, discutida por Gonçalves et. al (2007). Essa construção, mesmo não sendo considerada perífrase de auxiliaridade, é mais um exemplo da gramaticalização do verbo *ir*, e tem também uma sequência de, no mínimo, dois verbos. Tal construção apresenta-se de duas formas: com os verbos interligados por conjunções e com os verbos justapostos. Após a análise de várias ocorrências desse tipo, Rodrigues (2006) mostra que tanto o primeiro quanto o segundo verbo partilham flexões e seus sujeitos são correferenciais. Ainda comprova que as CFF são mais usadas em contextos de narração e de descrição, típica do material coletado para esta pesquisa. Seguem alguns exemplos encontrados nos dados:

38. ::: aí nós vem viveno situação difícil... foi logo aconteceu... aconteceu meu pai sofreu um acidente... a gente tudo criança... i como que fais... um isteí da casa **vai e cai** (FG, M, 30, 2003, p. 05)
39. É... já tô puxano ele... sempre ele pede um trem... eu **vô explico** pra ele... ó num posso te dá... que tá assim apertado... mais assim que pudé eu te dô... aí eu faço... agora assim tá mais faci pra mim porque... eu pego bolsa escola deles né? dos dois... aí um meis eu compro um trem pra um... pago... aí depois eu **vô compro** pro outro... (FG, F, 28, 2003, p. 11)
40. ... ai nesse dia nós gelô ficô bem cum medo viu... passô medo demais pegá na porta aqui tem muita gente aqui qui faiz isso... num oia se vem carro atrás não **vai... entra sai e abre** a porta num tá nem ai não... é o qui mais tem se a gente não ficá bem atento arranca porta dum machuca pessoa né? (FG, M, 25, 2003, p. 08)

Nos excertos acima, é possível perceber claramente que o verbo *ir* não se caracteriza como verbo auxiliar. Na verdade, tem-se um uso mais discursivo. A ideia de movimento permanece no campo temporal, porém não cumpre a função de expressar futuro, tampouco imperfectividade ao descrever um estado de coisas. As construções *vai e cai*, *vou explico* e *vou compro* mostram a sequência lógica da dada situação. No exemplo 40, isso acontece de modo mais duradouro, dado que a frase apresenta quatro verbos que exprimem a sucessão dos eventos e que podem ser divididos em duas CFF: *vai entra, sai e abre*. A primeira, com verbos justapostos; a segunda, com o uso da conjunção.

A outra situação de uso do verbo *ir* encontrada nos dados é a repetição do próprio verbo com a mesma flexão, a qual é conhecida como princípio de iconicidade. Para Neves (2022 p. 152), “a noção de iconicidade implica, pois, alguma relação entre o mundo (com sua representação conceptual) e o modo de verbalização, e isso na direção do mundo para a linguagem”. Seguem abaixo os exemplos:

41. ... aí ... os dois véi saiu tocano uns pôico... **vai**, vai, vai, vai... áh, eu tenho uma fia pra casá eu priciso casá ela, num sei cumé queu faço... (FG, F, 65, 2003, p. 18)
42. é...eis **vai**, é vai, é vai... depois eis vem tudo pra cá... (FG, F, 65, 2003, p. 15)

Nos excertos, fica claro que o falante quer expressar, através do recurso linguístico, a intensidade do sentido do verbo. Assim, o mundo linguístico está recontando, por meio da repetição do verbo, a intensidade do mundo real. Por esse motivo, a repetição é uma estratégia do falante para enaltecer o sentido de movimento do verbo.

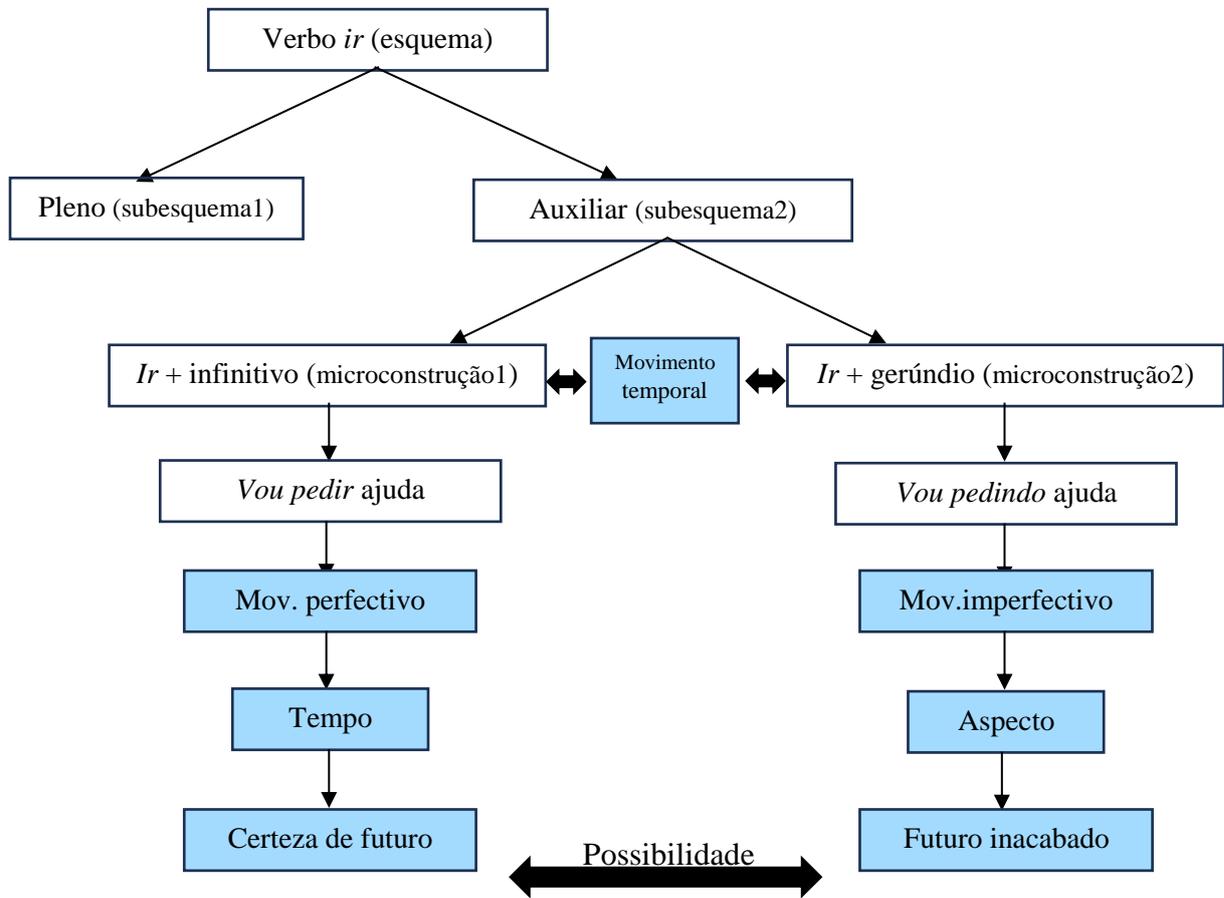
4.7 A rede construcional da auxiliaridade com *ir* na fala goiana

Tudo o que foi apresentado até aqui sustenta a ideia de Ilari; Basso (2014), que o verbo é uma “palavra de classe aberta”. O verbo *ir* como auxiliar é exemplo disso quando assume funções gramaticais que são muito produtivas na fala goiana. Baseado nisso, este tópico tem como objetivo descrever os percursos gramaticais da auxiliaridade do verbo *ir* por meio da rede construcional respondendo a última pergunta desta pesquisa. Sobre esse assunto, Traugott; Trousdale (2021, p. 95) afirmam que a rede é importante “para dar conta do fato de que mudanças linguísticas estão interligadas”.

As abordagens construcionais são, de acordo com Goldberg (2006), baseadas no uso real de expressões linguísticas por meio da frequência e de padrões individuais que são totalmente composicionais e são registrados juntos às generalizações linguísticas mais tradicionais. De certa forma, isso justifica o porquê de um método também quantitativo neste trabalho, pois ele será fundamental para categorizar os exemplares encontrados nos dados e construir a rede de auxiliaridade do verbo *ir* na fala goiana.

Antes de apresentar a rede, vale deixar claro algumas considerações de Goldberg (2006) sobre a categorização baseada em exemplares. Para a autora, os exemplares de categorização não eliminam completamente a abstração, isso porque, geralmente, se observa na coleta os atributos mais relevantes para a pesquisa. Dessa forma, não se elimina outras situações que podem estar presentes nos dados, apenas coloca-se em evidência o que é relevante para pesquisa e que tem mais chances de serem notados. O que é registrado, de fato, é uma abstração parcial sobre o que foi encontrado, sem generalizações, posto que o conhecimento humano sofre modificações como o tempo; nada é definitivo na língua. Como o objetivo do trabalho é apresentar a auxiliaridade do verbo *ir* na fala goiana, segue abaixo a descrição dos exemplares encontrados no banco de dados:

Figura 20: Rede construcional da auxiliaridade do verbo *ir*



(Fonte: elaboração própria)

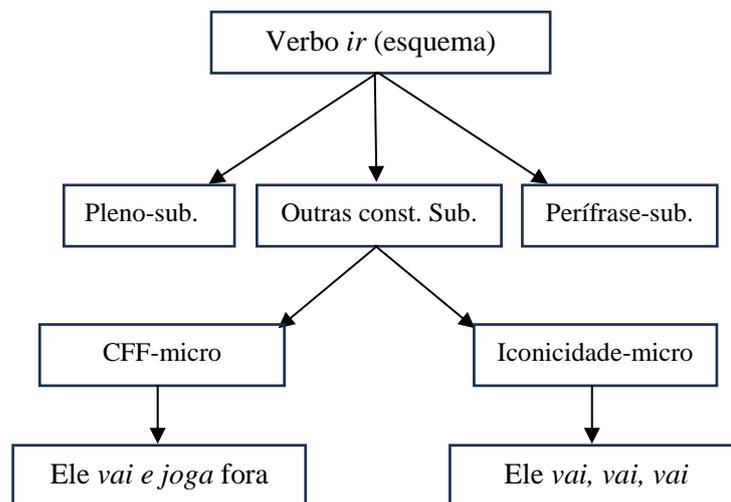
A rede representa o percurso do verbo *ir* como auxiliar, bem como as características de cada microconstrução encontrada no banco de dados. O primeiro quantificador, o esquema, é o verbo com um sentido amplo, que depois é dividido em dois subesquemas: pleno e auxiliar. Como auxiliar, *ir* se divide em duas microconstruções, que são *ir + infinitivo* e *ir + gerúndio*. Até esse momento, tem-se um esquema que detalha o percurso das microconstruções do verbo *ir* como auxiliar. Seguindo o que foi descrito abaixo na rede, tem-se as características de cada microconstrução que foram identificadas na análise (sinalizadas em azul). Nota-se que ambas microconstruções estão relacionadas ao movimento temporal, porém dão sentidos diferentes aos enunciados. *Ir + infinitivo* expressa uma ideia de movimento que remete ao tempo futuro do presente, que é totalmente possível; já *ir + gerúndio* expressa um tempo imperfectivo, dado seu sentido de aspecto, que não garante a completude de algo, como detalhado na seção anterior. É claro que não dá para afirmar categoricamente que em todos os casos isso acontece, mas, dada a análise, isso foi identificado. Dessa maneira, é possível afirmar que a rede compõe “nós”

não só para descrever os quantificadores, mas também para descrever as características de cada microconstrução.

Na rede, tem-se a descrição dos dados coletados seguindo as três propriedades apresentadas por Traugott; Trousdale (2021), uma vez que o esquema (a árvore), respeitando a hierarquia da rede, representa a propriedade mais produtiva a partir da frequência *type*, levando em conta o que foi considerando composicional em termos de construto.

Nesse momento, dando importância às demais situações do verbo *ir* encontradas nos dados, tem-se, brevemente, a seguinte rede:

Figura 21: Rede construcional com os demais usos encontrados nos dados



(Fonte: elaboração própria)

Na figura acima, tem-se o verbo *ir* como esquema, seguido da divisão de 3 subesquemas: pleno, outras construções e perífrase de auxiliaridade. As CFF e os casos de iconicidade são microconstruções que se enquadram em outros tipos de construções que não são plenas nem perifrásticas, mas são usadas, compreendidas e, sobretudo, tem uma intenção por trás do seu uso.

Enfim, o que foi apresentado aqui é a materialização esquemática de um processo que se inicial na cognição. A partir dos aspectos cognitivos, o falante cria construtos que serão proferidos em um determinado contexto e entendidos pelo interlocutor. Através disso, são criadas microconstruções que, mediante à frequência de uso, tornam-se convencionais no uso. Por isso a rede é um esquema comandado pela produtividade (frequências *type* e *token*) de

microconstruções que são composicionais na língua, como foi apontado na última seção do capítulo 1.

Tudo isso evidencia que a língua não é fruto de um sistema acabado, ela é a manifestação de inúmeros fenômenos de variedades linguísticas que emergem no uso, e são esses fenômenos que a torna um instrumento de investigação tão caro aos linguistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como foco principal investigar e analisar a produtividade e a funcionalidade das construções com o verbo *ir* como auxiliar na fala goiana a partir de uma perspectiva baseada no uso. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa foi guiada por seis objetivos específicos, os quais propuseram investigar quais construções perifrásticas de auxiliaridade com o verbo *ir* conjugado no presente do indicativo são mais utilizadas pelos falantes goianos; identificar quais construções são mais frequentes; investigar como a construção de auxiliaridade verbal atua na constituição de tempo; investigar, quantificar e classificar todos os usos do verbo *ir* nos inquéritos que compõem os *corpora*; analisar os efeitos discursivos dessas construções que fazem com que elas sejam tão produtivas na língua e mostrar que as construções perifrásticas podem ser relacionadas com uma rede mais ampla de construções da língua.

Tudo isso foi fundamental para nortear a análise, a qual possibilitou responder as cinco perguntas de pesquisa deste trabalho. A primeira delas diz respeito as quais representações predicativas de auxiliaridade com o verbo *ir* são mais frequentes na fala goiana. Destacam-se, a princípio, as três primeiras: *vai fazer* – 30 vezes no *corpus*, *vai dar* – 20 vezes no *corpus* e *vai ser* e *vou fazer* – 12 vezes no *corpus*. É importante pontuar que as ocorrências foram encontradas em várias entrevistas, o que demonstra um uso comum entre falantes goianos. A segunda pergunta está relacionada à primeira, uma vez que se refere à forma como os goianos utilizam as construções de auxiliaridade. Os dados mostram que as construções mais frequentes são com o verbo *ir* flexionado na 3ª pessoa do singular do Presente do Indicativo + Verbo de Ação/conceitual no Infinitivo, seguida do verbo *ir* flexionado na 1ª pessoa do singular do Presente do Indicativo + Verbo de Ação/conceitual no Infinitivo. Em terceiro lugar está o verbo em estudo na 1ª pessoa do plural no Presente do Indicativo + Verbo de Ação no Infinitivo. Ambas as construções mantêm características entre si.

No que diz respeito à terceira pergunta, ela busca evidenciar como as construções de auxiliaridade são elaboradas e operam na constituição do tempo. Sabe-se que o verbo *ir* no sentido lexical está ligado à noção de movimento espacial, ou seja, de algo/alguém que vai de um lugar para outro. Analisando o verbo *ir* com auxiliar, tem-se também a ideia de movimento, porém de um movimento temporal, independente da forma nominal de V2, infinitivo ou gerúndio. Se usado no infinitivo, o movimento temporal expressa uma regularidade para demonstrar tempo futuro, enquanto que no gerúndio o movimento temporal, mesmo expressando um tempo posterior, carrega características de imperfectividade, fragmentando o tempo atribuído ao estado de coisa. De forma resumida, *ir* + infinitivo se caracteriza por um

processo acabado, enquanto que *ir* + gerúndio se caracteriza por um processo contínuo de desenvolvimento.

A quarta pergunta respondida na análise trata do papel discursivo que as perífrases de auxiliaridade de *ir* carregam para serem tão produtivas, ligado à própria intenção discursiva do falante, dado que atua em um nível de discurso informal. O falante prefere, ao usar a perífrase, transmitir um significado de maneira mais indireta, ou seja, não necessariamente “indo direto ao ponto”. O sentido que a perífrase atinge no discurso, o uso do verbo em uma função “fechada” não é capaz de atingir. No que se refere à última pergunta de pesquisa, essa ligada à maneira como as construções em estudo se relacionam com a rede construcional de tempo, nota-se que, baseado nos dados dos *corpora*, as construções de auxiliaridade de *ir* podem ser divididas em duas microconstruções relacionadas ao tempo: certeza do futuro (infinitivo) e futuro inacabado (gerúndio).

Quanto às hipóteses, a primeira levantada para esta pesquisa é que o verbo *ir* é mais usado como verbo auxiliar do que como verbo pleno pelos falantes goianos, o que foi comprovado a partir da contagem dos dados. De 672 usos de *ir*, 501 são como o verbo no auxiliar, tendo um total de 74,55%. Quanto à flexão verbal, a primeira e a terceira pessoa do singular são as mais frequentes.

A confirmação desse fato leva, de certa forma, à comprovação da segunda hipótese deste trabalho, de que existe uma ampla quantidade de verbos que são auxiliados pelo verbo *ir* pelo fato de seu uso demonstrar tempo e aspecto. São vários os verbos auxiliados por *ir*, seja no infinitivo ou no gerúndio, ou nas duas formas nominais. O fato de existir uma quantidade muito expressiva do verbo *ir* como auxiliar já dá a ideia de que são diversos os verbos que são auxiliados por ele. Isso foi confirmado pelas 235 formas diferentes de uso encontradas nos dados, sendo elas no infinitivo e no gerúndio. No infinitivo, a construção dá a ideia de tempo futuro; no gerúndio, ela remete ao que é aspectual, a ideia de uma ação inacabada. Nota-se que há uma frequência maior de auxiliaridade de *ir* com verbos no infinitivo, o que denota, a grosso modo, pela quantidade de ocorrências encontradas nos *corpora*, que o uso de *ir* é mais usado para expressar tempo futuro.

Quanto à última hipótese, de que os padrões construcionais da construção *ir* auxiliar + verbo pleno é a manifestação de um sistema cognitivo relacionado à predicação, ela também se confirma, pois, o mecanismo de comunicação reflete o que é elaborado na memória, e o que é elaborado na memória é fruto da vivência em comunidade, isto é, do que é produzindo social e culturalmente. Dessa maneira, quando o falante usa uma perífrase de auxiliaridade ao invés de

apenas um único verbo para expressar algo, ele tem uma razão cognitiva para fazê-la. Nada é feito/dito por acaso.

Assim, neste trabalho, foi possível confirmar que a língua é a manifestação da vivência do falante pela sua capacidade cognitiva, ou seja, o processo de aquisição da linguagem vem de uma capacidade cognitiva humana, que envolve as atividades comunicativas. Logo, é impossível desvincular língua de cognição em um trabalho que presa pelo funcionamento da língua. Por esse motivo, de acordo com Furtado da Cunha (2023), a investigação vai além da estrutura gramatical, pois busca na situação comunicativa a motivação do que acontece na ação humana.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. M. de. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. Goiânia, 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2016.

BARROSO, Henrique. Das perífrases verbais como instrumento expressivo privilegiado das categorias de natureza temporo-aspectual e simplesmente aspectual no sistema verbal do português de hoje. In: Gärtner, EBERHARD. Hundt, CHRISTINE. SCHÖNBERGER. Axel. *Estudos de gramática portuguesa (III)* - Frankfurt am Main : TFM, 2020, p. 89-103. disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/25018>

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: The role of Frequency. In: JOSEPH, B.D & JANDA, R. D. (eds). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 602-623.

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. *Língua, uso e cognição*. Trad. Furtado da Cunha, M. A. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa* 44. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTILHO, A.; PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. 1: Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1986, p. 9-10.

CROFT, W. W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Dicionário Houaiss Conciso. Instituto Antônio Houaiss, organizador; [editor responsável Mauro de Salles Villar]. São Paulo: Moderna, 2011.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. SOARES, Carolina. *Entre agulhas e linhas: a metáfora de corte e costura em construções transitivas*. Revista solettras. Rio de Janeiro: UERJ, janeiro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/solettras.2021.55475>

FILLMORE, C. Frame semantics and the nature of language. In: *Conference on the Origin and Development of Language and Speech*, 1976, New York. Proceedings... New York: New York Academy of Sciences, 1976^a, p. 20- 32.

_____. Frame semantics. In: *Linguistic in the morning calm*, ed. By the Linguistic Society of Korea. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-137.

FRANCHINI, A. S. *As 100 melhores lendas do folclore brasileiro*. A. S. Franchini. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1c1Z3ttz92njVHkHEk8dcXs9fmblAbUX1/view>

FRIED, Mirjam; ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction Grammar: A thumbnail sketch. In: FRIED M. & ÖSTMAN J-O. (eds.). *Construction Grammar in a cross-language perspective*. Amsterdam & Philadelphia, 2004, p. 11-86. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280291354_Construction_Grammar_A_thumbnail_sketch

FRIED, Mirjam. Construction grammar. In: KISS, Tibor; ALEXIADOU, Artemis (eds). *Syntax – theory and analysis: an international handbook*, v. 1. Berlin: Gruyter Mouton, 2015, p. 974-1003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285055446_Construction_Grammar

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. In: *Metodologia da pesquisa funcionalista*. / Ivo da Costa do Rosário (Organizador). Porto Velho, RO, Edufro, 2023.

GEERTZ, Clifford. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito homem. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GIVÓN. Talmy. *Syntax : An introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

_____. *Ute reference grammar*. Southern Ute Indian Tribe, Ignacio, Colorado, 2011.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

_____. Constructionist approaches. In: HOFFMANN, Thomas e TROUSDALE Graeme (eds), *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, 2013; edição online, Oxford Academic, 16 de dezembro de 2013.

GONÇALVES, A. *O analitismo verbal e a expressão do futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico*. 2013. 221 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização: homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago, 1991.

HEINE, B. *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, Paul J. *Tense-aspect: between semantics & pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O Verbo. In: ILARI, R.; (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. v. 3. São Paulo-SP: Contexto, 2014.

JAKOBSON, Roman. *Selected writings II: word and Language*. Paris: Mouton, 1971, p. 133-136.

JUSTINO, Agameton Ramsés. *Construções focalizadoras que só no português brasileiro*. Editoração, Julyana Aleixo. Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

LANGACKER, Ronald W. The contextual basis of cognitive semantics. In: NUYTS, J.; PEDERSON, E. (eds.). *Language and conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford University Press, 2008.

_____. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago, University of Chicago, 1990.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Metaphors we live by*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980a.

_____. *The Metaphorical Structure of the Human Conceptual System*. *Cognitive Science* 4, 1980b. Disponível em: <https://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/Lakoff-Johnson-Metaphorical-Structure.pdf>

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *A língua do povo, a fala do povo*. *ComCiência*, 2009, no.113, p.0-0. ISSN 1519-7654

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. A auxiliaridade em português. In: *Análise linguística*. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 27-91.

LOPES, Guimarães Monclar. Conceitos de linguística cognitiva. In: *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Ivo da Costa do Rosário. (organizador) – Niterói: eduff, 2022.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

NEVES, M. H. M. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Unesp, 2018.

_____. *Gramática Funcional: interação, discurso e texto*. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PONTES, Eunice S. L. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAPOSO *et al.* *Gramática do Português*. Volumes I e II. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RODRIGUES, A. T. C. *Eu fui e fiz essa tese: as construções do tipo ‘foi fez’ no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP, 2006.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family resemblances: Studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology* 7. University of California, Berkeley, 1975, p. 573–605.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Córpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

SILVA, Augusto Soares. *A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. Revista Portuguesa de Humanidades, v. 1, 1997, p. 59-101.

SIMÕES, José da Silva. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutoramento. (2007).

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e Mudanças Construcionais*. Tradução: Taísa Peres de Oliveira, Angelica Furtado da Cunha. Petrópolis, Vozes, 2021.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

<https://gef.letras.ufg.br/n/87544-projeto-investiga-caracteristicas-do-portugues-falado-pelos-goianos>.

APÊNDICES

OCORRÊNCIAS DE USO DO VERBO *IR* NO PRESENTE DO INDICATIVO

| MASCULINO, 72 ANOS, 2003, 24 PÁG | | | | |
|----------------------------------|---------------|-------------------------------------|--|-------------|
| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
| EU | vou fazer | vô fazê uma curva... | falô pro meu tii... vai tê que fazê uma queda aqui... vô fazê uma curva... ô então tem que vortá lá atrais e perdê o serviço que já feis... | |
| | vou fazer | eu vô fazê outro carê pr/ela | então vamo fazê assim... eu vô fazê outro carê pr/ela... mais ocê vai ... assiná um cheque... | |
| | vou ver | vô vê se dô conta de cantá ela | Tem... a primera moda qu/eu aprendi... vô vê se dô conta de cantá ela | |
| | vou tocar | vô tocá minha viola... | vô tocá minha viola... somente pra disfarçá... | |
| | vou falar | I eu vô falá esse qui pr/ocê... ovi | I eu vô falá esse qui pr/ocê... ovi | |
| | vou ver | Inda vô vê se... | Doc. ((risos)) Inf. Inda vô vê se... Doc. História de coelho... de... da Festa do Céu... Tem várias outras né? | |
| | vou ser | eu vô sê um assassino | agora de hoje em diante eu vô sê um assassino... eu num sei... se mato... ô morro... | |
| | vou cumprir | vô cumpri meu distino... | ... eu num sei... se mato... ô morro... vô cumpri meu distino... | |
| 8 | | | | |
| TU | | | 0 | |

| | | | | |
|-----------|----------------------------|---|---|---|
| ELE | vai passar | não vai passá muito | ái o engenhero falô não vai passá muito do que cê comprô... | |
| | vai ter | vai tê que fazê uma queda aqui | falô pro meu tii... vai tê que fazê uma queda aqui | |
| | vai pagar | mais... ocês...vai pagá o INSS pra ela | i::: mais... ocês... vai pagá o INSS pra ela... vamo aposentá ela... | |
| | vai assinar | mais ocê vai ... assiná um cheque | ... mais ocê vai ... assiná um cheque... vai pagá ele tudo... e eu faço a aposentadoria dela ho:::je... com nove meis... cê vai pagá os nove meis cuma veis... né? | |
| | vai pagar | ...vai pagá ele tudo... | | |
| | vai pagar | com nove meis... cê vai pagá os nove meis cuma veis | | |
| | vai morrer | acho que vai até morrê se Deus | acho que vai até morrê se Deus quisé ((risos)) na igreja católica | |
| | vai guiar | ...vai guiá os nossos passo... | ... vai guiá os nossos passo... abençoá as nossas fámia... vai guiá nós na estrada... | |
| vai guiar | ...vai guiá nós na estrada | | | |
| 9 | | | | |
| NÓS | vamos aposentar | ... vamo aposentá ela... | ... vamo aposentá ela...daqui dezoito meis ela aposenta | |
| | vamos fazer | ... então vamo fazê assim... | ... então vamo fazê assim...eu vô fazê outro carê pr/ela... | |
| | vamos largar | ... falô vamo largá desse negoço de guerra... | i::: garrô dá instrução pra nós... era todo dia..... falô vamo largá desse negoço de guerra... | |
| | vamos ver | ... vamo vê... tô torceno pra vê se... | Agora disse qu/é pra criá di novo... vamo vê ... tô torceno pra vê se...se criá eu tentá estudá | |
| | vamos trabalhar | ... vamo trabaiá com ele... | o... com amor e com carim... vamo trabaiá com ele... | |
| | | | | pr/ele num ficá sozim... vamo junto com ele... |
| | vamos ver | Uai acho que... vamo vê no final... | Uai acho que... vamo vê no final...que a gente pode olhá né... | |

| | | | | |
|------|--|----|--|---|
| 6 | | | | 1 |
| VÓS | | | | |
| ELES | | | | |
| | | 23 | | 1 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 8 | 0 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 9 | 0 |
| NÓS | 6 | 1 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 23 | 1 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA

24

MASCULINO, 65 ANOS, 2003, 09 PÁG

| PRON. PESSOAS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|---------------|---------------|---|--|-------------|
| EU | vou contar | ... (risos) vô te contá... | ah... eu gosto de samba também rapaz... (risos) vô te contá... | |
| | vou arrumar | ... senhor qué qui eu vô arrumá dois desses rapaz qui tá cumigo aí? | ... senhor qué qui eu vô arrumá dois desses rapaz qui tá cumigo aí? | |
| | vou contar | aí nessa Brasília vô te contá.. | . aí nessa Brasília vô te contá... infrentei bocada dura lá... | |
| 3 | | | | |

| | | | | |
|-----|-----------------|---|---|--|
| TU | | | 0 | |
| ELE | | | | e... mas ceis vai lá pu hotel... ficá nu hotel... pu conta da firma.. |
| | vai fazer | .. agora um... quê que vai fazê? | ... e o quê que nói fizemo?... agora um... quê que vai fazê? | |
| | vai dar | ... num vai dá pá trocá hoje tem qui posá... | ... num vai dá pá trocá hoje tem qui posá... | |
| | vai beber | ... não num vai bebê não hem!. | ... não num vai bebê não hem!. | |
| | vai ter | vai tê qui arrumá dois pá posá no caminhão né? | vai tê qui arrumá dois pá posá no caminhão né? | |
| | vai posar | ... cês dois vai pos'ái não, cês dois.. | ... cês dois vai pos'ái não, cês dois... um posa no caminhão | |
| | vai acabar | ... não cê vai cabá cum estojo aí rapaz.. | ... não cê vai cabá cum estojo aí rapaz.. | |
| 6 | | | | 1 |
| NÓS | vamos viajar | ci... nós num vamo viajá hoje.. | ele ficô assim... abismado assim... falô não... é muito fáci... nóis num vamo viajá hoje... | |
| | | | | pessano que já a imhora... falô... nós vamo é depois do armoço... |
| | | | | que agora daquí pá de tarde nói vamo bora... |
| | | | | ... nesse mei tempo chega... nói vamo muito bem saimo de Goiâna era cinco hora da tarde... |
| | vamos beber | peguei e falei pra ele: ó... mé qui é?... vamo bebê não... | peguei e falei pra ele: ó... mé qui é?... vamo bebê não... | |
| | vamos fazer | .. e agora cumé qui nói vamo fazê cum esse tanto de material | .. e agora cumé qui nói vamo fazê cum esse tanto de material | |

| | | | | |
|------|-------------|-------------------------------|--------------------------------------|--|
| | vamos posar | aonde nós vamo posá intão?... | aonde nós vamo posá intão?... | |
| | | | | ... chegamo lá em Brasília há... agora vamo todo mundo durmi nu cerrado... aí nói durmimo foi nu cerrado memo.. |
| 4 | | | | 4 |
| VÓS | | | | |
| ELES | | | | |
| | | 13 | | 5 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 3 | 0 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 6 | 1 |
| NÓS | 4 | 4 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 13 | 5 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA

18

MASCULINO, 38 ANOS, ANO 2003, 33 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|--|---|---|
| EU | vou bater | ... eu corri entre pra dentro meu pai falô assim... sai se não eu vô batê mais... | ... eu corri entre pra dentro meu pai falô assim... sai se não eu vô batê mais... | |
| | vou sair | ... falei não vô saí não | ... falei não vô saí não | |
| | vou levar | ái eu falei assim opa::: tem mais uma na rede... vô levá essa voltá e pegá a outra... | ái eu falei assim opa::: tem mais uma na rede... vô levá essa voltá e pegá a outra... | |
| | | | | Vô direto no assunto logo ficá () conversano muito não... |
| | vou brincar | um dia eu falei assim ah::: vô brincá de bola aqui | um dia eu falei assim ah::: vô brincá de bola aqui | |
| | vou tirar | ... brigano demais aí falô minha mãe aí minha mãe não vô tirá ocê... | ... brigano demais aí falô minha mãe aí minha mãe não vô tirá ocê... | |
| | vou arriscar | ái eu encabulava assim... eu não vou arriscá não | ái eu encabulava assim... eu não vou arriscá não | |
| | vou passar | Essa... eu falei assim... então eu vou passar onde num tem | Essa... eu falei assim... então eu vou passar onde num tem | |
| | | | | ... falei assim não só eu sozim eu num vô não... |
| | vou ficar | mais eu num dô conta... o fato num vô ficá | mais eu num dô conta... o fato num vô ficá qu/eu vô () até lá dentro da policia | |
| | | | | qu/eu vô () até lá dentro da policia |
| | vou andando | um dia eu ía desceno a praça do chafariz eu vô andano quando é fé a muié escorrega caí no mei da grama | um dia eu ía desceno a praça do chafariz eu vô andano quando é fé a muié escorrega caí no mei da grama | |

| | | | | |
|---------|-----------------------------|--|---|--|
| | | | | ... mais que piada assim vô ... a de veis em quando nos encontro que a gente fais |
| | 9 | | | 4 |
| TU | | | 0 | 0 |
| ELE | vai bater | o senhor vai batê ni/mim... | o senhor vai batê ni/mim... | |
| | vai ficando | aí as menina vai ficano com rarva né? | aí as menina vai ficano com rarva né? | |
| | vai limpar | a gente vai limpa ele e tira o oro | a gente vai limpa ele e tira o oro | |
| | | | | ((risos)) vai direto no assunto? ³⁰ |
| | vai bater | aí vai batê os tapete pra podê tirá o oro | aí vai batê os tapete pra podê tirá o oro | |
| | | | | passa um medim desse vai pá caí num cai nada |
| | vai tratar | e se machucá quem vai tratá da famia né? | e se machucá quem vai tratá da famia né? | |
| | vai mudando | e a vida vai mudano mais | a vida vai mudano mais a gente vai mudano bastante... vai () religião... vai firmano mais religião | |
| | vai mudando | a gente vai mudano bastante... vai | | |
| | vai firmando | o... vai firmano mais religião | | |
| | vai mudando | num frequenta nada aí cê vai mudano | ... num frequenta nada aí cê vai mudano Deus vai mudano a gente | |
| | vai mudando | Deus vai mudano a gente | | |
| | vai fazer | ... o Lula vai fazê com nois agora | ... o Lula vai fazê com nois agora | por que que cê vai () por causa da senhora gosta. |
| | vai indo | . decepciona ai vai ino até... a | . decepciona ai vai ino até... | |
| vai ser | .. será qu/ele vai sê bão.. | ... será qu/ele vai sê bão... será qu/ele vai sê ruim... () | | |

³⁰ Ocorrências sinalizadas foram ditas pelo entrevistador

| | | | | |
|------|---------------|--|---|---|
| | vai ser | ... será qu/ele vai sê ruim.. | | |
| | vai contar | dia de hoje cê vai contá piada | dia de hoje cê vai contá piada cê fica até sem graça | |
| 15 | | | | 3 |
| NÓS | vamos apostar | ele falô assim vamo apostá duas rapadura | ele falô assim vamo apostá duas rapadura | |
| | vamos ver | e... e agora vamo vê pra prefeito né.. | e... e agora vamo vê pra prefeito né.. | |
| | vamos ver | . tá no mei ainda... agora vamo vê né. | ... agora vamo vê né... dagora pra frente... | |
| 3 | | | | 0 |
| VÓS | | | | |
| ELES | | | | |
| | | 27 | | 7 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 9 | 4 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 15 | 3 |
| NÓS | 3 | 0 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 27 | 7 |

MASCULINO, 36 ANOS, ANO 2003, 26 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|--|--|--|
| | | | | pra começá... ota já num vô longe... |
| | vou levando | aonde qu/eu vô ... vô levano essa vidinha hoje | aonde qu/eu vô ... vô levano essa vidinha hoje | |
| | vou engraxar | falei mãe eu vô engraxá... | ... aí quando foi n/oto dia eu VORto dinovo falei mãe eu vô engraxá ... | |
| | vou vender | eu vô vendê picolé... | ... eu peguei falei não eu vô vendê picolé... | |
| | | | | ... aí falei ah seja o que Deus quisé eu vô ... |
| | vou levando | então eu vô levano a vida assim... | então eu vô levano a vida assim... | |
| EU | vou pagar | ... ah num vô te pagá não muleque... | ... ah num vô te pagá não muleque... aí eu garrei chorá | |
| | vou pagar | num vô te pagá não... | num vô te pagá não... | |
| | vou pagar | não vô pagá esse muleque... | não vô pagá esse muleque... | |
| | vou ficar | pode í tranqüilo qu/eu vô ficá de oio nele... | | |
| | vou levar | se ele fô atrais d/ocê eu vô levá ele pra cadeia | pode í tranqüilo qu/eu vô ficá de oio nele... se ele fô atrais d/ocê eu vô levá ele pra cadeia agora mesmo | |
| | | | | e é diferente mais eu num vô contra... |
| | vou levando | é o qu/eu sei fazê... vô levano a vida... | é o qu/eu sei fazê... vô levano a vida... | encanamento ali... vô lá faço encanamento |
| | | | |) encanamento ali... vô lá faço encanamento pa pessoa |

| | | | |
|---------------|--|---|--|
| | | | ... certo eu vô lá na casa da minha irmã |
| vou andar | ... falei vô andá tem nada pra fazê | ... falei vô andá tem nada pra fazê | |
| vou ficar | tem duas casa queria qu/eu fosse pra lá, falei não vô ... vô ficá queto aqui em Goiás... | tem duas casa queria qu/eu fosse pra lá, falei não vô ... vô ficá queto aqui em Goiás... | |
| | | | di veis em quando eu vô na igreja freqüento... |
| | | | ... aonde falá qu/é pra mim í eu vô ... |
| vou desdenhar | é uma religião tamém qu/eu num vô desdenhá tamém | é uma religião tamém qu/eu num vô desdenhá tamém | |
| vou largar | eu num vô largá de í na igreja católica | chegá como si diis passá memo realmente pa crente mais eu num vô largá de í na igreja católica eu num vô largá de segui os católico... eu num vô largá de segui ota religião ué... Deus tá lá naquele memo lugá qu/ele tá lá ele tá lá embaxo uai com/é qu/eu vô largá de Deus uai... | |
| vou largar | a eu num vô largá de segui os católico... | | |
| vou largar | u num vô largá de segui ota religião ué... | | |
| vou largar | com/é qu/eu vô largá de Deus uai... | | |
| vou juntar | aí:: depois eu vô juntá assim com os outros que | | É bom né? aí:: depois eu vô juntá assim com os outros que... que são doze pessoas |
| 18 | | | 8 |
| TU | | 0 | |
| ELE | | | Josmazim vai lá chamá seu pai pá vim almoça... |
| | vai vender | ... se cê vai vendê uma coisinha pra sua mãe... | ... se cê vai vendê uma coisinha pra sua mãe... |
| | vai pegar | mais cê que vai pagá... | cê pode mandá fazê a caixa de engraxá mais cê que vai pagá ... |
| | vai pagar | machucô... meu dedo e ele diis que num vai mim pagá... | ... mim judiô mim machucô... meu dedo e ele diis que num vai mim pagá ... |
| | vai pagar | ... cê num vai pagá o minino não | ... cê num vai pagá o minino não |

| | | | |
|-----------------|--|--|--|
| vai pagar | aí policial pegô falô cê vai pagá ele ô cê qué í pra cadeia... | aí policial pegô falô cê vai pagá ele ô cê qué í pra cadeia... | |
| | | | falei ó ele vai atrais de mim... |
| vai pegar | eu falei esse caboco vai mim pegá | eu falei esse caboco vai mim pegá | |
| | | | ele chega taca os livro pra lá já vai pra brincadera |
| vai pegar | já acha rui fala vai pegá um caderno pra estudá... | já acha rui fala vai pegá um caderno pra estudá... | |
| vai avançando | ... como se diz vai avançano tudo | | |
| vai mudando | o tudo vai mudano né? | ... como se diz vai avançano tudo vai mudano né? | |
| vai brincar | cê vai brincá cum uma criança | agora hoje cê vai brincá cum uma criança Ah mais um vei desse? | |
| | | | Vai e volta |
| | | | VAI E VOLTA ... nós brincava as muíe... |
| vai modificando | ... ele vai sa... só modificano... | | |
| vai criando | i cada veis mais só vai criano mais casa... | aonde tá hoje esse mundaréu de casa aí... ele vai sa... só modificano... i cada veis mais só vai criano mais casa... | |
| | | | Cê vai? |
| | | | Cê VAI naquilo... se ocê fala assim ó |
| | | | .. eu num quero entrá numa computaçã... ai Deus vai e jogá ocê pra ti prová que ocê... que ocê num é mais que Deus... |

| | | | |
|--------------------|--|--|--|
| vai cobrar | que ai ele falo quanto cê vai cobrá? | Peguei e falei uai... mais...que ai ele falo quanto cê vai cobrá? | |
| | | | i... até que vai atrais dela tamém |
| | | | tirano disso graças a Deus vai bem... |
| | | | agora a gente vai bem... |
| vai fazer | Vai fazê dezessete ano | Vai fazê dezessete ano | |
| vai levando | É a vida qui nós vai levano e.. | a. É a vida qui nós vai levano e... como se diz (). É que a gente vai levano . | |
| vai levando |). É que a gente vai levano. | | |
| vai pagando | cê vai pagano a prestação | não cê leva essa mesa cê vai pagano a prestação pra mim... | |
| vai reconquistando | vai reconquistano. | É num precisa né? () vai reconquistano. | |
| vai levar | ela pegô e não cê vai levá esse sofá... | ela pegô e não cê vai levá esse sofá... | |
| vai virar | o que que vai virá? | se Deus o livre minha mãe falece de hoje pra manhã o que que vai virá? | |
| vai vir | Fernando eles vai vim todos os dois intrego tudo | () os ambicionero né Cimá, Fernando eles vai vim todos os dois intrego tudo eu quero o que é meu... eu num quero nada do zoto. | |
| vai virar | ... se Deus o livre minha mãe morrê de hoje pra manhã aí vai virá quele... | ... se Deus o livre minha mãe morrê de hoje pra manhã aí vai virá quele... | |
| | | | ... igual muitos monge di fora que vai lá na igreja |
| | | | a direto vai lá na igreja... |
| | | | ... padre vai lá... num tá teno |

| | | | |
|------|---------------|---------------------------------|--|
| | | | tudo quanto é canto que cê vai ele tá |
| | | | aonde você vai Deus tá... |
| | | | ... daquela testemunha testemunha de Jeová ele tá te seguino aonde você vai ... |
| | vai largar | Deus num vai vai largá de mim | eu tem meu viço Deus num vai vai largá de mim não Deus num larga di ninguém não |
| 23 | | | 17 |
| NÓS | vamos acertar | falei pra ele vamo acertá... | imprensô aí eu peguei falei pra ele vamo acertá ... |
| | | | vamo lá... |
| | vamos fazer | vamo fazê o serviço lá em casa | e... pegô e falô vamo fazê o serviço lá em casa |
| | | | ... vamo lá vê si eu ganho pelo meno uns dois, |
| | | | ... ai si ela falá assim vamo separá? |
| | vamos levando | ... nós vamo levano nossa vida. | Mais graças a Deus tirano esses atrito assim..... nós vamo levano nossa vida. |
| 3 | | | 3 |
| VÓS | | | |
| ELES | | | |
| | | 44 | 28 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 18 | 8 |
| TU | 0 | 0 |

| | | |
|-------|----|----|
| ELE | 23 | 17 |
| NÓS | 3 | 3 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 44 | 28 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA

72

MASCULINO, 30 ANOS, ANO NÃO INFORMADO, 17 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|---|--|---|
| EU | vou contar | e ah... vô contá pra você a | e ah... vô contá pra você a minha história | |
| | vou esquecer | que eu nunca vô esquecê... | eu vivi um exemplo que eu nunca vô esquecê... | |
| | | | | porque eu não vou mais comprá foice pra você |
| | vou explicar | eu só vô te explicá uma coisa... | eu só vô te explicá uma coisa... eu nunca precisei xingá pra sustentá ocês... | |
| | vou explicar | jeito que vô te expriçá o seguinte | ... pois/é então é desse jeito que vô te expriçá o seguinte | |
| | vou quebrar | que eu vê cê xingando dinovo eu vô quebrá o cabo dessa foice na sua custela ((risos)) | dinovo eu vô quebrá o cabo dessa foice na sua custela ((risos)) | |
| | | | | ... e eu falei... um dia eu ainda vô... alembirá ele do que ele passô pra mim... |

| | | | |
|---------------|---|--|---|
| vou pedir | ... i eu vô pedi o senhor um favor | ... i eu vô pedi o senhor um favor... quando o senhor tiver junto comigo... por favor o senhor não xinga... | |
| | | | ... e aonde eu vô tem sobretudo ela falou... |
| vou levando | ... eu vô levano... | ... eu vô levano ... assim... a gente vai levano a vida com dificuldade... | |
| vou dar | ... não eu vô dá um prazo pra você | ... não eu vô dá um prazo pra você aí você tráis pra mim aqui o::: | |
| vou crescer | o... eu vô crescê... | o... eu vô crescê ... eu vô arrumá um trabalho... e vô consegui uma casa pra senhora... | |
| vou arrumar | eu vô arrumá um trabalho | | |
| vou conseguir | ... e vô consegui uma casa pra senhora... | | |
| | | | não eu vô pra cozinha se não der certo |
| | | | ... eu vô ... eu procuro otro trabalho... |
| vou fazer | ... falei... não eu já sei o que vô fazê... | ...cê num gasta esse oro atoa não... falei... não eu já sei o que vô fazê ... | |
| vou falar | ... e aí eu vô te falá uma coisa ... | ... e aí eu vô te falá uma coisa ... eu continuei trabalhano no garimpo... | |
| | | | Aí::: eu fui... chegô lá... pra onde q/eu vô ... se eu fô pr/um hotel... |
| | | | |
| vou procurar | ... falei vô... vô procurá uma zona... | ... mas eu já era assim... já esperto... já::: conhecia mulhé bem... falei vô ... vô procurá uma zona... | |

| | | | | |
|-----|---------------|---|---|--|
| | vou falar | ::: i aí eu vô te falá uma coisa | É::: i aí eu vô te falá uma coisa... eu cheguei até envolvê com uma estrangeira... do exterior... mais foi depois... foi bem depois... | |
| | vou enfrentar | ó meu Deus é agora qu/eu vô enfrentá a fera | ó meu Deus é agora qu/eu vô enfrentá a fera... vô contá a situação p/esse caboco... | |
| | vou contar | ... vô contá a situação p/esse caboco... | | |
| | vou conversar | ... vô conversá com ele pra você... | Zé Carlo é aquele ali ó... vô conversá com ele pra você... | |
| | vou explicar | ... não eu vô expriçá pra ocê | ... não eu vô expriçá pra ocê direitim é assim... | |
| | vou aprender | ... falei não eu vô aprendê... | ... falei não eu vô aprendê ... num si preocupa não que isso aqui é o de menos... | |
| | vou ficar | eu vô ficá por/aqui mesmo | eu vô ficá por/aqui mesmo no serviço... | |
| | vou arrumar | ê quisé i eu vô arrumá com es pra você i | ê quisé i eu vô arrumá com es pra você i prá São Paulo... | |
| | | | | o aqui eu vô lá e busco cê pra trais... |
| | vou fazer | ... i eu num vô fazê mal pra ninguém | | |
| | vou cuidar | pelo contrário vô cuidá da belez | i eu num vô fazê mal pra ninguém... pelo contrário vô cuidá | |
| | vou fazer | ... vô fazê com que elas sinta melhor | da beleza das pessoa... vô fazê com que elas sinta melhor | |
| | 25 | | | 7 |
| TU | | | 0 | |
| ELE | vai ser | ... e vai sê o único... | é o Deus que conheci na minha infância... e vai sê o único... | |
| | | | | ... es mandava me buscá... vai lá... |
| | vai ficar | ... então num vai ficá legal... | o... taveno como ele é... então num vai ficá legal...você ficá fazendo isso com ele né... | |
| | vai ter | () não vai tê jeito deu esquecê não... | () não vai tê jeito deu esquecê não... | |
| | | | | ... um istei da casa vai e cai |

| | | | |
|------------------|---|--|--|
| | | | ... aí vai meu pai recu...recuperar do acidente... |
| | | | ... então você vai prá roça comigo |
| vai trabalhar | ... você vai trabalhá... | | |
| vai aprender | você vai aprendê a trabalhá... | você vai trabalhá ... você vai aprendê a trabalhá... | |
| vai levar | ... a mãe vai lavá roupa... | ... a mãe vai lavá roupa... | |
| | | | ... meu pai vai prá fazenda... |
| vai cozinhar | ... então sê vai conzinhá pra nós lá... | ... então sê vai conzinhá pra nós lá... i eu ia... eu ia conzinhá pra es lá... | |
| vai amolar | ... ele mim entregava ela e falava você vai... avasá essa foice... | ... ele mim entregava ela e falava você vai ... avasá essa foice... | |
| vai aprender | ...você vai aprendê mo... amolá ela | | |
| vai aprender | ... você vai aprendê a trabalhá... | ...você vai aprendê mo... amolá ela... que se você aprendê amolá ela... você vai aprendê a trabalhá... que se você aprendê a trabalhá sem amolá... e o dia que você num tivé alguém prá amolá... você num vai prestá de serviço ((risos)) inclusive | |
| vai prestar | ... você num vai prestá de serviço ((risos)) inclusive... | | |
| vai ensinar | ...uai como você vai ensinar seu fi a trabaiá desse jeito... | | |
| vai aprender | como que ele vai aprendê trabaiá | falava...uai como você vai ensinar seu fii a trabaiá desse jeito... coitado... cê tá é judiano dele... como que ele vai aprendê trabaiá c/uma ferramenta que num tem corte? | |
| vai aprender | ... não ele vai aprendê... | Trabalhá é bão mais com ferramenta boa... i::: ele falava... não ele vai aprendê ... ora que era aprendê ela vai ficá boa... | |
| vai ficar | ora que era aprendê ela vai ficá boa... | i aí eu continuava... | |
| vai trabalhar | ... você vai trabalhá com essa aqui... | ... você vai trabalhá com essa aqui...p/ocê não quebrá mais | |

| | | | |
|---------------|---|---|---|
| | | | o dinheiro da empreita vai tudo nas foice que tô comprano... |
| vai resolver | o senhor xingá vai resolvê alguma coisa... | o senhor xingá vai resolvê alguma coisa... | |
| vai levando | ... a gente vai levano a vida com dificuldade... | ... a gente vai levano a vida com dificuldade... | |
| vai rebentar | ... cê vai REBENTÁ meu fii... | | |
| vai rebentar | ... que cê vai reBENTÁ... isso/qu | trabalha num serviço desse/qui... cê vai REBENTÁ meu fii... algumas pessoa de idade falava... meu fii cê pára... que cê vai reBENTÁ ... isso/qui num é pr/ocê não... e eu num ligava não... | |
| vai acontecer | Primêro caso que vai acontecê... | Primêro caso que vai acontecê ...que eles vão pensar que eu tenho dinheiro... | |
| vai ter | ... você vai tê que alugá algum lugar pr/ocê ficá | ... você vai tê que alugá algum lugar pr/ocê ficá | |
| vai passar | ... não fome cê num vai passar não | ... não fome cê num vai passar não | |
| vai dormir | ... cê vai durmi lá em casa | não Zé Carlo... cê vai durmi lá em casa... cê vai durmi lá em CASA | |
| vai dormir | vai durmi lá em CASA | | |
| vai voltar | ... o meu filho num vai voltÁ mais... | | |
| vai ficar | ... ele vai ficá aqui... | s... o meu filho num vai voltÁ mais... ele vai ficá aqui... | |
| vai ser | o...vai cê bom pra ocê... | pensa DÍreito... vai cê bom pra ocê... | |
| vai indo | ... e ai a gente vai indo desse jeito aí | ... e ai a gente vai indo desse jeito aí | |
| 29 | | | 6 |
| NÓS | | | ... nois vamo todo mundo trabalha |
| | vamos arrumar | ... ó nós vamo arrumá um serviço pra você... | ... ó nós vamo arrumá um serviço pra você... |
| | | | ele falô assim então vamo ... só que eu tenho uma coisa pra te falá... |

| | | | | |
|------|------------|--|--|---|
| | | | | tem o serviço então vamo embora... |
| 1 | | | | 3 |
| VÓS | | | 0 | |
| ELES | vão pensar | ... que eles vão pensar que eu tenho dinheiro... | Primêro caso que vai acontecê... que eles vão pensar que eu tenho dinheiro... | |
| 1 | | | | |
| | | 56 | | 16 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 25 | 7 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 29 | 6 |
| NÓS | 1 | 3 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 1 | 0 |
| TOTAL | 56 | 16 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA

72

MASCULINO, 25 ANOS, ANO 2003, 24 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|-------------------------------------|--|-------------|
| EU | vou procurar | ... falei num vô procurá mais não.. | até pra procurá ela pra namorá ela num quiria... ai eu já tinha () ela né..... falei num vô procurá mais não.. | |

| | | | | |
|------------|--|---|---|--|
| | | | Não sempre ele vem cá na minha casa, eu vou lá, sempre eu tô... | |
| | | | pra nadá não... se fô pra mim fala/ssim vô ::: | |
| vou entrar | eu sei nadá eu vô entrá não... | Mais eu num confii... assim no meu nado não... pra nadá não... se fô pra mim fala/ssim vô:::eu sei nadá eu vô entrá não... | | |
| | | | ... eu vô assim pra brincá... | |
| | | | só no lugar qu/eu vejo que dá pra mim í qu/eu vô ... onde num dá as veis eu num arrisco não... | |
| vou mudar | Eu vô mudá agora pra Goiânia ai.. | Eu vô mudá agora pra Goiânia ai... quando eu... eu... acho que eu vem sempre nos fins de semana | | |
| vou estar | Pra í... porque eu vô tá sem carro né... | | | |
| vou levar | .. vou levar pra lá | Pra í... porque eu vô tá sem carro né... vou levar pra lá | | |
| 5 | | | 4 | |
| TU | | 0 | | |
| ELE | vai fazer | Vai fazer vinte e seis. | Vai fazer vinte e seis. | |
| | vai fazer | Vai fazer vinte e seis 2 de agosto. | Vai fazer vinte e seis 2 de agosto. | |
| | | | | quase seis ia passá no vão da cerca((risos)) Eu oiei pra ele assim... Vai . ((risos)) |
| | vai passando | ... ai conheci ela vai ai passado mais um tempim nois começo... | ... ai conheci ela vai ai passado mais um tempim nois começo... | |
| | vai levando | Nois vive assim... vai levano né... | Nois vive assim... vai levano né... | |
| | | | quase todo ano a gente vai | |

| | | | |
|--------------|--|--|--|
| | | | a mufe di repente vai e abriu a porta do carro... |
| | | | ... num oia se vem carro atrás não vai ... entra sai e abre a porta num tá nem ai não.. |
| | | | .. ota veiz num vai di preguiça... |
| vai arrumar | .. ota veiz quando vai arrumá já tá im cima do horário ai disisiti | .. ota veiz quando vai arrumá já tá im cima do horário ai disisiti | |
| | | | o... é só veiz em quando sim dia di domingo qui ela vai ... |
| vai morar | , ai depois ela vai mora lá | Ela fica aqui mora aqui, ai depois ela vai mora lá fica uns dia lá na fazenda | |
| vai chegando | é então tem gente di fora vai chegano pra cá, | é então tem gente di fora vai chegano pra cá, | |
| vai pegar | o o oto vai pega a corrida na frenti. | .. ai aquele num tive bem atento o oto vai pega a corrida na frenti. | |
| vai levando | ai então vai levano, mais que dá.. | ai então vai levano , mais que dá.. | |
| vai levando | ... aí vai levano. | ... recupera o dia que num deu... aí vai levano . | |
| vai pegando | É... a gente vai pegano muita experiência né? | É... a gente vai pegano muita experiência né? | |
| vai ajudar | .. acho que cê vai me ajudar muito nesse... nesse trabalho | .. acho que cê vai me ajudar muito nesse... nesse trabalho | |
| vai dar | Se Deus quisé vai dá muito certo né... ((risos)) | Se Deus quisé vai dá muito certo né... ((risos)) | |
| 13 | | | 6 |
| NÓS | | | |

| | | | |
|------|--|----|----|
| VÓS | | | |
| ELES | | | |
| | | 18 | 10 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 5 | 4 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 13 | 6 |
| NÓS | 0 | 0 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 18 | 10 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA 28

FEMININO, 70 ANOS, ANO 2003, 48 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|---|---|---|
| | | | | () craro que vô ... |
| | vou levar | ... eu vô levá ela lá em Goiás... | ... eu vô levá ela lá em Goiás... | |
| | vou tirar | será q/eu vô tirá meus fii da escola pra i pra roça... | Os menino tudo estudano será q/eu vô tirá meus fii da escola pra i pra roça... | |
| EU | | | | Mais eu num vô a missa quase...() |
| | | | | () eu vô ...se eu tivé uma compania |

| | | | |
|--------------|---|--|--|
| | | | pra ficá com ele ieu vô ... |
| | | | MÃE eu vô ali comprá umas camionete pra nós puxá areia... |
| vou passar | ...qui tamém foi assim... ele falô não aqui eu vô passá... | Ele tem... pois é::: largô.....qui tamém foi assim... ele falô não aqui eu vô passá ... | |
| vou rezar | ... falava mim conta que q/eu vô mim rezá... | ... falava mim conta que q/eu vô mim rezá ... pelo amor de Deus... mim conta | |
| vou contar | o... e... ele falava assim num vô CONTÁ coisa nenhum mais... | o... e... ele falava assim num vô CONTÁ coisa nenhum mais... | |
| vou lendo | ... porque vô leno e vô marcano sabe...? | ... porque vô leno e vô marcano sabe...? | |
| vou marcando | e vô marcano sabe...? | | |
| vou achar | ... dexa eu vê se vô achá... | Aqui tem otro... dexa eu vê se vô achá ... | |
| vou mostrar | Vô mostrá pr/ocê o pai nosso q/eu... q/eu adorei... | Vô mostrá pr/ocê o pai nosso q/eu... q/eu adorei... | |
| | | | ... e mais eu num vô ... |
| vou decorar | Mais vô decorá... | Mais vô decorá ... | |
| vou abrir | Aí cê lê q/eu sô rui pra lê... vô abri ele/qui p/ocê | Aí cê lê q/eu sô rui pra lê... vô abri ele/qui p/ocê | |
| vou pedir | ... eu num vô pedi Deus mais fii não... | ... eu num vô pedi Deus mais fii não... | |
| vou pedir | Nossa... eu já tem tanto inda vô pedi mais... | Nossa... eu já tem tanto inda vô pedi mais... | |
| vou fazer | ... acho que vô fazê dinovo | ... acho que vô fazê dinovo | |
| vou pegar | Eu pegá... eu vô pegá o prato lá pr/ocê vô | Eu pegá... eu vô pegá o prato lá pr/ocê vô | |
| vou buscar | ... vai sentano q/eu vô buscá | Vamo tomá um cafezim uai... vai sent... vai sentano q/eu vô buscá | |
| 16 | | | 6 |

| TU | | | 0 | |
|-----|---------------|---|--|---|
| ELE | vai chamar | essa vai chamá Elga MESmo... | ... mais aí foi a deRRAdera que eu falei essa vai chamá Elga MESmo... | |
| | | | | ... cêis vai pro munho né... |
| | vai perguntar | ela num vai perguntá se tá fartando gente né...? | ela num vai perguntá se tá fartando gente né...? | |
| | | | | oceis vai lá na roça pegá abroba... |
| | | | | ... ele fala vai mãe num tem medo não... |
| | vai ficar | ... porque vai ficá aqui todo mundo assim... né? | ... porque vai ficá aqui todo mundo assim... né? | |
| | vai fazer | s COMO QUE nós vai fazê arrumá casa num tem... | COMO QUE nós vai fazê arrumá casa num tem... | |
| | vai puxar | ... cumé que nós vai puxá areia... | ... cumé que nós vai puxá areia... | |
| | vai cair | Num vai caí não... agora ela num cai não... | Num vai caí não... agora ela num cai não... | |
| | vai fazendo | O... o... () fais né... fais o a... vai fazeno a letra | O... o... () fais né... fais o a... vai fazeno a letra e ela vai falano os nome da letra... | |
| | vai falando | e ela vai falano os nome da letra... | | |
| | vai fazer | () vai fazê 20 ano | () vai fazê 20 ano | |
| | vai passar | ... () agora o Divino num vai passá mais... | ... () agora o Divino num vai passá mais... | |
| | vai beijando | ... vai bejano o corpim dela... | ... vai bejano o corpim dela... | |
| | vai contando | A gente vai contano historinha pr/eles | A gente vai contano historinha pr/eles es acredita naquilo né...? | |
| | vai ficando | é... a gente vai ficano c/a cabeça ruim né sô...? | é... a gente vai ficano c/a cabeça ruim né sô...? | |
| | | | ::: pra ela tê um filho ela vai ... | |

| | | | |
|--------------|---|--|--|
| | | | ela vai :: pensá bem... |
| vai passar | Cê vai passá aí p/ele lê...Divino? | Cê vai passá aí p/ele lê...Divino? | |
| vai ver | Alá... cê vai vê ela aí? | Alá... cê vai vê ela aí? Quando gravá | |
| vai ver | ... cê vai vê lá... | Fazeno introdução... cê vai vê lá... | |
| | | | Ah::: sempre ele vai na casa da irmã dele em Goiânia |
| | | | ... vai lá na roça né? |
| | | | Ah::: vai lá também? |
| | | | Vai ... mais tempo de chuva... e o medo da chuva? |
| | | | Ah::: num vai não |
| | | | Aí num vai não |
| | | | Não... se tivé chuveno ele num vai |
| vai ser | ah::: vai sê esse negocim aqui... | ah::: vai sê esse negocim aqui... | |
| vai achar | Queria procurá mais num vai achá não... | Queria procurá mais num vai achá não... | |
| vai ver | o... n/otro dia ele vai vê a... a be... a::: | o... n/otro dia ele vai vê a... a be... a::: | |
| vai fazer | Cê vai fazê otro... otro coisa dinovo | Cê vai fazê otro... otro coisa dinovo | |
| vai sentando | Vamo tomá um cafezim uai... vai sent..... vai sentano q/eu vô buscá | Vamo tomá um cafezim uai... vai sent ... vai sentano q/eu vô buscá | |
| | | | Senta aí... a mãe vai lá buscá o café |
| vai lavar | ... quero... vai lavá a xica pr/ocê bebê café sô... | ... quero... vai lavá a xica pr/ocê bebê café sô... | |
| 22 | | | 13 |
| NÓS | | | meu tii pai faleceu dentro de quarenta dia..... meu avô falô VAmo pra GOIáís... |

| | | | |
|-------------------|---|--|---|
| | | | É... aí... nós... () pego... meu avô falô VAmo pra Goiás... |
| vamos repartir | ... falei Divino vamo... vamo reparti só... nós num dá conta de reparti esses convite tudo não... | ... vamo reparti só... nós num dá conta de reparti esses convite tudo não... | |
| | | | Jesus disse aos discipus vamos pra o otro lado do lago... |
| vamos tomar | Tem café uai... vamo tomá um cafezim? | Tem café uai... vamo tomá um cafezim? | |
| vamos tomar | Vamo tomá um cafezim uai... vai sent... | Vamo tomá um cafezim uai... vai sent... | |
| 3 | | | 3 |
| VÓS | | | |
| ELES | | | |
| 41 | | | 22 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 16 | 6 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 22 | 13 |
| NÓS | 3 | 3 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 41 | 22 |

FEMININO, 65 ANOS, ANO 2003, 21 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|---|--|--|
| EU | vou morar | ((tin)) eu vou morá nôtra fazenda.. | ((tin)) eu vou morá nôtra fazenda.. | |
| | | | | ... já teve qui em Goiás... todas ela eu vô ... |
| | vou casar | mai num é pussive que é essa qui que eu vô ca... ((riso)) | chegô lá no pé do padre quele oiô assim... lô... mai num é pussive que é essa qui que eu vô ca ... ((riso))... feia!... | |
| 2 | | | | 1 |
| TU | | | 0 | |
| ELE | vai fazer | ... porque se cê vai fazê uma cirurgia... no olho.. | ... porque se cê vai fazê uma cirurgia... no olho.. | |
| | vai tirar | .. e cume que cê vai tirá um musquito no olhos.. | .. e cume que cê vai tirá um musquito no olhos.. | |
| | vai brincar | .. “óh, agora cês vai brincá é no curral nosso.. | .. “óh, agora cês vai brincá é no curral nosso.. | |
| | | | | ... tem uns bizerro bravo... vai pra lá... |
| | vai fazer | - olha... ocê vai fazê seu barracão aqui e fica tranquila.. | olha... ocê vai fazê seu barracão aqui e fica tranquila.. | |
| | vai beber | ... falá que vai bebê veneno... fica disisperado... | ... falá que vai bebê veneno... fica disisperado... | |
| | | | | ... essa hora... que eis vai tudo sarmado... |
| | | | ... e a gente vai e come aquela fruta... | |

| | | | |
|---------------|--|--|--|
| | | | é...eis vai , é vai, é vai... depois eis vem tudo pra cá... |
| vai trazer | que vai trazê pra mim vê... é... | que vai trazê pra mim vê... é... abroba nunca dexa de lastrá né...? (risos) | |
| vai faltar | ... a chuva vai fartá... | ... a chuva vai fartá hum vai tê chuva mais num tem... o sole vai abaxá ... | |
| vai ter | hum vai tê chuva mais num tem.. | | |
| vai abaixar | ... o sole vai abaxá... | | |
| vai vir | falava... e vai vim a reforma – agráia.. | | |
| vai mandar | ... as pessoa num vai mandá no que é dele... | falava... e vai vim a reforma – agráia... as pessoa num vai mandá no que é dele... num é igual nós aqui, que nós manda e dismanda.. não... vai vim uma época que eis num vai trabalhá ... não pra eis... | |
| vai vir | a... não... vai vim uma época | | |
| vai trabalhar | que eis num vai trabalhá... não pra eis... | | |
| vai vir | ó... vai vim uma época que fío num bedeçe pai.. | | |
| vai virar | nem pai bedeçe fío... vai virá uma “tribuzana” . | ó... vai vim uma época que fío num bedeçe pai... nem pai bedeçe fío... vai virá uma “tribuzana” ... | |
| vai acabar | esse farturão que nós tem caba..., vai cabá.. | ..., vai cabá ... vai vim uma época de de... de vendê um prato de ouro troco de um prato de bóia... | |
| vai vir | ... vai vim uma época de de... de vendê | | |
| vai ficar | comé que vai ficá com essa ((ví)) tá dismatano...? | comé que vai ficá com essa ((ví)) tá dismatano...? | |
| vai acabar | a... eis falava tudo isso... tudo vai acabá... | a... eis falava tudo isso... tudo vai acabá ... | |
| | | | ...cês vai cum Deus... |
| | | | levantá cedo, vai pra escola... |
| vai fazer | chega da escola vai fazê seu dever... | ... chega da escola vai fazê seu dever... vai vendê um picolé... vai... ganhá seus trocadim... | |
| vai vender | ...vai vendê um picolé... | | |
| vai ganhar | vai... ganhá seus trocadim... | | |
| vai ser | ... eu penso que vai sê isso... | | ... eu penso que vai sê isso... |

| | | | |
|-------------|--|--|--|
| vai copiar | ... tão vai copió é moda... | . o povo hoje num tem sintido pa serviço... tão vai copió é moda... | |
| | | | ... vai duas partes principais aqui em Goiás né... |
| | | | ... <i>hoje</i> cê vai o povo <i>vai</i> ... |
| | | | os dois véi saiu tocano uns pôico... vai , vai, vai, vai... áh, eu tenho uma fia pra casá |
| vai casar | ... aí vai casa os dois... | aí rumaro os casamento sem êse cunhecê um a ôtro!... cunhicia não... aí vai casa os dois... | |
| vai sumir | . (risos)... cê vai sumi daqui agora (risos).. | . (risos)... cê vai sumi daqui agora (risos).. | |
| vai contar | ... gora cê vai me contá ... (risos) | ... gora cê vai me contá ... (risos) | |
| | | | inmendô a cuia... a cabaça... encheu d'água... vai ... quando chegô lá.. |
| vai dormir | .. falô... não cê vai durmi ... aí o ((male)) | aí quando Santo Antoim... falô... não cê vai durmi ... aí o ((male))foi durmi... | |
| | | | e tinha carro de boi, ele puxava ((tempo)) que vai a Trindade.. |
| | | | o... aí cê vai cum a foisse... roça o mato... |
| vai plantar | dipois que chove... aí cê vai plantá milho, arroz.. | dipois que chove... aí cê vai plantá milho, arroz.. | |
| vai chover | só de olhá o tempo já sabe se vai chuvê ... | só de olhá o tempo já sabe se vai chuvê ... | |
| vai chover | sabe se vai chuvê ... | sabe se vai chuvê ... | |
| | | | ou se não vai ... |
| | | | então... ese ese vai lá na bera do coigo.. |

| | | | | |
|------|--------------|--|---|--|
| | | | | ... ese vai tudo o contrário o vento... |
| 31 | | | | 15 |
| NÓS | vamos juntar | o... vai pra lá... vamo juntá nós lá...” | óh, agora cês vai brincá é no curral nosso... os bizerro lá... tem uns bizerro bravo... vai pra lá... vamo juntá nós lá... | |
| | | | | ... mais depois nós vamo lá... |
| 1 | | | | 1 |
| VÓS | | | | |
| ELES | | | | |
| | | 34 | | 17 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 2 | 1 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 31 | 15 |
| NÓS | 1 | 1 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 34 | 17 |

FEMININO, 48 ANOS, ANO 2003, 35 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|--------------------------------------|---|--|--|
| EU | vou dizer | como vô dizê... daquesa pessoa bem devota mermo... | ... cheia de... como vô dizê ... daquesa pessoa bem devota mermo... | |
| | vou contar | ... não... mais eu vô te contá... | ... não... mais eu vô te contá ... era coisa mesmo assim... aí né? | |
| | vou pegar | a... eu vô pegá um burro agora... | a... eu vô pegá um burro agora... | |
| | vou ganhar | ... e esse agora eu vô ganhá mui:::to dinheiro... | ... e esse agora eu vô ganhá mui:::to dinheiro... vô comprá uma casa aqui em Goiás... vô juntá ocêis tudim... | |
| | vou comprar | o... vô comprá uma casa aqui em Goiás... | | |
| | vou juntar | vô juntá ocêis tudim... | | |
| | vou montar | ele falô não eu vô muntá... | ... joga o laço o bicho pula sem ninguém em cima ele falô não eu vô muntá ... aí pegô... | |
| | vou falar | m... agora vô falá um pôco das alegria da minha vida... | ... agora vô falá um pôco das alegria da minha vida... | |
| | vou fingir |) foi logo pensei assim... eu vô fingi... |) foi logo pensei assim... eu vô fingi ... eu adoro contá essa partinha... | |
| | vou apanhar | a... tô com febre num vô apanhá não... | a... tô com febre num vô apanhá não... | |
| | | | | ... ele falô pra mim assim agora eu vô lá no pasto pegá o tesoro... |
| | vou arriar | ... e o cavalo era manso... bobão... falei vô arriá ele | ... e o cavalo era manso... bobão... falei vô arriá ele e vô caçá manga... | |
| | vou caçar | e vô caçá manga... | | |
| vou ver | m...mãe sábado eu vô vê minha mãe... | m...mãe sábado eu vô vê minha mãe... | | |

| | | | |
|--------------|---|---|---|
| vou insistir |) ele falô assim eu num vô insisti aqui no nosso meio aqui... |) ele falô assim eu num vô insisti aqui no nosso meio aqui... | |
| | | | eu falei não eu num vô não ele falô não vamo... |
| vou chorar | ... acho qu/eu vô é chorá memo... e | ... acho qu/eu vô é chorá memo... e | |
| | | | eu vô é...((risos)) e levô a cesta |
| vou vivendo | É num é fáci não mais eu vô:::... vô viveno né? | É num é fáci não mais eu vô:::... vô viveno né? é o jeito ((risos)) | |
| vou sofrer | o... e se saí também acho qu/eu vô sofrê um pôco né? | o... e se saí também acho qu/eu vô sofrê um pôco né? | |
| vou dizer | a... como qu/eu vô dizê como a cidade era... | a... como qu/eu vô dizê como a cidade era... | |
| vou ser | m ... eu sô vitoriosa... eu vô sê uma pessoa vitoriosa... | a... eu vô sê uma pessoa vitoriosa... se eu falá assim eu sô fracassada... eu vô sê fracassada... | |
| vou ser | ... eu vô sê fracassada... | | |
| | | | E o pai des danô comigo... falei então vô bora... |
| vou ser | agora eu forme:::i vô sê advogado | | |
| vou cuidar | ... vô cuidá do cêis... | m... ó maninha agora eu forme:::i vô sê advogado... vô cuidá do cêis... vô te dá uma casa... e o () matô ele... | |
| vou dar | vô te dá uma casa... e o () matô ele... | | |
| vou brigar | le... ah eu vô brigá... i ele brigava... | le... ah eu vô brigá ... i ele brigava... | |
| | | | Aí::: eu falo assim... vô presa tamém... |
| | | | ... as veis eu vô embora es tá ali na esquina assim... |
| 24 | | | 6 |
| TU | | | |

| | | | | |
|-----------|-------------------------------------|---|---|------------------------------|
| ELE | vai nascer | Deus mais será que minha fia vai nascê no dia quinze... | Deus mais será que minha fia vai nascê no dia quinze... | |
| | vai ser | ... cê tem que orá muito... cê vai sê sem sorte... () | ... cê tem que orá muito... cê vai sê sem sorte... () | |
| | vai montar | muntá não... num vai muntá... num pode... | mais o senhor num pode muntá não... num vai muntá ... num pode... | |
| | vai fazer | ... que já vai fazê vinte né? | ... que já vai fazê vinte né? | |
| | vai vingar | i... nós é criança mais vai vingá tamém... | i... nós é criança mais vai vingá tamém... | |
| | vai apanhar | o... hora que chegá lá nós num vai apanhá né? | o... hora que chegá lá nós num vai apanhá né? | |
| | vai ficar | a... e agora vai ficá muito caro... | a... e agora vai ficá muito caro... ele falô não vai ficá ... não | |
| | vai ficar | ele falô não vai ficá... | | |
| | vai ficar | não vai ficá muito caro... | | |
| | vai ter | es vai tê que emendá a trança i conversô os dois | vai ficá muito caro... es vai tê que emendá a trança i conversô os dois lá... | |
| | vai morrer | uma hora cê vai morrê... | cê arraiô o cavalo muntô sozinha uma hora cê vai morrê ... | |
| | vai enfrentar | ... parece... que vai enfrentá a morte... | ... parece... que vai enfrentá a morte... | |
| | | | | ... vai lá em casa... |
| | vai deixar | ... ele vai dexa as coisa pra mim... | ... ele vai dexa as coisa pra mim... | |
| | vai mostrar | ... e Deus vai mostrá pro/cê mi... é... irmã | ... e Deus vai mostrá pro/cê mi... é... irmã... que ele... ele num tá mentino... ele vai te dá uma prova... ele vai dispô dos verme... | |
| | vai dar | ele vai te dá uma prova... | | |
| | vai dispor | ele vai dispô dos verme... | | |
| | vai fazer | MÃ:::e do céu o que que nós vai fazê? | MÃ:::e do céu o que que nós vai fazê ? | |
| vai comer |) num sei o que nós vai comê não... |) num sei o que nós vai comê não... | | |

| | | | | |
|------|-----------------|---|--|---|
| | vai fazer | ... vai fazê dezoito dia sete de novembro agor | ... vai fazê dezoito dia sete de novembro agor | |
| | vai fazer | o Diego já vai fazê quinze ano num pega né? | o Diego já vai fazê quinze ano num pega né? | |
| | vai viver | ... vai vivê uma coisa ruim... | ... vai vivê uma coisa ruim... | |
| | vai aparecer | ele vai parece aqui durante o dia... | e amanhã meninada se ocêis ficá custoso ele vai parece aqui durante o dia... | |
| | | | | m... agora cê vai lá no pé de banana... |
| | vai fazer | Vai fazê dois anos | Vai fazê dois anos | |
| | vai matar | ... qu/ele vai matá ele... ele não acreditô | ... qu/ele vai matá ele... ele não acreditô | |
| | vai curar | se Deus é médico dos médicos ele vai mim curá | se Deus é médico dos médicos ele vai mim curá | |
| 25 | | | | 2 |
| NÓS | | | | ... nós vam /bora pra Goiáí::s |
| | vamos cortar | vai vingá tamém... vamo cortá a trança dela | vai vingá tamém... vamo cortá a trança dela | |
| | vamos dizer | um tanta gente assim... podero:::sa vamo dizê do meu lado... | um tanta gente assim... podero:::sa vamo dizê do meu lado... | |
| | | | | o... aí ele falô então vamo ali... |
| | | | | ele falô não vamo ... |
| 2 | | | | 3 |
| VÓS | | | | |
| ELES | | | | |
| | | 51 | | 11 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 24 | 6 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 25 | 2 |
| NÓS | 2 | 3 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 51 | 11 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA

62

FEMININO, 43 ANOS, ANO 2003, 29 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|---|--|--|
| EU | | | | todo domingo eu vô pra lá cum meus irmão. |
| | vou entrar | quando eu vo entra no quarto aí saiu aquilo do meu pensamento. | quando eu vo entra no quarto aí saiu aquilo do meu pensamento. | |
| | vou fazer | a então como é que eu vou fazê? | a então como é que eu vou fazê? | |
| | vou pagar | Aí vô paga alguma coisa pra mais na frente eu vê o que que posso faze de mim. | . Aí vô paga alguma coisa pra mais na frente eu vê o que que posso faze de mim. | |
| | vou pensar | Não. Ah... eu falava vô pensa, | Não. Ah... eu falava vô pensa, vou esperá melhorar minha cabeça pra mim decidi. | |
| | vou esperar | vou esperá melhorar minha cabeça pra mim decidi. | | |
| | vou dar | falei o quê num vou dá muita liga pra esse povo | falei o quê num vou dá muita liga pra esse povo | |

| 6 | | | | 1 |
|------------|---|---|--|---|
| TU | | 0 | 0 | |
| ELE | vai misturando | mãe mais pai já é primo segundo, vê já vai misturano tudo | mãe mais pai já é primo segundo, vê já vai misturano tudo vai confundino as pessoa. | |
| | vai confundindo | vai confundino as pessoa. | | |
| | vai misturar | Num pode casa com parente assim não vai mistura tudo | Num pode casa com parente assim não vai mistura tudo | |
| | vai arrancar | mais daqui a pouco senhor vai rancá minhas veia fora de tanto rancá sangue e num dá nada. | mais daqui a pouco senhor vai rancá minhas veia fora de tanto rancá sangue e num dá nada. | |
| | vai melhorando | mai mesm assim já vai melhorando aos pouco. | mai mesm assim já vai melhorando aos pouco. | |
| | vai liberar | Mais capaiz que num vai liberá não, | Mais capaiz que num vai liberá não, vai dá mais uns méis pra mim. | |
| | vai dar | vai dá mais uns méis pra mim. | | |
| | vai esquecer | Falei ah ele num vai esqueceu. | Falei ah ele num vai esqueceu . | |
| | vai levar | depois de casá vai levá um furnil de pinga pra dentro de casa. (risos) | depois de casá vai levá um furnil de pinga pra dentro de casa. (risos) | |
| | | | | Aí nós vai de manhã e volta à tarde. |
| | | | | Num vai aqui pro lado aqui da Lajinha não? |
| vai morrer | acha que vai morrer naquele.. | que a gente passa na vida da gente, acha que vai morrer naquele.. | | |
| vai ter | Falei não a gente vai te que paga então como é que eu vou fazê? | Falei não a gente vai te que paga então como é que eu vou fazê? | | |

| | | | |
|--------------|---|---|---|
| vai dar | Agora vê amanhã o que que vai dá lá. | Agora vê amanhã o que que vai dá lá. | |
| vai cair | Eu to achando que a minha amanhã vai cai pro Dr. Luís. | Eu to achando que a minha amanhã vai cai pro Dr. Luís. | |
| vai sentindo | . Aí parece que a gente já vai sentindo mais.. | . Aí parece que a gente já vai sentindo mais.. | |
| vai chegando | num é porque é irmão vai chegano e... falano o que dê não | o num é porque é irmão vai chegano e... falano o que dê não | |
| vai fazer | Será que vai fazê? | Será que vai fazê? | |
| vai fazer | Ah... isso num vai fazê mais não porque | Ah... isso num vai fazê mais não porque o ano que vem já vai sai do mandato dele, né? | |
| vai sair | o ano que vem já vai sai do mandato dele, né? | | |
| vai fazer | Ah... vai fazê cinco ano agora eu tive na casa duma cunhada | Ah... vai fazê cinco ano agora eu tive na casa duma cunhada | |
| 19 | | | 2 |
| NÓS | | | |
| VÓS | | | |
| ELES | | | |
| | 26 | | 3 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 6 | 1 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 19 | 2 |
| NÓS | 0 | 0 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 25 | 3 |

TOTAL GERAL DAS OCORRÊNCIAS ENCONTRADAS NA ENTREVISTA

FEMININO, 33 ANOS, ANO 2003, 14 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|--------------------------|--|--|---|
| EU | vou vencer | tenho muita fé e força que um dia eu vô vencê... | tenho muita fé e força que um dia eu vô vencê ... | |
| | vou vencer | o... e qu/eu vô vencê se Deus quisé... | o... e qu/eu vô vencê se Deus quisé... | |
| | | | | ... agora num tem medo de nada mesmo... ora qui... qui Deus mim levá eu vô ... |
| | | | | junto com ele vô né? |
| | vou ajudar | qu/eu vô ajudá ocêis comprá... aí né? | qu/eu vô ajudá ocêis comprá... aí né? | |
| | vou pagar | eu vô pagá o aluguel procêis todo mêis | eu vô pagá o aluguel procêis todo mêis | |
| | vou procurar | ô falô assim não num vô procurá casa nenhuma não | ô falô assim não num vô procurá casa nenhuma não | |
| | | | | ah... vô lá vê e quando eu ía num gostava da casa... |
| | vou morar | num é só eu que vô morá na casa ele tamém vai | num é só eu que vô morá na casa ele tamém vai | |
| | vou mexer | falô assim pra mim eu num vô mexê com nada minha sogra | falô assim pra mim eu num vô mexê com nada minha sogra... | |
| | vou deixar | ... vô dexá ocêis do jeito que cêis tá | vô dexá ocêis do jeito que cêis tá | |
| | vou esperar | ... então eu vô esperá hora que Deus dá | ... então eu vô esperá hora que Deus dá essa casa procêis ele vai dá então vô esperá num vô fazê mais nada... | |
| | vou esperar | Essa casa procêis ele vai dá então vô esperá | | |
| vou fazer | num vô fazê mais nada... | | | |

| | | | |
|---------------|--|--|---|
| vou descansar | a... aí eu falei vô descansá em Deus... | a... aí eu falei vô descansá em Deus... | |
| vou caçar | a... falei Irmã Regina num vô caçá mais casa | ... falei Irmã Regina num vô caçá mais casa num vô fazê mais nada vô ficá é aqui... | |
| vou fazer | num vô fazê mais nada | | |
| vou ficar | vô ficá é aqui... | | |
| vou mexer | ele pode tomá qu/eu num vô mexê com nada | ele pode tomá qu/eu num vô mexê com nada larguei de tu... larguei de mão num vô caçá casa mais não eu vô é orá... () pegô e falô assim então vamo orá... eu vô ajudá a senhora... | |
| vou caçar | larguei de mão num vô caçá casa mais | | |
| vou orar | não eu vô é orá... () pegô e falô assim então vamo orá | | |
| vou ajudar | ... eu vô ajudá a senhora... | | |
| vou conseguir | i... num é por esse lado qu/eu vô consegui | ... num é por esse lado qu/eu vô consegui aí eu falei eu vô consegui ... | |
| vou conseguir | aí eu falei eu vô consegui... | | |
| vou dar | ... até seis reais eu vô dá procêis... | ... até seis reais eu vô dá procêis... ou eu vô dá de entrada... | |
| vou dar | ... ou eu vô dá de entrada... | | |
| vou ver | í... Dona Joana então eu vô vê o qu/eu consigo... | ... Dona Joana então eu vô vê o qu/eu consigo... | |
| vou procurar | Joana vai fazê assim assim assim pra nós eu vô procurá então | Joana vai fazê assim assim assim pra nós eu vô procurá então | |
| vou ter | eu falei mãe::: eu vô tê uma casa | eu falei mãe::: eu vô tê uma casa... eu vô ganhá uma casa... | |
| vou ganhar | ... eu vô ganhá uma casa... | | |
| | | | ... se ocê num vai eu vô ... |
| | | | ... se ocê num vai morá lá eu vô ... |
| | | | ... ela falô não então eu vô aí... |

| | | | | |
|----------------|--------------------------------|--|---|--|
| | vou receber | ... as veis nem penso que vô recebê qu/ele dinheiro | ... as veis nem penso que vô recebê qu/ele dinheiro | |
| | vou fazer | to:::da semana eu vô fazê essa faxina... | to:::da semana eu vô fazê essa faxina... | |
| | | | | tem muita fé que daqui uns dia eu vô min...minha família toda controlada... |
| | | | | |
| 29 | | | | 7 |
| TU | | 0 | 0 | |
| ELE | vai seguir | ... e eu sei que... tem fé que vai segui junto comigo... | ... e eu sei que... tem fé que vai segui junto comigo... | |
| | vai estar | i sei que um dia meu esposo vai tá junto comigo tamém | i sei que um dia meu esposo vai tá junto comigo tamém | |
| | vai estar | e tem fé que um dia meu esposo vai tá junto comigo na igreja com meus filho... | e tem fé que um dia meu esposo vai tá junto comigo na igreja com meus filho... | |
| | vai fazer | Deus vai... vai fazê espero que () de Deus não a minha... | Deus vai... vai fazê espero que () de Deus não a minha... | |
| | vai mudar | pra qui um dia Deus vai mudá a vida deis tamém | pra qui um dia Deus vai mudá a vida deis tamém | |
| | | | | graças a Deus tá seguino o camim dele lá com/ela vai na missa com/ela |
| | | | | assim ele vai na missa... |
| | vai fazer | Deus vai fazê o que Deus... coisá... dá certo | | |
| vai encaminhar | vai encaminhá essa viagem dele | Deus vai fazê o que Deus... coisá... dá certo vai encaminhá essa viagem dele vai encaminhá ele lá vai né? | | |

| | | | |
|----------------|---|--|---|
| vai encaminhar | vai encaminhá ele lá | | |
| | | | ele lá vai né? |
| vai encaminhar | falei Deus vai... encaminhá ele | | |
| vai dar | vai dá tudo certo | falei Deus vai... encaminhá ele vai dá tudo certo | |
| vai gostar | E vai gosta de lá né? | E vai gosta de lá né? | |
| | | | ... da paróquia lá da igreja católica... vai nas missa com ela né? |
| vai melhorar | E pensá que um dia... vai melhorá cada dia mais e mais... | E pensá que um dia... vai melhorá cada dia mais e mais... | |
| vai fazer | se falá um trem cê chora... vai fazê cê chora... | se falá um trem cê chora... vai fazê cê chora... | |
| | | | se a esposa ajudá o esposo vai pra frente... |
| vai levantar | qui Deus um dia vai vai levantá a vida dele | qui Deus um dia vai vai levantá a vida dele | |
| vai dar | mais eu tenho fé que Deus vai... vai mim dá... | | |
| vai dar | vai mim dá a área | | |
| vai dar | vai mim dá mais um quarto né? | | |
| vai dar | vai mim dá uma casa do jeito qu/eu sempre sonhei... | mais eu tenho fé que Deus vai... vai mim dá... vai mim dá a área vai mim dá mais um quarto né? vai mim dá uma casa do jeito qu/eu sempre sonhei... ele vai mim dá... | |
| vai dar | ele vai mim dá... | | |
| vai dar | o senhor vai mim dá uma casa... | o senhor vai mim dá uma casa... senhô vai mim dá uma casa | |
| vai dar | senhô vai mim dá uma casa assim assim | assim assim | |

| | | | |
|------------|---|---|--|
| | | | se ela quizé ela vai aí eu fui peguei saí andei... |
| | | | num é só eu que vô morá na casa ele tamém vai |
| vai dar | Deus vai mim dá uma casa... | Deus vai mim dá uma casa... falei pra ela assim na hora Deus vai mim dá uma casa... eu tem certeza qu/ele vai mim dá ... | |
| vai dar | falei pra ela assim na hora Deus vai mim dá uma casa... | | |
| vai dar | eu tem certeza qu/ele vai mim dá... | | |
| vai dar | hora que Deus dá essa casa procêis ele vai dá | hora que Deus dá essa casa procêis ele vai dá | |
| vai sair | ... que vai saí um dinheiro pra mim... | ... que vai saí um dinheiro pra mim... | |
| vai fazer | ... falei mãe Dona Joana vai fazê assim assim pra nós | ... falei mãe Dona Joana vai fazê assim assim assim pra nós | |
| vai chegar | Deus assim falano minha filha sua casa vai chegá Deus | Deus assim falano minha filha sua casa vai chegá Deus | |
| vai fazer | já é Deus e ele vai fazê | já é Deus e ele vai fazê cê pode esperá qu/ele vai fazê ... | |
| vai fazer | cê pode esperá qu/ele vai fazê... | | |
| vai ser | eu falei essa vai sê minha casa... | eu falei essa vai sê minha casa... Deus vai mim dá é essa | |
| vai dar | Deus vai mim dá é essa | | |
| | | | ... se ocê num vai eu vô... |
| | | | inda falei assim pra ele ... se ocê num vai morá lá eu vô...(desconsiderado como perifrased. Entende-se, pelo contexto, que a flexão verbal de "ir" não atende ao sentido gramatical) |
| vai dar | ... é essa que Deus vai mim dá... é essa qu/eu quero | ... é essa que Deus vai mim dá ... é essa qu/eu quero | |
| vai ser | ... e ela vai sê minha mesmo... | | |

| | | | |
|---------------|---|---|--|
| vai ser | falei pra ele em nome de Jesus ela vai sê minha... | ... e ela vai sê minha mesmo... falei pra ele em nome de Jesus ela vai sê minha... | |
| vai ligar | Dona Joana a senhora vai ligá pra ele | | |
| vai conversar | vai conversá isso | Dona Joana a senhora vai ligá pra ele vai conversá isso | |
| vai querer | eu falei i agora ele num vai querê p | eu falei i agora ele num vai querê porque ele qué seis e ela só tem cinco... | |
| vai passar | então senhora vem Dona Joana que senão ele vai passá a casa pra frente | então senhora vem Dona Joana que senão ele vai passá a casa pra frente | |
| vai ser | e tem fé em Deus qu/ele vai sê liberto desse vício de bibida de cigarro | | |
| vai fazendo | aos pôco Deus vai fazeno a vida dele tamém | e tem fé em Deus qu/ele vai sê liberto desse vício de bibida de cigarro aos pôco Deus vai fazeno a vida dele tamém qu/ele vai tá junto comigo na igreja... | |
| vai estar | qu/ele vai tá junto comigo | | |
| vai fazer | a hora dele hora dele ele vai fazê... né? i | | |
| vai passando | vai passano tem umas lutas as veis... | a hora dele hora dele ele vai fazê ... né? i vai passano tem umas lutas as veis... | |
| vai fazer | se Deus quisé qu/ele vai fazê... | se Deus quisé qu/ele vai fazê ... | |
| vai indo | e tá indo divargazim vai ino Deus tá mandano | e tá indo divargazim vai ino Deus tá mandano | |
| vai libertar | ... pegano com Deus qu/ele vai libertá meu esposo... | | |
| vai arrumar | vai rumá um serviço bão pra ele... | ... pegano com Deus qu/ele vai libertá meu esposo... vai rumá um serviço bão pra ele... | |
| | | | tá ino aí Deus vai ... vargazim ele tá agino... |
| vai chegar | Devagar vai chegá se Deus quisé... | Devagar vai chegá se Deus quisé... | |
| vai indo | Vai ino | Vai ino | |

| | | | | |
|-----|---------------|--|---|---|
| | vai mudando | ... tudo vai mudando né? | ... tudo vai mudando né? | |
| | | | | dexa família vai pra longe pra trabaiá né? |
| | vai mudar | ... vagarzim vai mudá... | | |
| | vai mudar | se Deus quisé vai mudá né? | ... vagarzim vai mudá ... se Deus quisé vai mudá né? | |
| | vai trabalhar | ... cê vai trabalhá nessa firma... | ... cê vai trabalhá nessa firma... | |
| | vai fazer | ... como cê vai fazê pra pagá parto... | ... como cê vai fazê pra pagá parto... | |
| | vai ficar | quem vai ficá comigo hora qu/eu ganhá esse nenê | quem vai ficá comigo hora qu/eu ganhá esse nenê | |
| | | | | ... ele vai comigo pra igreja ele participa de célula... |
| | vai restaurar | ... que Deus vai... restaurá cada dia mais | ... que Deus vai... restaurá cada dia mais | |
| | | | | Ah vai ... () então tá bom... brigada... |
| 57 | | | | 13 |
| NÓS | vamos tocando | e vamo tocano | E pensá que um dia... vai melhorá cada dia mais e mais... a vida da gente né?e vamo tocano | |
| | vamos orar | ela falô não nós vamo orá... juntô | ela falô não nós vamo orá ... juntô | |
| | vamos dar | ... então uma casa vamo dá um jeito de... pelo menos um jeito de alugá | ... então uma casa vamo dá um jeito de... pelo menos um jeito de alugá | |
| | vamos arrumar | e falô assim não então vamo arrumá a casa pra alugá... | e falô assim não então vamo arrumá a casa pra alugá... | |
| | vamos orar | então vamo orá... | então vamo orá ... eu vô ajudá a senhora... vamo orá ... | |

| | | | | |
|------|------------|--------------------------------------|---|--|
| | vamos orar | eu vô ajudá a senhora... vamo orá... | | |
| | | | | ... falei então vamo comigo lá agora... |
| | | | | falei seu Onofre então vamo lá comigo... |
| | vamos orar | ... irmã Regina vamo orá... | | |
| | vamos orar | falei vamo orá... | ... irmã Regina vamo orá... falei vamo orá... | |
| | | | | hora qu/eu ganhá esse nenê não vamo embora... |
| 8 | | | | 3 |
| VÓS | | | | |
| ELES | | | | |
| | | 95 | | 26 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 29 | 7 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 57 | 13 |
| NÓS | 8 | 3 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 0 |
| TOTAL | 94 | 23 |

FEMININO, 28 ANOS, ANO 2003, 24 PÁG

| PRON. PESSOAIS | FLEXÃO VERBAL | OCORRÊNCIA DE USO COMO AUXILIAR | FRASE MAIS COMPLETA | DEMAIS USOS |
|----------------|---------------|---|--|--|
| EU | vou jogar | queria dormi... e menino chorano... mãe qu/eu vô jogá esse menino fora ((risos)) | queria dormi... e menino chorano... mãe qu/eu vô jogá esse menino fora ((risos)) | |
| | | | | falei pra ela... vô di jeito nenhum qu/ela... |
| | vou dar | meus irmão chorano de fome... vô dá um jeito nesse trem... | meus irmão chorano de fome... vô dá um jeito nesse trem... vô conversá... vô conversá com o gerente lá no hotel... | |
| | vou conversar | vô conversá ... | | |
| | vou conversar | vô conversá com o gerente lá no hotel... | | |
| | vou mandar | ... num sei () que num mandei as coisa ainda mais vô mandá :::... | ... num sei () que num mandei as coisa ainda mais vô mandá :::... | |
| | vou mandar | ele falô então tá eu vô mandá ... | ele falô então tá eu vô mandá ... | |
| | vou estudar | falei assim ai nem tô cansada... num vô estudá mais não... | falei assim ai nem tô cansada... num vô estudá mais não... | |
| | vou trabalhar | falei assim... ah::: não vô... trabaia ... parei de estudá ... | falei assim... ah::: não vô... trabaia ... parei de estudá ... | |
| | vou trabalhar | ... aí parei... falei vô só trabaia ... | ... aí parei... falei vô só trabaia ... | |
| | vou casar | falei... ah::: não vô casá ... | | |
| | vou casar | vô casá ... acho... comecei a namorá com esse rapais né? | falei... ah::: não vô casá ... vô casá ... acho... comecei a namorá com esse rapais né? | |
| | vou ter | falei assim ah::: agora vô tê uma vida melhor né? | falei assim ah::: agora vô tê uma vida melhor né? | |

| | | | |
|----------------|--|--|--|
| | | | aí se ele qué outro trem eu vô e faço pra ele... |
| | | | ... sempre ele pede um trem... eu vô explico pra ele... |
| | | | ... aí depois eu vô compro pro outro... |
| vou repartindo | vô::: repartino que tem meis eu pego... | vô::: repartino que tem meis eu pego... | |
| vou ajudar | Ele tinha que pensá assim não lar... não quero a mulhé... mais os fii vô ajudá::: né? | Ele tinha que pensá assim não lar... não quero a mulhé... mais os fii vô ajudá::: né? | |
| vou estudar | eu num estudei... agora vô estudá... | eu num estudei... agora vô estudá... | |
| vou trabalhar | chega de tardizinha tô cansada... tem que fazê janta pros fii... aí vô trabaiá... no:::as | | |
| vou estudar | vô estudá... aí sabe... eu tenho medo de voltá e num dá conta... | chega de tardizinha tô cansada... tem que fazê janta pros fii... aí vô trabaiá... no:::as vô estudá... aí sabe... eu tenho medo de voltá e num dá conta... | |
| vou voltar | té::: pensá mais s/eu vô voltá ou não... | té::: pensá mais s/eu vô voltá ou não... | |
| vou fazer | ... você pensa assim ah::: vô fazê tudo... | ... você pensa assim ah::: vô fazê tudo... | |
| | | | ... vô ... coisá né? |
| vou ficar | um dia eu falei QUE::: eu num vô ficá na mala na cabeça não... | um dia eu falei QUE::: eu num vô ficá na mala na cabeça não... | |
| vou construir | ai::: falava pra minha mãe... num vô construí não... | ai::: falava pra minha mãe... num vô construí não... | |
| vou construir | todo mundo fala qu/o mundo vai acabá... e eu vô ... num vô construí de jeito nenhum... | todo mundo fala qu/o mundo vai acabá... e eu vô ... num vô construí de jeito nenhum... | |
| vou construir | gente do céu... e as minha fia... tudo pequena... e eu vô construí... minha casa... | gente do céu... e as minha fia... tudo pequena... e eu vô construí... minha casa... vô gastá dinheiro atoa... | |

| | | | |
|---------------|---|--|--|
| vou gastar | vô gastá dinheiro atoa... | | |
| vou ficar | Deus mim dá um bom lugá... qu/eu num vô ficá com medo mais não... | Deus mim dá um bom lugá... qu/eu num vô ficá com medo mais não... | |
| | | | Freqüento... assim... muito não... mais... vô assim na Missa... |
| | | | ... aí tem veis eu vô a noite na igreja... |
| | | | mais eu vô mais de manhã |
| | | | ... se fô pra mim í lá em cima sozinha eu num vô ... |
| vou dar | num vô dá parte que pode ficá pió... | num vô dá parte que pode ficá pió... | |
| vou matar | aí num tava com dinheiro... pensô... capais vô matá ele então né? | aí num tava com dinheiro... pensô... capais vô matá ele então né? | |
| vou mexer | ... minha mãe falava ah num vô mexê c/essas vazia mais de jeito nenhum... | ... minha mãe falava ah num vô mexê c/essas vazia mais de jeito nenhum... | |
| vou pegar | ... aqui não... quando eu vô pegá va... é... mexê... | ... aqui não... quando eu vô pegá va... é... mexê... | |
| | | | ... eu num guento ficá perto..... falo mãe eu não vô ... |
| vou fazer | ô... eu não vô fazê panela | ô... eu não vô fazê panela | |
| | | | Eu vô um dia numa casa... dois na outra... |
| vou arrumar | aí falei ah::: vô arrumá outro... | aí falei ah::: vô arrumá outro... | |
| vou trabalhar | ... eu saio de lá vô trabaiá num... numa casa onde a pessoa num dá valor... | ... eu saio de lá vô trabaiá num... numa casa onde a pessoa num dá valor... | ... eu saio de lá vô trabaiá num... numa casa onde a pessoa num dá valor... |

| | | | | |
|---------|--|---|---|--|
| | vou tomar | ... num vô tomá o serviço da senhora não... | ... aí minha prima falô precisa tê medo não comade... num vô tomá o serviço da senhora não... | |
| 33 | | | | 12 |
| TU | | | | |
| ELE | | | | aliás lembrá cê num vai né ((risos))... |
| | vai morrer | todos nós assim tem um momento que a gente::: acha que vai morrê né? | todos nós assim tem um momento que a gente::: acha que vai morrê né? | |
| | vai dar | tem dificuldades que a gente enfrenta que acha que num vai dá conta de superá | tem dificuldades que a gente enfrenta que acha que num vai dá conta de superá | |
| | vai olhar | ... ah num dianta não... ele num vai... num vai oiá por isso não... | ... ah num dianta não... ele num vai... num vai oiá por isso não..... falei vai... | |
| | vai esperar | aí ele falô assim... mais quem tá... num tem nada pra comê em casa vai esperá até amanhã? | aí ele falô assim... mais quem tá... num tem nada pra comê em casa vai esperá até amanhã? | |
| | vai comprando | paga as prestação né? vai comprano os poquim | paga as prestação né? vai comprano os poquim... ganha um do de um jeito... outro... outro dá uma coisa... é... vai viveno ... | |
| | vai vivendo | os poquim... ganha um do de um jeito... outro... outro dá uma coisa... é... vai viveno... | | |
| | vai indo | Nossa Senhora é uma luta feia... mais vai ino... sempre eu liso assim... | Nossa Senhora é uma luta feia... mais vai ino ... sempre eu liso assim... | |
| | vai indo | ... e ponho pra vendê... e assim vai ino... | ... e ponho pra vendê... e assim vai ino ... | |
| | vai ver | ... mais cê vai... se vê com sofrimento... | tem mãe falano assim ó cê tem que ajudá seu fii... pra ele num robá... pra ele num fazê isso... tem que ensiná ele dento de casa... mais cê vai... se vê com sofrimento... | |
| vai ser | ... se amanhã cê falá que num tem... com/é que vai sê... | ... se amanhã cê falá que num tem... com/é que vai sê ... com/é que cê vai sabê como ele vai reagí ... | | |

| | | | |
|------------------|--|---|---|
| vai saber | com/é que cê vai sabê | | |
| vai reagir | como ele vai reagí... | | |
| vai encontrar | ... mais ocê sai lá na frente cê vai encontrá uma pessoa... que te lude... | ... mais ocê sai lá na frente cê vai encontrá uma pessoa... que te lude... | |
| | | | uma veis ele falô que ia... nunca foi... mais porque num vai ? |
| vai voltar | Aí meu menino fica assim... ai mãe... senhora vai voltá até a Nataniele já tá quase alcançano a senhora... | Aí meu menino fica assim... ai mãe... senhora vai voltá até a Nataniele já tá quase alcançano a senhora... que minha | |
| vai fazer | que minha caçulinha já fais... já vai fazê o segundo ano... o ano que vem né? | caçulinha já fais... já vai fazê o segundo ano... o ano que vem né? | |
| vai ensinando | Experiência de vida vai ensinano isso pra gente né? | Experiência de vida vai ensinano isso pra gente né? | |
| vai crescer | ... meu fii vai crescê desce... parecendo cigano... | ... meu fii vai crescê desce... parecendo cigano... | |
| vai construir | ... com/é que vai construí pagano aluguel... | ... com/é que vai construí pagano aluguel... | |
| vai acabar | ... o mundo vai acabá... todo mundo fala qu/o mundo vai acabá... | ... o mundo vai acabá ... todo mundo fala qu/o mundo vai | |
| vai acabar | todo mundo fala qu/o mundo vai acabá... | acabá ... | |
| vai acabar | ... que o mundo vai acabá... | ... que o mundo vai acabá ... | |
| vai acabar | o povo ficava falano assim... ah::: que o mundo vai acabá... | o povo ficava falano assim... ah::: que o mundo vai acabá ... | |
| | | | Levo... sempre vai comigo é a Natália... |
| vai equilibrando | (risos) mais é bom que vai equilibrando | (risos) mais é bom que vai equilibrando | |

| | | | |
|--------------|---|---|--|
| vai fazer | ... minha mãe sempre fala... tem que aprendê... num é torno não... mais cê vai fazê... | ... minha mãe sempre fala... tem que aprendê... num é torno não... mais cê vai fazê ... | |
| vai levando | ... aí a gente vai levano as peça pra lá... | ... aí a gente vai levano as peça pra lá... | |
| vai pagando | ... saí o dinheiro aí vai pagano o barro que ele troxe né? | ... saí o dinheiro aí vai pagano o barro que ele troxe né? | |
| vai fazendo | É... pra num rachá e vai fazeno... tudo na mão... manual | É... pra num rachá e vai fazeno ... tudo na mão... manual | |
| vai passando | Tudo na mão... vai passano sabugo | | |
| vai virando | aí vai virano ela... | Tudo na mão... vai passano sabugo aí vai virano ela... | |
| vai aprender | tem costume de fazê acha até faci... mais pra quem... quando a gente vai aprendê:::... dá trabalho... | tem costume de fazê acha até faci... mais pra quem... quando a gente vai aprendê :::... dá trabalho... | |
| | | | Pois é... mais de:::pois que... que tá pronto... é... vai ... tem de colocá no forno? |
| vai lixando | a gente pega no rii... aí a gente vai lixano a panela até::: ela ficá lisinha... | a gente pega no rii... aí a gente vai lixano a panela até::: ela ficá lisinha... | |
| | | | nóis coloca ela a vazia no forno de manhã... vai ela... até a noite... |
| | | | Pois é... aí junta... o...o... por exemplo as panela de uma semana e todas vão pro forno juntas? [Inf. Vai |
| | | | Doc. Ô... ô... vai ... fais cinco hoje queima... |

| | | | | |
|-----|---------------|--|---|--|
| | vai arrumando | a... depois coloca outra... vai arrumano direitim pra elas num quebrá né? | a... depois coloca outra... vai arrumano direitim pra elas num quebrá né? | |
| | vai pôr | sempre quando ela vai pô vazia no fogo eu peço meu marido pra queimá pra ela | sempre quando ela vai pô vazia no fogo eu peço meu marido pra queimá pra ela | |
| | vai indo | Mais vai ino... | Mais vai ino ... | |
| | vai indo | Mais vai ino né? assim a vida né? | Mais vai ino né? assim a vida né? | |
| | | | | que cê num vai todo dia |
| | | | | ... falei num vai memo... ((risos)) |
| 35 | | | | 9 |
| NÓS | vamos tirar | ele falô não tá... tá no meis certo... então vamo tirá qu/eu ia... operá né? | ele falô não tá... tá no meis certo... então vamo tirá qu/eu ia... operá né? | |
| | vamos levar | ... aí mim chamô... vamo levá a rôpa do seu pai lá... | ... aí mim chamô... vamo levá a rôpa do seu pai lá... | |
| | | | | ... aí minha falô assim... vamo lá levá as rôpa do seu pai... |
| | | | | ... aí ela vamo lá... |
| | | | | aí falei então vamo ... |
| | | | | i minha irmã vamo ... |
| | | | | ... aí minha mãe falô assim... vamo minha... aí minha mãe queria batê nela... |
| | | | | falei não vamo só nós duas memo... |
| | | vamos acabar | ... então vamo cabá com isso tudo né? | ... então vamo cabá com isso tudo né? |
| | vamos ver | ... aí ele fica () ((risos)) mais num sei vamo vê... té::: pensá mais | ... aí ele fica () ((risos)) mais num sei vamo vê ... té::: pensá mais | |

| | | | | |
|------|-----------------|--|--|---|
| | vamos ver | aí eu tenho vontade... mais vamo vê... o que que... o que Deus tá preparano pra mim | aí eu tenho vontade... mais vamo vê ... o que que... o que Deus tá preparano pra mim | |
| | vamos construir | Pois é... já pensô? Se eu num tivesse::: é... pensado não... pensá positivo né? não vamo construí:::.... vivê... | Pois é... já pensô? Se eu num tivesse::: é... pensado não... pensá positivo né? não vamo construí :::.... vivê... | |
| | vamos aprender | e minha mãe... ah::: vamo aprendê Sidinéia... | e minha mãe... ah::: vamo aprendê Sidinéia... | |
| 7 | | | | 6 |
| VÓS | | | | |
| ELES | | | | Pois é... aí junta... o...o... por exemplo as panela de uma semana e todas vão pro forno juntas? |
| | | | | 1 |
| | | 75 | | 28 |

| RESUMO DOS DADOS | | |
|------------------|-----------|-------------|
| PESSOAS VERBAIS | PERÍFRASE | DEMAIS USOS |
| EU | 33 | 12 |
| TU | 0 | 0 |
| ELE | 35 | 9 |
| NÓS | 7 | 6 |
| VÓS | 0 | 0 |
| ELES | 0 | 1 |
| TOTAL | 75 | 28 |